



Universidade Federal do Pará  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia

**Rui Jorge Moraes Martins Júnior**

**Visto, logo existo: moda, sociabilidade feminina e  
consumo em Belém no limiar do século XX**

Belém / Pará

2010

**Rui Jorge Moraes Martins Júnior**

**Visto, logo existo: moda, sociabilidade feminina e  
consumo em Belém no limiar do século XX**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará, para obtenção do título de Mestre em História Social da Amazônia.

Orientação: Profa. Dra. Franciane Gama Lacerda

Belém / Pará

2010

**Rui Jorge Moraes Martins Júnior**

**Visto, logo existo: moda, sociabilidade feminina e  
consumo em Belém no limiar do século XX**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará, para obtenção do título de Mestre em História Social da Amazônia. Orientação: Profa. Dra. Franciane Gama Lacerda

Banca de defesa: 12/07/2010

Banca examinadora:

---

Profa. Dra. Franciane Gama Lacerda (Orientadora/PPHIST/UFPA)

---

Prof. Dr. Aldrin Moura de Figueiredo (Membro/PPHIST/UFPA)

---

Profa. Dra. Eneida Correa de Assis ((Membro/PPGSC/UFPA)

Belém / Pará

2010

### **Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

(Biblioteca de Pós-Graduação do IFCH/UFPA, Belém-PA)

---

#### **Martins Júnior, Rui Jorge Moraes**

Visto, logo existo: moda, sociabilidade feminina e consumo em Belém no limiar do século XX / Rui Jorge Moraes Martins Júnior; orientadora, Franciane Gama Lacerda. - 2010

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2010.

1. Moda - Belém (PA) - História - Séc. XX. 2. Trajes - Belém (PA) - História - Séc. XX. 3. Consumo (Economia) - Belém (PA) - Séc. XX. 4. Mulheres - Condições sociais. 5. Sociabilidade. 6. Belém (PA) - Usos e costumes. I. Título.

**CDD - 22. ed. 981.15**

---

A minha mãe Ângela Gomes, com amor.

*(In memoriam)*

## AGRADECIMENTOS

Findar esta dissertação seria tarefa bem mais embaraçada, se não fosse pelo convívio e acolhimento de algumas importantes pessoas. Primeiramente um agradecimento geral a todos que contribuíram para tessitura desse trabalho. Não posso deixar de dedicar especialmente a minha mãe Ângela Gomes (queria que estivesse por aqui neste momento) que vibrava com minhas conquistas, e de onde quer que esteja me manda muita força para continuar.

A minha família e aos meus amigos (como é difícil apontar, mas cada um de vocês sabe o grau de importância em minha trajetória). Aos colegas de turma do mestrado, em especial a Edivania Alves (entre aflições e estudos estamos por aqui). Aos professores da UFPA, em especial a minha (exigente e dedicada) orientadora Profa. Dra. Franciane Gama Lacerda. “Fran” suas minuciosas leituras e pontuais correções foram um grande aprendizado em minha formação como pesquisador. Também ao Prof. Dr. Aldrin Moura de Figueiredo (por suas sempre excelentes pistas de pesquisa), assim como ao Prof. Dr. Maurício Costa (apreciador em minha qualificação e incentivador desta pesquisa).

Agradeço a Carlos Sarmiento (pelo convívio cotidiano dos últimos tempos). Até aos não mais amigos. Aos mortos que sempre deixam saudades. Aos vivos. As pessoas do passado. As do presente. Aos que estão no Brasil e fora dele. Aos sorrisos sinceros (e que bom são estes sorrisos verdadeiros). A famosa atriz que encontrei certa vez na Praça da República em Belém (aquele dito “sucesso!” ainda está em mim). A todos, meu muito obrigado!

Belém do Pará, junho de 2010

“E eles conheceram que estavam nus.”

*Do Gênese, 3:7.*

“O incapaz se cobre;  
o rico se enfeita;  
o presunçoso se disfarça;  
o elegante se veste.”

*Honoré de Balzac*

“Crie seu próprio estilo visual...  
deixe-o ser único para você e, contudo,  
identificável para os outros.”

*Orson Welles*

“A moda é um circo cheio de  
palhaços que se  
levam muito a sério.”

*John Casablancas*

## RESUMO

A dissertação discute o vestuário feminino em Belém do Pará nas duas primeiras décadas do século XX, buscando compreender os múltiplos sentidos dados à roupa feminina pelas próprias mulheres e pelos cronistas de revistas e jornais que circulavam na capital paraense como *A Semana*, *Belém Nova*, *A Tarde*, *A Palavra*, a *Folha do Norte* dentre outros. Nesse sentido, as reflexões se voltam para as relações entre o consumo de elementos de moda e o avanço da *modernidade* em Belém, tendo como pano de fundo as profundas transformações urbanas por que passou a cidade nas primeiras décadas do século XX, marcadas posteriormente pela crise nos negócios da borracha. Revelam-se assim, a busca por mudanças de algumas dessas mulheres construídas a partir do corte dos cabelos, do comprimento das saias, a construção de uma nova aparência, e as preocupações em disputar espaços além da ambiência do privado. Assim, a sociabilidade construída por muitas mulheres da elite, sugere o questionamento do seu papel social, em que a moda, por vezes, funcionava como discurso não-verbal.

Palavras - chave: Moda; Mulher; Sociabilidade; Aparência; Pará.



## ABSTRACT

The dissertation discusses the women's clothing in Belém in the first two decades of the twentieth century, trying to understand the multiple meanings given to women's clothing by women themselves and by the chroniclers of magazines and newspapers that circulated in the major city of Pará as *A Semana*, *Belém Nova*, *A Tarde*, *A Palavra*, *Folha do Norte* among others. In this regard, the discussions turn to the relationship between the consumption of fashion elements and the advance of modernity in Belém, with the backdrop of the profound transformations undergone by the urban city in the early decades of the twentieth century, marked by the crisis in the later business of rubber. They reveal themselves so the quest for change in some of these women constructed from cutting the hair, the length of skirts, the construction of a new look, and concerns play spaces beyond the ambience of the private. Thus, sociality built by many elite women, suggests a questioning of its social role in that fashion, sometimes functioned as non-verbal speech.

Key - words: Fashion; Women; Sociability; Appearance; Pará.

**LISTA DE FIGURAS**  
(Iconografias)

Fig. 1 (Capa, <i>A Semana</i> , 01 de abril de 1922, Belém, Obras Raras, Centur).....	38
Fig. 2 (Capa, <i>A Semana</i> , 20 de janeiro de 1923, Belém, Obras Raras, Centur).....	38
Fig. 3 Propaganda do sapato Walk-Over ( <i>A Palavra</i> , 06 de dezembro de 1917, Belém, Jornais, Centur).....	42
Fig. 4 (Capa, <i>A Semana</i> , 29 de abril de 1922, Belém, Obras Raras, Centur).....	60
Fig. 5 (Capa, <i>A Semana</i> , 01 de novembro de 1922, Belém, Obras Raras, Centur). ....	60
Fig. 6 (Capa, <i>A Semana</i> , 22 de novembro de 1924, Belém, Obras Raras, Centur). ....	61
Fig. 7(Capa, <i>A Semana</i> , 10 de janeiro de 1925, Belém, Obras Raras, Centur).....	61
Fig. 8 (Capa, <i>A Semana</i> , 28 de agosto de 1926, Belém, Obras Raras, Centur). ....	63
Fig. 9 (Anúncio interno, <i>A Tarde</i> , 02 de agosto de 1916, Belém, Jornais, Centur). ....	95
Fig. 10 (Anúncio interno Regulador Beirão, <i>A Palavra</i> , 22 de fevereiro de 1917, Belém, Jornais, Centur).....	103
Fig. 11 (Anúncio Elixir de Camapú Beirão, <i>A Palavra</i> , 27 de maio de 1926, Belém, Jornais, Centur). ....	106
Fig. 12(Anúncio Sedativo Regulador Beirão, <i>A Palavra</i> , 26 de fevereiro de 1928, Belém, Jornais, Centur). ....	106
Fig. 13 (Anúncio Bazar Paraense, <i>A Palavra</i> , 04 de setembro de 1919, Belém, Jornais, Centur). ....	124
Fig. 14 (Anúncio Casa Guerra, <i>A Palavra</i> , 29 de setembro de 1918, Belém, Jornais, Centur). ....	135

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
Explicando o recorte temporal e os capítulos .....	23
Documentos e testemunhos em “cousas miúdas” .....	25
<b>PRIMEIRO CAPÍTULO - MODA E SOCIABILIDADE</b> .....	34
1. Sociabilidade e “Modas de Mulher” .....	37
2. O vestir-se para os bailes e festas. ....	66
3. “Vestidas sem se cobrir”: a moda na igreja e depois da cerimônia. ....	75
4. O cinema e a sessão de moda. ....	86
<b>SEGUNDO CAPÍTULO - APARÊNCIAS, CONSUMO E MATERIALIDADES DA MODA</b> ....	93
1. Corpo: manequim da roupa e da beleza.....	94
2. Cuidados com os indumentos e saúde .....	103
3. Mantendo as aparências em tempos de crise .....	109
4. Anúncios de moda: convite ao consumo .....	119
5. Fazendas e miudezas: a materialidade das modas femininas.....	126
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	137
<b>FONTES</b> .....	140
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	146

## INTRODUÇÃO

“Meus senhores, minhas senhoras. Nos cuidados da *toilette* também se afirma a arte que cada qual tem de viver na sociedade. Deve-se evitar o uso dos chinelos de trança com casaca e de calça branca com sobre casaca” e que “a camisa de flanela de cor não assenta bem com o smoking e deve-se usar o menos possível peúgas sujas [...] Isto de viver com gente educada é mais difícil do que parece e o ser-se magro não ajuda nada para ser fino”.<sup>1</sup>

Em outubro de 1915 o diário *A Tarde*, que circulava em Belém do Pará, publicava o trecho acima no artigo intitulado “*Sobre a arte de viver em sociedade*”. Chamou-nos atenção a maneira cuidadosa como descrevia algumas normatizações para a “difícil tarefa” de viver elegantemente. Segundo o articulista, “a arte de viver na sociedade” era “uma das mais difíceis de cultivar no planeta”. Desse modo, para o colaborador do vespertino, esse aprendizado não deveria ser procurado “na matemática, na balística, na ginástica sueca ou na genealogia”. Era um “saber, segundo ele, de experiência feito”, como o de personagens “que fala a Bíblia”.<sup>2</sup>

Segundo o autor do artigo “os homens mais inteligentes, os espíritos mais cultos, o próprio inventor da pólvora e os estudiosos mais eruditos podiam, em determinada altura, mobilizar a sua independência, o seu engenho, a sua erudição”, entretanto “de nada lhes servirão na hora em que numa sala, pisarem o vestido de uma senhora.” Mesmo “os livros mais extraordinários, os compêndios mais extravagantes, as deduções mais hábeis não lhes ensinarão qual a atitude a tomar em tal conjuntura”. Continuando sua argumentação sobre a importância das boas maneiras associadas ao bem vestir, dizia que “o geômetra mais hábil não se poderá valer da trigonometria esférica para descobrir que é sempre o braço esquerdo aquele, que se oferecem às senhoras”. Na última parte, dessa espécie de manifesto da

---

<sup>1</sup> *A Tarde. Sobre a arte de viver em sociedade*. Folhetim d’*A Tarde*, 21 de outubro de 1915, p. 1.

<sup>2</sup> *Ibid.*

elegância, o articulista ensinava que era necessário durante uma visita “deixar na antecâmara o *sobretudo*, o chapéu de chuva ou a bengala”. Já na “saída” não era “próprio levar um, sobretudo melhor ou uma bengala com castão de mais valia, a não ser que haja muitos e seja depois difícil estabelecer quem levou o que lhe não pertencia”.<sup>3</sup>

Se de um lado tais recomendações do articulista d’A *Tarde* indicam padrões de comportamento social, de outro lado sugerem um pouco do cotidiano de moradores mais abastados da cidade de Belém na primeira década do século XX. De fato, como esta parcela da sociedade dispunha de recursos, isso acabava também intensificando preocupações com vestuário conforme veremos a seguir, e com as idéias de elegância em sociedade.<sup>4</sup> Desse modo, as compreensões de Norbet Elias, nos ajudam a refletir sobre o objeto de pesquisa na medida em que tal autor aponta caminhos para a compreensão da sociabilidade que vai sendo gestada no século XIX, pelos grupos burgueses. Essas preocupações também podem ser vistas em uma pequena capital como Belém, que vivia as contradições de um breve processo de urbanização. Assim, como assevera Norbert Elias, há “intensa vigilância” vivenciada pelos “membros da classe superior” a respeito da “fala”, dos “gestos”, das “distrações e maneiras”. Segundo Elias esses grupos se “observavam e poliam tudo o que os distinguiu das pessoas de categoria mais baixa”. No século XIX “com a gradual ascendência dos estratos econômicos, comerciais e industriais burgueses”, os critérios escolhidos para se conquistar o *status* na sociedade se modificaram, adotando novos padrões de comportamento.<sup>5</sup>

De fato, como enfatiza Norbert Elias a ascensão da burguesia no século XIX, se expressará também na “ornamentação da casa”, na “etiqueta” nas “visitas”, no “ritual a mesa” que passaram a ser instrumentalizados na “esfera da vida privada”<sup>6</sup> e tornaram-se símbolos de conduta da classe alta. Essas “ondas de expansão dos padrões de conduta civilizada” para a classe alta configurada no século XIX “fizeram-se acompanhar do aumento do poder social da mesma e da elevação do seu padrão de vida ao da que estava acima, ou pelo menos nessa direção”. Sendo assim podemos entender que os critérios estabelecidos para que esses

---

<sup>3</sup> *Ibid.*

<sup>4</sup> “A moda e o vestuário, mesmo intrinsecamente ligados, não podem ser confundidos. O vestuário proporciona o exercício da moda, e esta atua no campo do imaginário, dos significantes; é parte integrante da cultura”. A esse respeito, ver mais detidamente: SANT’ANNA, Mara Rúbia. *Teoria de moda: sociedade, imagem e consumo*. 2 ed. São Paulo: Edição das Letras e Cores, 2009, p. 75.

<sup>5</sup> ELIAS, Norbert. *Restrições crescentes à classe alta: pressões crescentes a partir de baixo*. In: *O Processo Civilizador (Vol. 2)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993, p. 251-253.

<sup>6</sup> *Ibid.*

membros se reconhecessem como partícipes da mesma classe se alteraram sensivelmente no século XIX. Passaram a se exigir, segundo Elias, um “padrão de vida alto e um grau bem elevado de segurança”.<sup>7</sup>

Na medida em que se estabeleciam os padrões de elite no século XIX “grupos burgueses enfatizavam cada vez mais sua auto-imagem especificamente burguesa”. À luz das reflexões de Norbert Elias, podemos dizer que “dependendo da situação específica” de cada membro dessa elite, “contrastavam o trabalho com a indolência aristocrática, a natureza com a etiqueta, o cultivo da cultura e da moral com o das boas maneiras e da boa conversa”.<sup>8</sup> Seguindo este caminho reflexivo atentaremos para a questão das variações culturais, ou melhor, as variações indumentárias e as normatizações da moda nas primeiras décadas do século XX em que se cultivavam também as boas maneiras e etiquetas burguesas na sociedade belenense.

Inicialmente, reconhecemos que as variações da indumentária nos fins do século XIX e início do XX acabavam revelando e escondendo posições sociais. A observação de John Harvey delinea essa idéia anterior: “Nossa vestimenta externa tem também uma função interna. Se as roupas têm um significado este é, antes de mais nada pessoal – ele nos diz que somos, o que podemos ser, o que queremos ser”.<sup>9</sup> Para Harvey “grande parte da missão cumprida pela roupa é de administrar a ambivalência”. Isso pode ser melhor entendido quando analisamos as roupas de homens e mulheres que “jamais estão imóveis e que, ao contrário, circulam carinhosa e cuidadosamente em torno uma da outra, num movimento contínuo de mímica e desidentificação”.<sup>10</sup>

Mesmo o vestuário masculino não fazendo parte dos objetivos deste trabalho, que se deterá especificamente no vestuário feminino, observando o artigo “*Sobre a arte de viver em sociedade*”, percebemos que a roupa dos homens, também fazia parte deste conjunto de preocupações sobre a boa aparência. Assim, o articulista ao dizer que “a camisa de flanela de cor não assenta bem com o smoking”<sup>11</sup>, sugere que uma etiqueta acerca do vestuário também fazia parte do universo masculino, sobretudo dos grupos mais abastados, como comerciantes e

---

<sup>7</sup> *Ibid.*, p. 256.

<sup>8</sup> *Ibid.*, 260.

<sup>9</sup> HARVEY, John. *Homens de Preto*. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 18.

<sup>10</sup> *Ibid.*, p. 19.

<sup>11</sup> *A Tarde. Sobre a arte de viver em sociedade*. Folhetim d’A Tarde. *Cit.*, p. 1.

políticos.<sup>12</sup> Tais preocupações mais do que apenas cuidados com a elegância masculina apontam também para a própria construção da identidade destes. De fato, conforme assevera John Harvey ao se concentrar num estudo sobre as roupas de homens e o uso da cor preta por estes, estamos diante de “valores identitários, sociais, políticos, éticos”.<sup>13</sup> Assim, no final da década de 1840, por exemplo, o viajante inglês Alfred Wallace que passou por Belém, já registrava, em uma sociedade escravocrata como era o Pará, a cor preta como distinção da roupa dos homens de posse: “os brancos, via de regra, trajam-se com capricho usando roupas de linho imaculadamente limpas”. O que causou espanto ao naturalista, entretanto, foram “alguns” homens que apesar do grande calor não dispensavam “as casacas pretas e gravatas”. Tal elegância masculina, pelo olhar atento de Wallace entrava em contradição com a roupa dos índios e negros que consistia “apenas de calças de algodão branco ou listrado, às vezes completadas com uma camisa do mesmo pano”.<sup>14</sup>

Deste modo, tomando como referência algumas dessas questões suscitadas pelo artigo d’*A Tarde* esta dissertação tem por objetivo entender, a partir de alguns interlocutores pontuais e que se viram envolvidos nesse processo, as transformações e os discursos da moda conectados com a sociabilidade em Belém nas primeiras décadas do século XX. Nesse contexto a sociedade brasileira em geral mais afortunada, e isto se dava em Belém também, desfrutava das conquistas da modernidade, como o cinema, os espetáculos teatrais, o consumo de variados produtos e uma desejosa urbanidade. Segundo Marshall Berman, no ensaio *Tudo que é sólido desmancha no ar* “a modernidade não é nem um tempo, um evento ou uma teoria, projeto ou filosofia”, mas “um conjunto de experiências vividas por homens e

---

<sup>12</sup> No que toca a esse assunto, vale sublinhar o trabalho de Maria de Nazaré Sarges “*Memórias do Velho Intendente*”. Ao refletir sobre a “*construção da imagem*” do intendente de Belém, Antônio José de Lemos a pesquisadora lança mão de várias biografias protagonizadas por Lemos, para melhor entender o tempo histórico em que se deu a construção da imagem do político. Aspectos indumentários são levados em consideração pela autora como o uso de “sobrecasaca com *boutonnière fleurie* e cartola *huit reflets*” e um pretense desejo de promoção social e política. “No caso de Lemos, que não pertencia a nenhuma família aristocrata local, era até natural que assim se comportasse diante do círculo fechado da alta sociedade paraense” além da busca do reconhecimento como a “mais importante autoridade do município”, conclui a autora. A esse respeito, ver: SARGES, Maria de Nazaré. *Memórias do Velho Intendente*. Belém: Paka-Tatu, 2002, p. 31.

<sup>13</sup> HARVEY, John. *Cit.*, p. 23.

<sup>14</sup> WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelos rios Amazonas e Negro*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979, p. 20.

mulheres como contradição e incerteza, sendo como tal, um desafio constante ser um sujeito moderno”.<sup>15</sup>

Referindo-se às experiências de modernidade no Brasil, e à introdução de novas tecnologias e conseqüentemente novos modos de vida, gestados na cultura urbana, de maneira especial ao Rio de Janeiro, Nicolau Sevcenko aponta “o desenvolvimento dos novos meios de comunicação” a exemplo da, “telegrafia sem fio”, e do “telefone”, dos “meios de transportes movidos a derivados do petróleo” como a “aviação”, e igualmente a “imprensa ilustrada, a indústria fonográfica, o rádio e o cinema”.<sup>16</sup>

Seguindo esta ponderação, Mary Del Priore, em *História do amor no Brasil*, afirma que nesse cenário de mudanças, “nunca, em período anterior, tantas pessoas foram envolvidas em tal processo de transformação de hábitos cotidianos”<sup>17</sup> regidas sob a influência da expansão do capitalismo. Para a autora “a vida de brasileiras e brasileiros era então fortemente influenciada pela industrialização, pela imigração de europeus não-ibéricos e alguns não-católicos e pela urbanização” e “com repercussões consideráveis sobre as principais partes do país”.<sup>18</sup> No Brasil esse contexto de mudanças é também marcado pelo advento da República.<sup>19</sup> Um ideário de progresso marcará a reestruturação de muitas capitais,

---

<sup>15</sup> BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. 7 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 15.

<sup>16</sup> SEVCENKO, Nicolau. *A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio*. In: *História da vida privada no Brasil* (Vol. 3). São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 522. Sobre as contradições da modernidade urbana no Brasil de finais do século XIX e primeiras décadas do século XX ver, por exemplo: RAGO, Luzia Maragareth. *Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar-1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985; CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores pobres no Rio de Janeiro na belle-époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986 e *A cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996; PECHMAN, Robert Moses (Org.). *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1994; FENELON, Déa Ribeiro (org.). *Cidades*. São Paulo: PUC/Olho d'Água, 1999.

<sup>17</sup> DEL PRIORE, Mary. *Século XX*. In: *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 232.

<sup>18</sup> *Ibid.*, p. 233.

<sup>19</sup> A esse respeito, ver: CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: O imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. Sobre República no Pará ver: FARIAS, William Gaia. *Amazônia Republicana*. Belém: William Gaia Farias, 2007; *A construção da República no Pará (1886-1897)*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense (Tese de Doutorado), 2005 e *Os Intelectuais e a República no Pará (1886-1891)*. Belém: Núcleo de Altos Estudos Amazônicos/UFPA, (Dissertação de Mestrado), 2000. Ver também: COELHO, Alan Watrin. *A Ciência do governar: positivismo, evolucionismo e natureza em Lauro Sodré*. Belém: PPHIST/UFPA (Dissertação de Mestrado), 2006.



que passariam por reformas urbanísticas caracterizadas pela remodelação do espaço e por medidas de higienização.<sup>20</sup>

No contexto regional, os negócios da borracha propiciaram esse remodelamento da cidade de Belém na virada do século XIX para o XX. Nesse espaço conforme assevera Sarges, houve também a “introdução de novos hábitos de vida”. Os “novos ricos” passaram a construir suas residências “inspiradas no *Art Nouveau*, com azulejos de Portugal, colunas de mármore de carrara e móveis de ebanistas franceses”.<sup>21</sup> Na cidade de Belém, tais reflexos se expressam na “construção de prédios como o Teatro da Paz, o Mercado Municipal do Ver-o-Peso, Palacete Bolonha, Palacete Pinho, criação de uma linha de bondes” assim como “instalação de bancos” e “companhias seguradoras, estas últimas intimamente ligadas ao sistema financeiro estabelecido na região”.<sup>22</sup> Para além da questão estrutural da cidade, percebemos algumas mudanças nos hábitos e costumes, que irão desencadear também alterações nas relações de homens e mulheres, nos arranjos familiares, nos valores do casamento e até mesmo no rompimento de práticas conservadoras, a exemplo dos divórcios.<sup>23</sup>

No entanto, no findar do primeiro decênio do século XX a economia gomífera sofreria graves sinais de abalo. Os efeitos dessa crise foram destacados pelo memorialista Octavio Meira ao descrever a “borracha, que fora sua riqueza, era então sua desgraça”. Em suas lembranças de infância, Meira diz que em “1912, o nosso monopólio natural terminara com a entrada do produto plantado pelos ingleses e holandeses no oriente” e que o “preço caíra a taxas vis”. Não passa despercebida que naquele momento de crise o “governo se

---

<sup>20</sup> Acerca dessas preocupações historiográficas na Amazônia, ver os trabalhos pioneiros de Sarges e Dias. SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)*. Belém: Paka-Tatu, 2002; DIAS, Ednéa Mascarenhas. *A ilusão do Fausto – Manaus 1890 – 1920*. Manaus: Valer, 1999. Ver também SILVA, Jairo de Jesus Nascimento da. *Em Busca da Cura: Os debates entre medicina científica e medicina popular acerca da profilaxia adequada à varíola, em Belém, de 1884 a 1904*. Belém: PPHIST/UFPA (Dissertação de Mestrado), 2009 e AMARAL, Alexandre Souza. *Vamos à vacina? Doenças, saúde e práticas médico-sanitárias em Belém (1904 a 1911)*. Belém: PPHIST/UFPA (Dissertação de Mestrado), 2006.

<sup>21</sup> SARGES, Maria de Nazaré. *Cit.*, p. 82.

<sup>22</sup> *Ibid.*, p. 83.

<sup>23</sup> Seguindo estas pistas Cristina Donza Cancela na tese de doutorado “*Casamento e relações familiares na economia da borracha (Belém-1870-1920)*”, enfatiza práticas de casamentos entre as famílias de elite, códigos de riqueza, vida material, alianças sociais e transmissão de heranças. CANCELA, Cristina Donza. *Casamentos e relações familiares na economia da borracha (Belém – 1870 – 1920)*. São Paulo: Universidade de São Paulo (Tese de Doutorado), 2006. A esse respeito ver também: CAMPOS, Ipojuca Dias. *Casamento, divórcio e meretrício em Belém no final do século XIX*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, PUC (Dissertação de Mestrado), 2004.

atrasava irremediavelmente no pagamento dos funcionários” e que a “União Federal depois de tentar fragilmente uma política impossível de defesa dos preços da *hévea* cruzara os braços diante do nosso desastre irremediável”.<sup>24</sup> Em suas lembranças o memorialista alinhavava que se encerrava “naqueles anos uma fase histórica da Amazônia. Tão cedo tempos iguais não voltariam”. Entretanto mesmo com este quadro calamitoso Belém, nas palavras de Meira, era uma cidade cosmopolita. Cabarés afamados tomavam nome parisiense, como o *Moulin Rouge*” e “mulheres caras vinham povoar lupanares”<sup>25</sup> na capital do Pará.

Barbara Weinstein ao analisar a crise da economia do látex no já clássico trabalho “*A Borracha na Amazônia: expansão e decadência*” informa que mesmo em “janeiro de 1910, o mundo industrial foi subitamente acometido de grave crise de febre da borracha”. A historiadora corrobora que dos anos de 1908 até 1910 a cotação dos preços da borracha crescia gradativamente, o que estimulou “capitalistas de todo o mundo” a investirem “apressadamente na produção da borracha bruta”. O que não se esperava era o “violento mergulho que deu o mercado da borracha bruta nos meses restantes de 1910”.<sup>26</sup> Ainda a esse respeito, Weinstein informa que logo após a queda das cotações de 1910, “comerciantes e políticos do Pará” buscaram apoio do Banco do Brasil.<sup>27</sup>

Em 1911, o Pará estava envolto por dívidas. A dívida do Estado a credores “nacionais e estrangeiros” nesse ano se aproximava de 7.000 contos e no decorrer dos cinco anos adjacentes esse número “quase quadriplicou”. Para Weinstein, o setor privado lutava

---

<sup>24</sup> MEIRA, Octavio. *Memória de quase ontem*. Rio de Janeiro: Lidador, 1976, p. 135.

<sup>25</sup> *Ibid.*, p. 141.

<sup>26</sup> WEINSTEIN, Barbara. *A Longa decadência (capítulo 8)*. In: *A Borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993, p. 241.

<sup>27</sup> Segundo Weinstein o Banco do Brasil a partir da segunda metade de 1910 passou aceitar “depósitos em borracha como garantias para empréstimos”. Entretanto o mercado da borracha não mostrava sinais significativos de recuperação, o que levou o governo federal suspender suas operações. Precipitada ou não a decisão do Banco do Brasil se confirmaria nos anos subseqüentes. Em 1910 a produção em tonelada no Brasil era de 40.800 toneladas, já em 1918 caía para 30.700. Em contrapartida em 1910 a produção total da Ásia alcançava a marca de 8.753 toneladas e em 1918 avançava fortemente para 241.579. Cristina Scheibe Wolff, também se referindo à crise das exportações do látex lembra que em 1913 a produção amazônica da borracha perdia seu lugar para a produção no Oriente. “Como consequência da grande quantidade de borracha no mercado, bem como dos menores custos da produção da borracha oriental, o preço do produto começou a cair em grandes proporções”. Para Wolff o declínio da borracha “não se deu de uma hora para outra” e foi na década de 1930 que a produção atingiu seus piores níveis. Segundo a autora nos anos de 1931 e 1932 a produção atingiu respectivamente 12.623 e 6.224 toneladas. WOLFF, Cristina Scheibe. ... *E não desapareceram... A sobrevivência na floresta (1913-1945)*. In: *Mulheres da Floresta: uma história: Alto Juruá, Acre (1890-1945)*. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 100 seq.

para “sobreviver” e assim a “elite amazônica não tinha outra escolha senão voltar-se para o Rio de Janeiro em busca de auxílio”.<sup>28</sup> Devemos também entender que na República Velha, o prestígio de uma região estava intrinsecamente ligado a economia local. E que mesmo vivendo o “fausto” da economia gomífera, a Amazônia “estava distante da linha de frente da mudança sócio-econômica no Brasil”. O resultado era a interpretação por parte do governo federal de que a Amazônia “continuava a ser uma economia tradicional de exportação de um só produto, com um produto interno pequeno, que não havia sinal nenhum de expansão”.<sup>29</sup>

Uma onda de falências se anunciava no Pará. Em 1913 “muitos estabelecimentos já haviam entrado em dissolução” e “muitos mais iriam falir no decorrer da década”. Jornais de circulação de Belém “dedicavam páginas sobre leilões de jóias penhoradas, cujos proprietários não tinham condições de resgatar”.<sup>30</sup> A receita do Estado caía vertiginosamente e a situação mostrou pioras em 1914 após a deflagração da Primeira Guerra Mundial. Observado o problema de perto, Weinstein registra que “com o comércio internacional seriamente desintegrado pelo conflito europeu, a receita do Pará com a exportação caiu de 9.893 contos, em 1912, para apenas 4.430 contos em 1914”.<sup>31</sup>

Mesmo considerando-se os problemas da chamada crise da borracha, apontados anteriormente, as fontes pesquisadas sugerem que em Belém, práticas de sociabilidade e estratégias de consumo, relacionadas à moda não deixaram de fazer parte da vida cotidiana de grupos mais abastados, apesar da crise econômica experimentada no Pará e no Amazonas.

A idéia é abordar as pluralidades sociais vivenciadas em Belém nas primeiras décadas do século XX a partir, sobretudo do vestuário e das relações desse processo com sociabilidades femininas pertencentes aos grupos mais abastados. Assim, como evidencia Maria Stella Brescianni “as cidades são antes de tudo uma experiência visual”<sup>32</sup> e cabe ao

---

<sup>28</sup> *Ibid.*, p. 256.

<sup>29</sup> *Ibid.*, p. 260.

<sup>30</sup> *Ibid.*, p. 262-263.

<sup>31</sup> *Ibid.*, p. 281.

<sup>32</sup> Mergulhar nos meandros do universo social citadino nos leva a repensar as variantes das construções e dos movimentos sociais. De acordo com Brescianni dentre as possibilidades documentais para se historiar as cidades estão às descrições de viajantes, relatos de memorialistas e textos de literatos. Vale ressaltar que estas fontes não encerram, no campo interpretativo, as complexas tramas vivenciadas na cidade e nem as motivações que levam as transformações nas formas do traçado urbano e das edificações. Num balanço histórico sobre as produções que inquiriram cidade Brescianni ressalva que ocorreram “avaliações complexas e contraditórias inicialmente realizadas por filósofos, filantropos, médicos, logo depois, por engenheiros sanitários, historiadores, sociólogos e urbanistas”. Vide BRESCIANNI, Maria Stella. *História e Historiografia das Cidades, Um Percuro*. In:

historiador interpretar as multiplicidades desse espaço para além da realidade edificada em prédios e praças. A cidade deve ser entendida como um espaço de constante sociabilidade e que ganha contornos visuais, estéticos, sonoros e culturais a partir das experiências dos que estão inseridos nela. Também se referindo às cidades Maria Izilda Santos de Matos enfatiza “as transformações no espaço urbano vêm atraindo a atenção de vários historiadores”, porém lança uma advertência quando diz que “algumas questões ainda não tem merecido a devida atenção (cabe destacar a falta de observação nas tensões entre os espaços privado e público)”.<sup>33</sup>

Partindo dessas compreensões a dissertação pretende investigar algumas dessas questões tendo como referência a moda e a sociabilidade. Portanto, nossas inquições visam entender os significados e constituição da “moda” para mulheres nos estratos sociais mais elevados na capital paraense, ligadas à sociabilidade desse segmento social.

Diante disso, nessa pesquisa, sobre vestuário e sociabilidade em Belém, alguns autores nos auxiliam em nossa investigação, para uma percepção mais afinada sobre *mulher e moda*, mesmo sem ser alvo deste historiador recorreremos primeiramente aos preceitos de Marc Bloch ao dizer que “os fatos humanos são, por essência, fenômenos delicadíssimos, muitos dos quais escapam a medida matemática. Cumpre usar uma linguagem finíssima, uma cor adequada ao tom verbal, para traduzir bem os fatos humanos e, portanto para penetrá-los bem”.<sup>34</sup> Realçando tais idéias, Roger Chartier enfatiza que “as estruturas do mundo social não são um dado objetivo, tal como não são as categorias intelectuais e psicológicas: todas elas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que constroem as suas figuras”.<sup>35</sup>

---

FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. 2 Ed. São Paulo: Contexto, 1998, p. 237.

<sup>33</sup> As mudanças nas abordagens historiográficas sobre cidade passaram a acontecer a partir das próprias transformações urbanas. O que Mattos chama de “cidade-questão” passou a ser mais um desafio a ser enfrentado no campo de análise pelos historiadores. Como desdobramentos também surgiram outras categorias de análise como “cidade-memória” e “cidade-documento” que possibilitariam novos interrogatórios para além da leitura espacial e concreta de cidade. *Vide* MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura*. Bauru, SP: EDUSC, 2002, p. 37.

<sup>34</sup> BLOCH, Marc. *Introdução a História*. Lisboa: Europa-América, 1987, p. 29.

<sup>35</sup> CHARTIER, Roger. “Introdução”. In: *A história cultural – entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990, p. 27.

Trabalhos internacionais, alguns considerados clássicos e outros mais contemporâneos, demonstram fôlego no que tange aos estudos de moda.<sup>36</sup> Até meados do século XX os estudos sobre moda eram esporádicos no campo das ciências humanas, mesmo com a alteração da importância do setor de moda desde o século XIX. Para Maria Lúcia Bueno, prefaciando os estudos sobre moda de Diana Crane, diz que “os raros trabalhos publicados”, mesmo que de fôlego, “foram quase sempre de cunho ensaístico”.<sup>37</sup>

Contudo podemos apontar o trabalho clássico de Georg Simmel originalmente publicado em 1904, intitulado “*Fashion*” e publicado na edição número 62 no editorial “*American Journal of Sociology*”. Este autor, segundo Bueno, “tratou de definir as mudanças na moda como um processo de imitação das elites sociais por parte de seus inferiores sociais”.<sup>38</sup> Os estudiosos do tema acabaram consagrando os estudos de Simmel como uma das primeiras teorias a definir moda, conforme sugere Bueno, como um signo de distinção social. Há também as análises da moda enquanto instância simbólica construtora de sentidos e significações sociais. Este é o tema de semiólogos como Roland Barthes. Em “*Sistema da moda*”, originalmente publicado em Paris no ano de 1967, o autor analisa a moda enquanto recurso que se transforma em “linguagem”, levando em consideração os critérios simbólicos, estabelecendo uma imbricada relação entre moda e cultura.<sup>39</sup>

Um trabalho importante que nos ajudou a pensar o tema em questão é o de Gilles Lipovetsky. Tal autor lembra que a moda “não faz furor no mundo intelectual” e continua uma espécie de advocacia dizendo que tal fenômeno não pode mais ser relegado “à

---

<sup>36</sup> A respeito desses estudos, consultar: LIPOVETSKY, Gilles. *O Império do Efêmero: a Moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, e LIPOVESTSKY, Gilles e ROUX, Elyette. *O luxo eterno: da idade do sagrado ao tempo das marcas*. São Paulo: Companhia das letras, 2005; KOHLER, Carl. *História do vestuário*. Edição e atualização de Emma von Sichart. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001; VEILLON, Dominique. *Moda & Guerra: um retrato da França ocupada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004; CRANE, Diana. *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. São Paulo: Editora SENAC SP, 2006; ERNER, Guillaume. *Vítimas da moda? Como a criamos, por que a seguimos*. São Paulo: Editora SENAC SP, 2005; HARVEY, John. *Homens de preto*. São Paulo: Editora UNESP, 2003; BENSTOCK, Shari & FERRISS, Suzanne (Orgs.). *Por dentro da moda*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

<sup>37</sup> CRANE, Diana. *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. São Paulo: Editora SENAC SP, 2006, p. 10.

<sup>38</sup> *Ibid.*, p. 30.

<sup>39</sup> *Apud* CRANE, Diana. *Cit.*, p. 16.

antecâmara das preocupações intelectuais reais”.<sup>40</sup> Manifestação da vida, do cotidiano e da história, a moda constitui uma fisionomia, no mínimo, complexa da ambiência social numa outra época. Nesse sentido, podemos suscitar algumas questões para serem refletidas. Tomamos como referência o “preâmbulo-interrogatório”<sup>41</sup> levantado por Dominique Veillon em seu trabalho *“Moda e Guerra: um retrato da França ocupada”*: “Seria moda algo mais que uma atividade frívola que evolui ao ritmo das coleções? Além de uma mudança continua não teria ela outra significação cujas raízes estariam no contexto social? Em que medida pode a moda oferecer um campo de estudos para o historiador?”<sup>42</sup>

No Brasil, uma produção historiográfica mais recente, atenta ao universo do cotidiano e de suas problemáticas sócio-históricas, vem se revigorando. Trabalhos acadêmicos que buscaram trilhar os meandros da história social da moda, de sua produção e de suas significações sociais, se mostram como importantes referenciais neste estudo. Diante disto, destaque para dois trabalhos publicados como livros em 2007. *“Moda e sociabilidade: mulheres e consumo na São Paulo dos anos 1920”*<sup>43</sup> da historiadora Maria Cláudia Bonadio e *“Fazer roupa virou moda: um figurino de ocupação da mulher”*<sup>44</sup> de Wanda Maleronka. Ambos os textos tem suas origens em produções acadêmicas, dado que nos revela a mudança de compreensão da moda nas universidades ultimamente. Os trabalhos abordam o mesmo período, a São Paulo nas primeiras décadas do século XX e pensam a moda e seus desfechos como fenômenos sócio-históricos: história social da moda e do gênero, ou ainda, história social da moda e história social das mulheres.

O livro de Maria Cláudia Bonadio centra-se no estudo das mulheres de elite, enfatizando o quanto o emergente consumo de luxo contribuiu para que estas rompessem com os hábitos do século XIX, e iniciassem um tipo específico de participação na esfera pública; Maleronka detém-se naquele “outro lado”, geralmente negligenciado: o das produtoras da moda, essas costureiras e operárias por vezes desconhecidas e negadas pela historiografia,

---

<sup>40</sup> LIPOVETSKY, Gilles. *O Império do Efêmero: a Moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 9.

<sup>41</sup> VEILLON, Dominique. *Moda & Guerra: um retrato da França ocupada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p.7.

<sup>42</sup> *Ibid.*

<sup>43</sup> BONADIO, Maria Cláudia. *Moda e sociabilidade: mulheres e consumo na São Paulo dos anos 1920*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2007.

<sup>44</sup> MALERONKA, Wanda. *Fazer roupa virou moda: um figurino de ocupação da mulher (São Paulo 1920-1950)*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2007.

mas sem as quais universo da moda e os vestir-se não existiria.

## EXPLICANDO O RECORTE TEMPORAL E OS CAPÍTULOS

O recorte cronológico de 1910 ao final da década de 1920 foi definido levando em consideração dois momentos correlacionados: a economia em alta com a extração do látex no início do século e a crise nas exportações desse mesmo produto, gerando contradições no universo do consumo já que Belém sentia na década de 1920 os efeitos do declínio das exportações do látex. Não perdemos também de vista outros eventos dentro deste contexto como: projetos públicos para inclusão da capital paraense no ideário de civilidade; a consolidação da República; a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a comemoração do tricentenário de Belém (1916), o movimento modernista no Pará na década de 1920.

Densos de eventos, os anos que vão de 1910 ao final da década de 1920 se mostram importantes para realização do estudo, permitindo circundar melhor a co-relação entre moda e as reviravoltas econômicas, políticas, sociais, entre os comportamentos indumentários e as tomadas de posição das mulheres de elite. Essa moda em tempos de crise econômica que vemos nascer ao longo, sobretudo da segunda década do século XX reproduz dupla tendência: enquanto a maioria da população de Belém estava submetida a problemas estruturais e atribulações, uma minoria de abastados conhecia um estilo de vida bem mais confortável. Essa “alta sociedade” de Belém freqüentava os chás, o teatro, o cinema e ali vemos homens alinhados e mulheres elegantes, vestidas pelas melhores modistas.

Assim, na cidade de Belém desse contexto, há uma variedade de sujeitos sociais que se misturavam nas ruas na tentativa de demarcar seus territórios. A cidade em construção daquelas primeiras décadas também revelava a presença de migrantes nacionais e estrangeiros que motivados pela produção do látex e pelos projetos de colonização agrícola vinham de seus espaços em busca de melhores condições de vida.<sup>45</sup> Essas vozes nos levam também pensar numa cidade de pluralidades culturais, visto que alguns grupos populares, que mesmo

---

<sup>45</sup> O trabalho de Franciane Gama Lacerda intitulado “*Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889 -1916)*”, apresenta aspectos fundamentais para entender não somente os processos migratórios, mas as políticas de incentivo, os migrantes e as experiências sociais desses, além também de nos conduzir no repensar as dinâmicas da economia gomífera no Pará: do auge a crise. Para a autora “é a economia do látex, extraído da floresta, que possibilita riquezas para implementação de uma nova estética urbana”. Sobre esta questão da migração no Pará e seus desdobramentos históricos nas primeiras décadas do século XX consultar: LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889 -1916)*. São Paulo: Universidade de São Paulo (Tese de doutoramento), 2006.

tratamos como “classes perigosas” não deixavam de imprimir suas marcas, suas práticas e identidades na cidade.<sup>46</sup>

Com tudo isso, alguns problemas a serem investigadas se colocam, como questões centrais da pesquisa: entender algumas das práticas de consumo das mulheres da elite paraense, a partir da organização de seu vestuário, o que nos remete a uma discussão acerca da sociabilidade feminina e da construção de uma cultura urbana na cidade de Belém nas primeiras décadas do século XX. Estas questões gerais se desdobram em outras questões mais particulares como uma investigação acerca dos sentidos sociais da moda no cotidiano feminino. Ao lado disso, ao discutirmos sociabilidade e consumo são também reflexões dessa dissertação as construções simbólicas para as indumentárias vestidas pela mulher da elite de Belém, os significados das roupas e adereços de moda no cotidiano das primeiras décadas do século XX.

Levando as questões acima em consideração o trabalho está estruturado em dois capítulos, ambos imbricados aos motes já indicados: analisar como nas primeiras décadas do século XX, as mulheres das elites e das camadas medianas de Belém vão adentrando no espaço público e conquistando diversos espaços de sociabilidade e qual o papel da moda e dos discursos em torno desta, do comércio, do consumo para dinamização de tal processo.

O primeiro capítulo, intitulado “*Moda e Sociabilidade*”, procura entender como se dão os entrelaçamentos entre moda, sociabilidade feminina e experiências públicas das mulheres de elite. Tais atitudes não eram inusitadas, no nosso entender, se considerarmos a posição dessas mulheres na sociedade e os processos conjunturais vividos em Belém nas primeiras décadas do século XX. A explicitação dessas atitudes das mulheres das camadas mais abastadas exige uma explicação do conceito básico aqui escolhido, o de sociabilidade, que terá destaque nesta parte da dissertação. Segundo Heitor Frúgoli Jr o conceito foi criado originalmente no “campo da sociologia” por Georg Simmel. Argumenta que “ao longo do século XX, o conceito de sociabilidade passou a ter usos e significados cada vez mais abrangentes, referindo-se a esferas, como relações cotidianas ou familiares, costumes, festas e rituais, encontros, etc.”<sup>47</sup> Assim, neste primeiro capítulo, trata-se de discutir a sociabilidade feminina em espaços como as cerimônias religiosas, o cinema, as festas, os bailes na capital

---

<sup>46</sup> As tensões e os problemas entre pajés e médicos nas primeiras décadas do século XX são exemplos históricos dessas resistências populares. Sobre o assunto consultar: FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *A cidade dos encantados: pajelanças, feitiçaria e religiões afro-brasileiras na Amazônia, 1870-1950*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas (Dissertação de mestrado), 1996.

<sup>47</sup> FLÚGOLI JR, Heitor. *Sociabilidade Urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007, p. 23.



do Pará e as idas às sessões de cinema, assim como na circulação pelas ruas do comércio para escolha do vestuário.

No segundo capítulo, “*Aparências, Consumo e Materialidades da Moda*” refletiremos sobre aparências da moda e materialidade, traçando um estudo sobre as roupas, os tecidos e os critérios da escolha de materiais e cores empregados nas vestimentas femininas. Outros elementos devem surgir e que compõem o conjunto indumentário como chapéus, sapatos, meias e adornos. Para além das cores e ornamentos, pensaremos nos discursos e nos sentidos dados as aparências, tudo isto implicado nas práticas de compras e formatos de propagandas, levando em consideração anúncios presentes na documentação selecionada, sobretudo nos periódicos, associando a representação das aparências, as mudanças culturais e econômicas que se processaram constantemente, sobretudo na década de 1920. Para tanto, fez-se necessários analisar mais detidamente alguns argumentos teórico-metodológicos. Jean-Marie Pesez argumenta que “a cultura material faz parte das infra-estruturas, mas não as recobre; ela só se exprime no concreto, nos e pelos objetos.” Logo “a relação entre o homem e os objetos (sendo, aliás, o próprio homem, em seu corpo físico, um objeto material), pois o homem não pode estar ausente quando se trata de cultura.”<sup>48</sup>

## DOCUMENTOS E TESTEMUNHOS EM “COUSAS MIÚDAS”

Para contar essas histórias elencaremos um *corpus* documental, constituído basicamente de dois periódicos: revistas e jornais. Constituirá a dissertação *A Semana* (1922-1927), *Belém Nova* (1923-1927) e em menor escala *Ephemeris* (1916); *A Penna* (1914), *O Record* (1918). Os jornais de circulação escolhidos foram *Folha do Norte* (1915-1924), *A Tarde* (1915-1916) e *A Palavra* (1917-1928). Além dos jornais consultados em menor escala, mas que servirão para a contextualização do final do século XIX em Belém: *Diário de Notícias* (1892 e 1898), *A Província do Pará* (1880 e 1892), *O Democrata* (1895). Além disso, estaremos examinando material iconográfico constituído de capas e anúncios diversos montado com imagens dos jornais e periódicos, sobretudo da revista *A Semana* de 1922 a 1927.

O olhar lançado ao *corpus* documental, deve muito às reflexões apresentadas na coletânea publicada em 2005, “*História em cousas miúdas*” sob a organização de Sidney

---

<sup>48</sup> PESEZ, Jean-Marie. *História da Cultura Material*. In: LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 242.

Chalhoub, Margarida de Souza Neves e Leonardo Affonso de Miranda Pereira. Ainda na apresentação do livro, os organizadores atribuem aos diversos tipos de crônicas e acanhados registros um papel importante da arte de interpretar o passado. De forma clara ou sutil, os textos elencados destes periódicos e jornais, não escondem um passado inexplorado. Ao contrário, os registros observados “ao tratar de temas diversos, alinhavados pela arte das transições” acabam revelando que os “pequenos acontecimentos” do dia-a-dia se transformavam em “matéria prima privilegiada”<sup>49</sup> de cronistas e observadores. Estes discursos materializados nas inúmeras páginas dos periódicos funcionam como documentos fundamentais na tessitura do tempo pretérito.

Segundo os autores, era papel do cronista, desde o final do século XIX ingressando pelo XX, “buscar, dentre os acontecimentos sociais de maior relevo e divulgação, capazes de formar entre escritor e público códigos compartilhados que viabilizassem a comunicação, temas que lhe permitissem discutir as questões de seus interesses”.<sup>50</sup> As múltiplas crônicas impressas nesses periódicos selecionados para a presente dissertação, se colocam como fundamentais para o entendimento da moda e da sociabilidade em Belém. Vários relatos escolhidos que afloram nessas crônicas, fossem em jornais de circulação ou revistas semanais passam no nosso entendimento a concorrerem para a composição de cenas históricas. Nesses fragmentos encontramos indicativos dos comportamentos sociais, além de indícios de uma trama de relações históricas que lhe conferem sentido, ou melhor dizendo, “ao cronista caberia interagir com as coisas do seu mundo, meter-se onde não era chamado para transformar o que via e vivia”.<sup>51</sup>

Do mesmo modo, referindo-se aos jornais como documentos históricos, Tania Regina de Luca entende os periódicos como verdadeiras “enciclopédias do cotidiano”.<sup>52</sup> Segundo a autora, as pesquisas historiográficas vem dando maior atenção a esta tipologia documental, melhor reconhecendo suas potencialidades e rejeitando idéias que jornais

---

<sup>49</sup> Sobre isso ver: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Orgs.). *Apresentação*. In: *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica do Brasil*. Campinas, SP: UNICAMP, 2005, p. 9.

<sup>50</sup> *Ibid.*, p. 11.

<sup>51</sup> *Ibid.*, p. 12.

<sup>52</sup> DE LUCA, Tania Regina. *Fontes Impressas - História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 112.

periodizados eram “meros receptáculos de informações a serem selecionados, extraídos ou utilizados ao bel prazer do pesquisador”.<sup>53</sup>

De Luca apresenta a idéia de que nas páginas de jornal, gazetas, revistas nos deparamos com “manancial imprescindível” para melhor interpretar “modos de vida”, “experiências e práticas políticas cotidianas”, além de “formas lazer e sociabilidade”.<sup>54</sup> O século XX com seu “novo cenário citadino” abrigou, segundo De Luca, “uma infinidade de publicações periódicas”. Em Belém, por exemplo, no período escolhido para a pesquisa podemos citar importantes magazines como *A Semana* e *Belém Nova*, que no nosso entender, colaboram para se interpretar o caráter multifacetado da cidade e de um determinado público, naquelas primeiras décadas do século XX, com seus estilos de vida, padrões e variações de comportamento diante da desejosa modernidade. Contudo, cabe ao pesquisador, como lembra De Luca realizar a triagem desses testemunhos, visto que, “ainda que grande parte se autodenominasse *de variedade*, é possível distinguir a intenção de atingir públicos diversificados”. Segundo a autora “eram revistas de variedades, mas ao mesmo tempo femininas, masculinas, infantis, esportivas, pedagógicas e educacionais, humorísticas, dedicadas ao rádio, teatro e cinema”. De fato, a pesquisa ora realizada nos sugere justamente esta variedade temática.<sup>55</sup>

Entendemos assim que o uso de fontes periodizadas nesta pesquisa nos ajudam na “compreensão da paisagem urbana” de Belém no limar do século XX, bem como as “idealizações sociais”<sup>56</sup> por parte da elite. Desse modo, como enfatiza De Luca, ao usarmos documentos como crônicas de literatos, artigos de jornais, notícias e trechos de magazines estaremos adentrando “pelo domínio acidentado do cotidiano” de uma dada sociedade. Para tanto “é importante estar alerta para os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes, que nada tem de natural”, além da percepção que historicizar tais fontes requer ter em conta o contexto da produção desses documentos, assim como a escolha dos temas.<sup>57</sup>

---

<sup>53</sup> *Ibid.*, p. 116.

<sup>54</sup> *Ibid.*, p. 120.

<sup>55</sup> *Ibid.*, p. 122.

<sup>56</sup> *Ibid.*, p. 123.

<sup>57</sup> VELLOSO, Mônica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro, Turunas e Quixotes*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996, p. 209, *Apud* DE LUCA, Tania Regina. *Cit.*, p. 125.

Partindo dessas compreensões nos deteremos de maneira mais esmiuçada no nosso *corpus* documental. Tanto a revista *A Semana* quanto a revista *Belém Nova* apresentavam em suas páginas as novas idéias do século XX, sobretudo da década de 1920. Seus literatos e colaboradores esbanjavam criatividade e humor nas diversas colunas e seções que completavam cada uma das revistas. Ambos os magazines publicavam a temática do galanteio, da sedução, inclusive este último, era um dos temas prediletos de seus colaboradores.

*A Semana* tinha como endereço de sua redação a Rua 7 de setembro, nº 33. Trazia em suas páginas seções como: *A Vida Fútil*, *Flores de Papel*, *A Semana Elegante*, *No Reinado da Elegância*, *A Arte do Silêncio*, *Miss Futilidade*, *Quando a Mulher é Bela*, *Os Contos d'A Semana* entre outras.<sup>58</sup> *A Belém Nova* tinha sua redação na Rua 28 de setembro e trazia em seu interior, crônicas e colunas como: *Vida Parisiense*, *Mundanismos: A cidade maliciosa*, *Modas e Elegâncias*, *Do coração aos lábios*, que nos remetem ao clima vivenciado na época e nos ajudam a interpretar o processo de sociabilidade feminina em Belém naqueles “movimentados” anos. A revista surgia reivindicando o novo, e se contrapôs a qualquer produção artística paraense até então.<sup>59</sup>

Esses *magazines* circulavam em Belém e não somente relatavam os movimentos sociais da elite paraense, mas também funcionavam como “guias” de sociabilidade. Ao analisar os conteúdos publicados n'A *Semana*, por exemplo, podemos sugerir que a

---

<sup>58</sup> Os números pesquisados d'A *Semana* (1922-1927) nos falam, dentre vários temas, de “beleza e de plástica”; sobre a “fina flor da aristocracia naquelas grandes capitais do mundo civilizado”; do “chá-dansante”; sobre ir “ao cinema ou a uma visita de sociedade”; as danças nos salões como “shimmy e o tango”; dos “*flirts* em público”; sobre “galanteio e sedução. Inclusive, estes últimos temas apresentavam assiduidade na revista. Em suma, procuravam registrar as relações sociais da elite paraense. A revista contava com colaboradores e cronistas atentos as transformações nas primeiras décadas do século XX. “A mesa redonda e marmoreada do Café Chic, reunidos Clóvis, o De Campos, o Muniz, o Cordeiro e eu, veio à baila a velha questão dos simbolistas, futuristas e demais introdutores de novas formas e modernos ritmos na poética de nossos dias”. Vide MARQUES, Berillo. *A Semana*. “*Futuristas, Simbolistas e...*”, 30 de dezembro de 1922 (Obras Raras, CENTUR).

<sup>59</sup> *A Belém Nova* (1923-1927) também iria contar com um grupo de intelectuais inquietos com a centralização artística do país, eles almejavam o rompimento da idéia de periferia artística ligada a um centro de produção em arte brasileira. Entre eles estavam Clovis de Gusmão, Raul Bopp, Ernani Vieira, Jacques Flores, Paulo de Oliveira, De Campos Ribeiro. Também abraçaram a causa modernista nomes já consagrados nas letras como José Simões, Severino, Carlos Nascimento entre outros. Este entremeadado de nomes tornava o elenco modernista muito especial. Velhos conhecidos, com suas experiências literárias, unindo-se aqueles entusiasmados estreates apontavam os anos de 1920, no mínimo inovadores, bem condizentes com suas reclamações. “Nós, os da Belém Nova, somos daqueles que pensam inimigos que hemos sido do arcadismo, ser chegado o momento de predominar no Brasil outra arte, isenta de modelos estrangeiros, livres de imitações escolásticas, independente do sentido lato da palavra, - regional – plasmada a vitalidade de uma raça.” Vide MENEZES, Bruno. “*Uma reação necessária*”. *Belém Nova*, Em 10 de dezembro de 1923 (Obras Raras, CENTUR).

preocupação da revista não era somente a de ocupar o tempo livre das leitoras, mas de informar sobre eventos sociais, modas, dicas de comportamento entre tantos outros. Boa parte das matérias era dedicada a temas como beleza, saúde, culinária, notas sociais, como cuidar do lar, como educar os filhos, textos literários, novelas escritas, conselhos e temas ligados ao “mundanismo” apresentavam assiduidade nas páginas. Temas como os “joguinhos” de sedução tão comuns dos grandes salões, os *flirts* nos bailes, em via pública do centro comercial, na *terrasse* do Grande Hotel, ou no elegante cine-salão de tela branca *Olympia* também ganhavam destaque. Apontavam à substituição dos espartilhos e a adoção da moda *casual wear*, influência das cidades ditames na moda como Estados Unidos e Inglaterra.

Existia por parte dos modernistas <sup>60</sup> um tom propagandístico da modernidade <sup>61</sup>, dos novos modos de vida metropolitana e da construção da figura de uma “nova” mulher da elite. Os *novos* <sup>62</sup> queriam registrar o presente assim como as transformações em Belém. Assim, as capas d’*A Semana* do período de 1922 a 1927 nos permitiram interpretar como a representação do corpo feminino e das modas foi se alterando e ganhando novos sentidos com o passar daquela década. Na edição de 01 de abril de 1922 a jovem “menina Inah de Carvalho Kós” ilustrava a capa do magazine. Com ares de ternura e sobriedade a modelo da capa não demonstrava grandes extravagâncias na pose ou mesmo nos gestos. Ao longo da década de 1920 percebemos que as expressões não somente faciais, mas corporais também se modificavam. Em 1923, na edição de 20 de janeiro, a revista trazia na capa uma mulher mais

---

<sup>60</sup> Vale uma reflexão sobre uma fatia do Modernismo brasileiro ainda pouco explorado e muito pouco conhecido fora dos limites acadêmicos da Amazônia: o *modernismo* no estado do Pará. Vide FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. “*Eternos Modernos: História social da arte e da literatura da Amazônia, 1908-1929*”. Tese de doutorado em História Social. Cit.; COELHO, Marinilce Oliveira. *O grupo dos novos (1946-1952): memórias literárias de Belém do Pará*. Belém: EDUFPA / UNAMAZ, 2005.

<sup>61</sup> A esse respeito consultar mais aprofundadamente: SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992; GIDDENS, Antony. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992; ORTIZ, Renato. *Cultura e Modernidade (A França no século XIX)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

<sup>62</sup> Os modernistas paraenses surgiram em reuniões intelectuais no largo da pólvora, a nossa Praça da República de hoje. No início da década 1920 eram conhecidos como *Associação dos Novos* um grupo de poetas, estudantes e jornalistas que discutiam as novas tendências culturais e artísticas para o quadro paraense e tinham como reduto intelectual à revista *A Semana*. Os novos discutiam um direcionamento para a arte paraense. Suas reuniões ocorriam geralmente aos sábados no *Café Chic* ou em outros locais mais populares como em botequins da periferia e nas festas do Umarizal, agendados para acolher aqueles entusiasmados representantes da vanguarda modernista.

arrojada e com gestos mais ousados. Costas e ombros a mostra e um gestual sedutor davam a tônica, maior sedução e liberalidade.<sup>63</sup>

Desse modo, buscar compreender os significados das imagens nas revistas nos parece um caminho instigante para compreensão do vestuário e da sociabilidade feminina. De fato, como indica Marcia Cezar Diogo, as revistas privilegiavam registros múltiplos, “associando o textual ao iconográfico”. Para a autora “a presença de fotogravuras, além da função ilustrativa e das características de linguagem específica que a envolvem, está associada a formas de moderno que as publicações procuravam representar”.<sup>64</sup> Vale também reiterar que a foto “exercia um fascínio mágico, junto com os novos meios de reprodução, impressão e difusão” e que no início do século XX “apenas a linguagem escrita já não bastava para a releitura do cotidiano; era necessário somar a ela linguagem visual, reforçando os novos costumes do moderno que se queria introduzir entre nos”, arremata a autora.<sup>65</sup>

Também nos ajudam a mapear o passado em Belém nas primeiras décadas do século XX, mesmo que em menor escala os periódicos *Ephemeris* (1916), *A Penna* (1914) e *O Record* (1918). Trata-se de números ou volumes únicos encontrados na pesquisa. A revista *Ephemeris*<sup>66</sup> possuía publicação mensal, não se sabendo exatamente o período de circulação. Levaremos em consideração o volume único encontrado e que já na sua crônica de abertura, em tom formal demonstra preocupação em não “dessorar-se, dissolver-se ao contexto da descrença fatalista” do “instinto refratário a comunhão das letras”. Segundo o autor da crônica, a intencionalidade da revista era a de combater a liberalização de “gestos e palavras num esforço depauperante e inútil” e trazer a tona “o verso e o reverso dessa medalha tantas vezes insidiosa, em que se estampa a misteriosa fatalidade do destino das coisas”.<sup>67</sup>

---

<sup>63</sup> *A Semana*, 20 de janeiro de 1923 (capa).

<sup>64</sup> DIOGO, Marcia Cezar. *O moderno em revista na cidade do Rio de Janeiro*. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Orgs.). *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica do Brasil*. Campinas, SP: UNICAMP, 2005, p. 477.

<sup>65</sup> *Ibid.*, p. 479-482 passim.

<sup>66</sup> *Ephemeris*, revista de publicação mensal e que trazia em seu interior sessões e suplementos como “*Crônica*”, “*Da virilidade literária*”, “*Imagens da vida*”, “*Mulher*”, “*Um problema estético*” dentre outros. Em sua direção estavam “*Arthur do Guimaraens Bastos, Lucídio Freitas, Andrade Queiroz, Curcino Silva, Emilio de Macedo e João Bento de Souza*”. Vide Volume I, agosto de 1916 (Obras Raras, CENTUR).

<sup>67</sup> SOUSA, Alves de. “*Crônica*”. *Ephemeris*, Volume I, agosto de 1916, p. 2-3.

Também publicada mensalmente a revista *A Penna*<sup>68</sup> em 1914 ressaltava um viés temático e literário. Do único exemplar encontrado, averiguamos que fazia parte do projeto da revista se moldar as “edições elegantes” e ser “progenitora da unidade de vistas”. Um caráter de publicação independente é percebido na medida em que a revista enfatiza o “sagrado dever de cumprimentar a imprensa livre”.<sup>69</sup> Por último tivemos contato com, um também único exemplar, da revista ilustrada luzo brasileira, *O Record*.<sup>70</sup> Trata-se de uma edição avulsa de dezembro de 1918, mas que nos assevera muitos dados e observações do período estudado. No caso do nosso trabalho, as revistas ganham destaque, pois suas seções e suplementos dedicados ao universo social das elites acabam sublinhando padrões de comportamento e demarcam simbolicamente os movimentos sociais em Belém. Entendemos que revistas como *A Semana*, *Belém Nova*, *Ephemeris*, *A Penna* e *O Record* ganharam atenção de leitores em Belém e que isto não se deu de forma acidental. Para Marcia Cezar Diogo, mesmo que fossem semanais ou mensais, as revistas cumprem “uma importante intervenção no cotidiano da cidade veiculando na letra, na forma, na imagem e, sobretudo, em seu espírito os ideais do moderno específico que se pretendia instaurar”.<sup>71</sup>

Embora a análise de Diogo tenha como referência as experiências que as revistas como *Revista da Semana*, *O Malho* e *Kosmos* passaram a revelar no Rio de Janeiro no limiar do século passado, podemos, com devida cautela, aplicá-la a Belém no mesmo período, que passava por processo semelhante de modernização e apresentando advento de várias publicações desse caráter. A autora também corrobora nossa justificativa para o uso de revistas do período, dizendo que as mesmas revelam ao historiador as preocupações que os colaboradores tinham com as “mudanças do seu tempo, mudanças que não se circunscreviam apenas ao âmbito da política ou da economia”, mas “transformações dos costumes, dos comportamentos e das idéias daquele tempo”.<sup>72</sup>

---

<sup>68</sup> *A Penna*, revista “literária e ilustrada” de publicação mensal. O magazine era dirigido por Tivemos contato com a publicação de 14 de julho de 1914 (ano 1, número 1), não sabendo ao certo a periodicidade de circulação (Obras Raras, CENTUR).

<sup>69</sup> *Ibid.*, p. 3 (sem assinatura).

<sup>70</sup> *O Record*, revista ilustrada, luzo brasileira e de publicação mensal. No interior da revista tivemos contato com seções como “*O Record Social*”, “*Fetichismos*”, “*Reportagens Confidenciais*” dentre outros. Cf. *O Record*, dezembro de 1918, s.d (Obras Raras, CENTUR).

<sup>71</sup> DIOGO, Marcia Cezar. *Cit.*, p. 466.

<sup>72</sup> *Ibid.*, p. 468.

Os jornais. A *Folha do Norte* mesmo com a incumbência de ser um jornal de face política e de oposição, ganhou um caráter popular visto que suas páginas noticiavam não somente o cotidiano de Belém, mas do Pará no geral. Sua circulação se iniciou em 1896 e foi até 1974. A escolha do jornal se justifica primeiramente por ser uma gazeta noticiosa que tratava dos mais diversos temas, das intrigas políticas aos fatos do cotidiano, como “reclamações do povo”, “cartas do leitor”, “festas”, “moda”, “mundanismo”, “saúde”, “registros fúnebres”, “leilões”, “contos”, “comédias”, “festas” além das “notas mundanas” (aniversários, casamentos, enfermos, visitantes, viajantes e notas de agradecimento) e uma grande variedade de propagandas.

Não raro, podemos encontrar pequenas notícias e comentários dispersos na *Folha do Norte*, que indicam alguns comportamentos sociais ligados a idéia de elegância e modernidade. Como a nota de dezembro de 1915, intitulada “*A vida elegante*”. Tratava de informar que Belém “enfeita-se e ilumina-se para comemorar a passagem do seu terceiro século de vida”. E que “até mesmo o *Sport Club*, que se acomodava num remansoso silêncio, desperta para as festas”. O texto advertia que “Belém com três séculos precisa ser moderna” e concluía com o sutil apelo que os leitores aproveitassem a “quadra natalina e as festas do tricentenário” para o estabelecimento de uma “vida elegante”.<sup>73</sup> Esses indícios, apontados na *Folha do Norte* nos ajudam a investigar esse passado, entendendo melhor o início do século XX em Belém.

Outro jornal consultado foi *A Tarde*. Sua circulação se iniciou em setembro de 1915 não se sabendo bem a data de sua última publicação. As colunas se assemelhavam a *Folha do Norte* como “*vida social*”, “*cartas do leitor*”, “*reclamações*”, “*ciência*”. Seu caráter político não anulava sua face noticiosa e intelectual. Em relação ao jornal *A Palavra* foi perceptível um caráter nitidamente cristão e endereçado, sobretudo as famílias e a “boa” sociedade. O jornal *A Palavra* reproduzia com grande assiduidade em suas edições bimensais que era necessário monitorar não somente a freqüência de suas filhas, irmãs e esposas a lugares públicos, mas, sobretudo as modas aspiradas por elas. Em seções como “*para o povo*” e até nos editoriais principais, o jornal tratou de observar hábitos de consumo, de pensamento e de vida ligados aos “caprichos da moda”.<sup>74</sup>

---

<sup>73</sup> JUNIOR, Rembrandt. *A vida elegante*. *Folha do Norte*, 23 de dezembro de 1915, p. 1.

<sup>74</sup> *A Palavra*. *Os caprichos da moda*, 20 de janeiro de 1921, p. 3.



Diante disso a dissertação vai se constituindo a partir dos registros da imprensa, dos cronistas, dos memorialistas, dos escritores, das iconografias e seus desdobramentos na vida social dos sujeitos históricos. Tais fontes históricas revelam vestígios importantes para a compreensão do vestuário das mulheres dos grupos mais abastados e de sua sociabilidade em Belém no início do século XX.

## PRIMEIRO CAPÍTULO – MODA E SOCIABILIDADE

Neste capítulo faremos um estudo sobre a capital paraense nas primeiras décadas do século XX, investigando alguns aspectos vestuário feminino dos grupos mais abastados, conectado à sociabilidade, a partir de eventos sociais, dos quais as mulheres participavam como as cerimônias religiosas, a exemplo das missas, as festas e bailes e as idas às sessões de cinema, mas também, na circulação pelas ruas do comércio. Seguindo esses sentidos, a coluna *A vida fútil*, da revista *A Semana*, do ano de 1923, nos aponta um pouco deste cotidiano feminino conforme sugere o texto abaixo:

“Havia perdido nessa manhã, enquanto andava a fazer compras no comércio, o seu ‘lequizinho’, companheiro inseparável de passeios. E mademoiselle lastimava de veras aquela perda.”<sup>1</sup>

Assim, o trecho acima da revista *A Semana*, sugere a presença feminina nas ruas de Belém, não apenas ligada ao mundo do trabalho, ou das dificuldades cotidianas, a exemplo das mulheres dos grupos menos abastados, que constantemente, eram evocadas nas páginas dos periódicos da época. A imagem da “*mademoiselle*”, construída pelo articulista revela uma mulher consumindo, e ao mesmo tempo transitando pelas ruas do comércio. De fato, a frequência das mulheres ao comércio era muito comum no início do século XX. É o que sugere um articulista da *Folha do Norte*, em 1910, ao lembrar que como o calor era “sufocante”, após a “sesta” por voltas das 3 horas da tarde “as ruas animam-se” e “as senhoras em equipagem de luxo”, iam “à cidade fazer visitas ou compras”, enquanto os cavalheiros mais afortunados iam “fumar um cigarro” no cais “admirando o Amazonas, magnífico rio”.<sup>2</sup>

Tais imagens induzem a pensar que as experiências femininas no espaço da cidade são diversas, e os significados atribuídos a estas também. Se de um lado, temos mulheres dos grupos mais pobres da população que tem as ruas também como o espaço das suas atividades de trabalho, de outro lado, mesmo que com outros usos, vemos que as mulheres dos grupos mais abastados da população também não deixaram de circular pelas ruas do comércio da

---

<sup>1</sup> BISBILHOTEIRO. *A Semana*. A Vida Fútil, 30 de junho de 1923, página não identificada.

<sup>2</sup> *Folha do Norte*, 25 de junho de 1910, p. 1.

capital paraense, não raro em busca de peças de tecidos e enfeites variados para compor o seu vestuário e o de sua família.

Desse modo, procurando entender as experiências das mulheres a historiografia vem apresentando trabalhos que, atentos ao cotidiano e as vivências das relações humanas, procuram dar sentido as diversas situações vividas por personagens femininas.<sup>3</sup> Aliás, como observou Véronique Neiertz cabe ao historiador se interessar “pelas atrizes da história e não pelas figurantes” e que se expresse pautado na tônica das “resistências, nas subversões, nas práticas de desvio dos estereótipos tradicionais, e não na submissão silenciosa a ordem estabelecida”.<sup>4</sup> Para melhor observar isso, Marina Maluf e Maria Lúcia Mott, em seus estudos sobre os “recônditos femininos” indicam que com o avançar das primeiras décadas do XX, as mulheres de elite rompiam com as normatizações habituais e se colocavam no espaço público, como reformadoras do seu próprio mundo social.<sup>5</sup>

De acordo com as autoras, no final do século XIX, ainda se observava na esfera da vida privada uma divisão de funções estabelecidas entre homens e mulheres. A imagem da mãe-esposa e dona de casa era mantida, além de corresponder aquilo pregado pela Igreja,

---

<sup>3</sup> “*Saias, Laços & Ligas: construindo imagens e lutas (um estudo sobre as formas de participação política e partidária das mulheres paraenses – 1910/1937)*” de Maria Luzia Álvares, mesmo não sendo uma pesquisa voltada para os estudos da moda na Amazônia, nos oferece um excelente olhar em relação ao processo de emancipação e sociabilidade feminina nas primeiras décadas do século XX. Analisando os movimentos emancipacionistas em Belém a autora informa não poder dizer que “houve uma aceitação sumária do *feito imposto*, visto que algumas dessas mulheres intentam novas conquistas, quer através do acesso às escolas superiores, quer através dos empregos fora de casa, dos modos, das modas adversas e pequenas conquistas às vezes quase despercebidas”. Pensando nessa mulher mais sociável, a autora diz que “as saias e os laços dos vestidos de tafetá cheangeant misturavam-se por entre as pesadas jaquetas e os frades dos figurões da política local, feito “ligas” que uniam os cúmplices, nas lutas pelo poder”. “Denuncia-se um processo de invasão nesses espaços concorridos e, algumas vezes, liderados pelas mulheres que passam a tomar de assalto o quartel masculino”, arremata a autora. Vide ÁLVARES, Maria Luzia. *Saias, Laços & Ligas: construindo imagens e lutas (um estudo sobre as formas de participação política e partidária das mulheres paraenses – 1910/1937)*. Belém: NAEA/PLADES/UFPA, 1990; ÁLVARES, Maria Luzia Miranda. *Memórias e Imagens do feminismo e das ligas partidárias no Pará: 1910 a 1937*. In: ÁLVARES, Maria Luzia Miranda (Org.), D’INCAO, Maria Ângela (Org.) *A Mulher Existe? Uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia*. Belém: GEPEM, 1995. A respeito de estudos historiográficos sobre mulher, ver: PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007; e *Os excluídos da história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988; DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999; MATOS, Maria Izilda Santos de. *Por uma história da mulher*. Bauru, SP: EDSC, 2000.

<sup>4</sup> NEIERTZ, Véronique. *Conclusão*. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle. *As mulheres e a História*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995, p. 164.

<sup>5</sup> A esse respeito, ver: MOTT, Maria Lúcia & MALUF, Marina. *Recônditos do mundo feminino*. In: SEVECENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil - 3*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998, p. 367-421.

médicos e juristas. As mudanças do comportamento feminino, ocorridas ao longo das três primeiras décadas do século XX, segundo as autoras, foram influenciadas pelo desenvolvimento industrial e urbano, o acesso a educação escolar, o advento de uma imprensa feminina que “realçava a importância e o sentido da educação”.<sup>6</sup> O avanço do feminismo e as freqüentes reivindicações das mulheres por oportunidades acabaram por abrir caminhos para profissões fora do lar, como também alterou aquele discurso de mulher “frágil” e subordinada.<sup>7</sup>

Um exemplo dessas participações femininas de mulheres dos grupos mais abastados e intelectualizados, que ultrapassam a esfera doméstica, é o caso das muitas senhoras que em Belém, entre 1915 e 1916, se envolveram em eventos promovidos pela “Assistência aos Flagelados pela Seca”, que visava minorar os problemas enfrentados pelos migrantes cearenses que chegavam ao Pará em virtude da seca de 1915, em pleno declínio das exportações do látex. Assim, ao lado das “Filhas de Maria” (grupo formado por senhoras católicas) temos também o importante trabalho da poetisa Elmira Lima, que em agosto 1915, comandava ao lado de outros intelectuais como médicos, jornalistas e advogados uma extensa programação marcada por jogos de *foot-ball*, no *Sport Clube* e espetáculos no Teatro da Paz<sup>8</sup>, e sessões no cine *Olympia*, com a exibição do filme “*O rei do diamante*”.<sup>9</sup>

Mas se as mulheres participavam da organização desses eventos, elas também participaram dos próprios espetáculos, não apenas na platéia, mas também nos palcos. É o que demonstra a programação do festival realizado no Teatro da Paz que contava entre outros números com a recitação de poesias da mesma “Dona Elmira Lima” com uma valsa executada pela mademoiselle Helena Nobre, por uma “opereta”, cantada pelas “meninas Pombo”.<sup>10</sup> Conforme enfatiza Franciane Gama Lacerda, que estudou mais detidamente estas associações em prol dos flagelados pela seca, tais eventos “expressam hábitos mais urbanos da população,

---

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 390.

<sup>7</sup> Mulheres de classe média e alta do Brasil nas primeiras décadas do século XX passavam a repensar a influência da igreja, o sentido de família, o mundo do trabalho e o seu papel social. Os novos comportamentos dessas mulheres já se anunciavam no século XIX acompanhados da modernização e de tudo que esta representava. A esse respeito, ver: HAHNER, June E. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil (1850-1940)*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

<sup>8</sup> *Folha do Norte*, 14 de agosto de 1915, p.1.

<sup>9</sup> *Folha do Norte*, 21 de julho de 1915, p.1.

<sup>10</sup> *Folha do Norte*, 11 de setembro de 1915, p. 2.

que incorporava a seu lazer idas ao cinema e partidas de futebol”.<sup>11</sup> Ao lado disso, esses eventos expressam também a inserção de mulheres dos grupos mais abastados em práticas de urbanidade moderna, para além das atividades caritativas da Igreja, em que não raro as mulheres eram participantes, e ao mesmo tempo sugerem a presença de mulheres mais letradas nesses eventos.

Assim, conforme os exemplos acima, percebemos que algumas mulheres das classes favorecidas aos poucos rompem com os limites do lar, comuns na sociedade oitocentista, e o espaço público ganha mais importância nas primeiras décadas do século XX. Voltando-nos para a historiografia que buscou entender vivências femininas no espaço urbano, nos parece importante o trabalho pioneiro “*Quotidiano e Poder*” de Maria Odila Leite da Silva Dias, que merece menção, visto o empenho da pesquisadora em revigorar significados para o universo feminino na cidade de São Paulo do século XIX. Não por acaso, a autora investiga mulheres menos remediadas e suas improvisações informais de sustento. Foi em meio a essas e outras tantas questões que a historiadora também advoga a idéia de inserir estudos de “mulheres de classes dominantes na história social do Brasil”.<sup>12</sup>

Diante disso, conforme já asseveramos, nesse capítulo nos deteremos em apontar alguns espaços de sociabilidade das mulheres mais abastadas na cidade de Belém, buscando compreender a experiência cidadina desses sujeitos sociais a partir das vestimentas utilizadas em eventos como a missa, as festas, os cinemas, dentre outros.

## 1. SOCIABILIDADE E “MODAS DE MULHER”

“O traje [...] o texto de sua existência, a sua cifra hieroglífica”

Balzac, *Tratado da vida elegante*.

“Mille século XX, onde podemos encontrá-la? Em qualquer lugar menos em casa.”<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup> LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes Cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889-1916)*. Cit., (Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade de São Paulo), p.194.

<sup>12</sup> DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 105-106.

<sup>13</sup> *Belém Nova*, 19 de setembro de 1925, página não identificada.

Era o ano de 1922 em Belém. Ela saía na companhia de seu marido para compor ainda mais sua tão estimada *toilette*. Adorava os vestidos da moda. Se pudesse usaria um para cada ocasião. Com entusiasmo mostra um primeiro modelo que julgava ser lindo para ele dizendo que aquele lhe serviria muito bem. Era de fazenda fina e decotada, sem muitos enfeites, só apresentava bordados e três pérolas em destaque. Não demorou muito para ele dizer que detestava o modelo e que seu colo deveria ficar a mostra para apenas ele vê-lo. A primeira recusa pareceu não a ter intimidado.<sup>14</sup> Mostrou outro modelo e disse:

*Este, porém, te agrada, com certeza: é de tule, afogado, não tem mangas... Minúsculas rosetas de miçangas. É de uma fita finíssima, escocesa...*

Ele disse que também não gostava e que seria escandaloso ela mostrar seus braços tão formosos nus. Ela então tentou convencê-lo com outro modelo do mostruário de figurinos:

*Olha que belo! É curto e de foulard. A cor? Prefiro o doce azul do mar...*

Ela um tanto esperançosa, pergunta:

*Satisfaz este, enfim, a tua escolha?*

Respondeu ele:

*Jamais consistirei, minha deidade, tenhas as pernas em publicidade!*

O tempo foi passando e os dois prosseguiram a folhear o catálogo. Mas não chegaram a nenhum acordo, pois segundo ele não havia um só vestido que não mostrasse o que deviam as damas ocultar.



Figura 1. “Menina Inah de Carvalho Kós” (A Semana, 01 de abril de 1922, Belém, Fonte: Obras Raras, Centur).



Figura 2 (A Semana, 20 de janeiro de 1923, Belém, Fonte: Obras Raras, Centur).

<sup>14</sup> Transposição adaptada com inserção de discurso direto do original “Ao Figurino”. Vide CASTRO, Pereira. *A Semana*. A Semana Elegante. Ao figurino, 21 de janeiro de 1922, página não identificada.

A partir do registro d'A *Semana* acima, parece-nos razoável conjecturar que no início do século XX, as mulheres da “elite” e das classes médias de Belém são vistas pelos mais conservadores, como frágeis, que devem cultivar as qualidades das boas “senhorinhas”. Deveriam ser delicadas e se manterem alheias aos assuntos que não lhe diziam respeito, como política e economia. Porém, seus comportamentos ganhariam novos sentidos na sociedade belenense soando como um grande alarme para os mais conservadores. A cidade de Belém mostrava novos fluxos para sociabilidade que também eram experimentadas pelas mulheres, apesar da crise econômica decorrente da diminuição das exportações de borracha. Novas atitudes, novos espaços a serem conquistados, entretanto não seria tão simples. Desse modo, é possível perceber um pouco dessas mudanças nas capas d'A *Semana* em que muitas mulheres da elite paraense poderiam ser visualizadas. Yone Soares de Lima que trabalhou com ilustrações em revistas na década de 1920 em São Paulo, enfatiza a “multiplicidade de aspectos de ordem técnica, gênero e natureza” das ilustrações que “concorreram de uma forma ou de outra, para a valorização do visual”, das imagens de pessoas nas revistas.<sup>15</sup>

As capas d'A *Semana* do período de 1922 a 1927 nos permitiram perceber como a representação do corpo feminino e das modas foi se alterando e ganhando novos sentidos com o passar daquela década. Na edição de 01 de abril de 1922 a jovem “Menina Inah de Carvalho Kós” ilustrava a capa do magazine. Os cabelos se mostravam já muito curtos, com lábios pintados de vermelho, porém apresentando traços ainda angelicais e seriedade na expressão. Ao longo da década percebemos que as expressões não somente faciais, mas corporais também se modificavam. Com ares de ternura e sobriedade a modelo da capa não demonstrava grandes extravagâncias na pose ou mesmo nos gestos (Figura 1). Ao longo da década de 1920 percebemos que as expressões não somente faciais, mas corporais também se modificavam. Em 1923, na edição de 20 de janeiro, a revista trazia na capa uma mulher mais arrojada e com gestos mais ousados (Figura 2). Costas e ombros a mostra e um gestual sedutor davam a tônica, maior sedução e liberalidade.<sup>16</sup> Também de cabelos curtos e maquiagem, mostrava suas costas e um perfil bem mais insinuante. Essas capas sugerem, como enfatiza Bonadio, “uma nova forma de discurso, uma reformulação do conceito de feminilidade”.<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup> LIMA, Yone Soares de. *A ilustração na produção literária de São Paulo na década de vinte*. São Paulo: IEB-USP, 1985. p. 156.

<sup>16</sup> *A Semana*, 20 de janeiro de 1923 (capa).

<sup>17</sup> BONADIO, Maria Claudia. *Cit.*, p.152.

O uso de imagens nas revistas assinala outros critérios que nos conduzem na pesquisa. Para Maria Cezar Diogo as revistas privilegiavam registros múltiplos, “associando o textual ao iconográfico”. Segundo a autora “a presença de fotogravuras, além da função ilustrativa e das características de linguagem específica que a envolvem, está associada a formas de moderno que as publicações procuravam representar”.<sup>18</sup> Vale também reiterar que a foto “exercia um fascínio mágico, junto com os novos meios de reprodução, impressão e difusão” e que no início do século XX “apenas a linguagem escrita já não bastava para a releitura do cotidiano; era necessário somar a ela linguagem visual, reforçando os novos costumes do moderno que se queria introduzir entre nós”,<sup>19</sup> arremata a autora.

As mudanças de comportamento de algumas mulheres da elite paraense não deixaram de ser representadas pelos cronistas da revista *A Semana*. Muitas mulheres, influenciadas talvez por costumes europeus que continuavam a chegar em Belém do Pará, mesmo com a crise da borracha, faziam mudanças não só no seu modo de vestir, mas até mesmo no seu comportamento.<sup>20</sup> Isto é sugerido no exemplo do articulista Fabrício da Veiga n’*A Semana* em 06 de novembro de 1926. O autor narra às mudanças de “gestos e atitudes” de uma “boa menina” que iniciava a “renovação nos seus vestidos”. Tratou também de registrar que “como era natural, terminou mudando de flerte”. Interroga se a suposta “boa menina” havia já concluído sua renovação do guarda-roupa, visto que “nunca se sabe aonde param as modas. Apenas sabemos que ela vai rompendo com todos os velhos hábitos de sua vida.” Conclui o acanhado e clarividente registro dizendo que “o mais difícil já conseguiu, que era aquele seu flertecho de dezenove anos de idade, com um físico regular, que muitas vezes lhe despertara na rua a atenção das outras mulheres [...]”<sup>21</sup>

Com todas as ressalvas, podemos extrair do folhetim mudanças de atitudes e hábitos no cotidiano das mulheres da elite em Belém nas primeiras décadas do século XX, como no exemplo da “boa menina”, sugerido na narrativa, ao se preocupar com a composição

---

<sup>18</sup> DIOGO, Marcia Cezar. *Cit.*, p. 477.

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 479-482 passim.

<sup>20</sup> “O *novo*, como parte constituinte da subjetividade moderna, relaciona-se as exigências para o exercício do poder. Ele precisa ser menos autoritário, menos violento e mais sedutor”, informa Sant’Anna. *Vide* SANT’ANNA, Mara Rúbia. *Cit.*, p. 45.

<sup>21</sup> VEIGA, Fabrício da. *A Semana. Flores de Papel “Casa das Modas”*, 06 de novembro de 1926, página não identificada.



de seu guarda-roupa, que deveria estar inclusive acompanhando as mudanças da moda.<sup>22</sup> Não por acaso, o mesmo trecho nos deixa pistas sobre a intenção de flerte, ou melhor, um “novo” flerte e que esta iniciativa partira da personagem feminina na crônica. Mas devemos entender nesta análise que a maior parte das mulheres em Belém estava distante das representações sugeridas pelo articulista d’A *Semana*. É inegável que as mudanças no universo feminino da elite de Belém se processavam desde o século XIX e que o consumo de uma moda em voga fazia parte deste universo de transformações.

Assim, um articulista identificado como “Janota”, numa crônica do *Diário de Notícias* de outubro de 1892, em seção intitulada “Falando as moças” trazia à tona algumas destas preocupações sobre a vestimenta das mulheres, já no século XIX, sugerindo que um olhar acerca do que vestiam as mulheres não era algo do século XX. Desse modo, para o cronista o vestuário “tem sido o encanto de toda a gente, quer velhos e velhas, moços e moças, meninos e meninas”, uma vez que constituía “um cabedal inesgotável”.<sup>23</sup>

Não foi de se surpreender as preocupações do articulista do *Diário de Notícias* sobre os usos e as mudanças da moda ainda no século XIX. Numa crônica anterior, mas precisamente do dia 08 de outubro de 1892, direcionada as “excelentíssimas e gentilíssimas senhoras” o articulista confessava que custava crer que “num século tão adiantado e de tantas luzes quanto este, a gente volte a aos antigos usos de vestir, aos antigos requififes pífios da moda exterminada!” Sua crítica voltava-se para o fato de que, na Europa se ia “usar, de novo, as cinturas embaixo dos braços”, que deixavam as senhoras com “feições de uma garrafa de água de cananga, si a vestíssemos de saia e casaco”. Além das cinturas, o articulista condenava também “as horrorosas saias de balão”, que pelo seu olhar deixavam “uma senhora como saúva em tempo de inverno”, ou “simplesmente *horrible mesdemoiselles!*”. Ao lado das saias, o articulista não esquecia os “chapéus a *cabriolet*” que segundo ele, traziam em si “umas idéias sinistras, contra eles”, dando a quem os usasse “feições de uns bandidos de óperas cômicas”.<sup>24</sup>

Assim, em tom irônico e preconceituoso afirmava que esta moda arcaica, voltada para o passado, deveria ser para as “chinesas”, que com “seus olhos tortos [...] não deixam

---

<sup>22</sup> Vale lembrar a reflexão que “o vestir, como dimensão de comunicação da sociedade moderna, que constrói sobre corpos, diariamente uma aparência própria, é campo privilegiado da experiência estética, firmada no prazer de ver e de ser visto”. SANT’ANNA, Mara Rúbia. *Cit.*, p. 49.

<sup>23</sup> *Diário de Notícias. Falando as moças*, 09 de outubro de 1892, página não identificada.

<sup>24</sup> *Ibid.*

ver o futuro, senão o passado, como ai qualquer caranguejo” e “que olhando para o lado só pode ver para traz”.<sup>25</sup>

Na última parte da crônica o articulista se dirigia “as senhoras”, dizendo que tratava apenas “de efeitos produzidos por esta moda sem querer ferir a quem quer que seja” uma vez que “estimava a todas igualmente, sem distinção de ninguém”. Dizendo estimar a todas as “senhoras” pedia que deixassem “essa velha moda para a velha Europa, que tem faces engelhadas e para vós cá do

Brasil *jaspêe* a bonança, mares de leite!”. Como que clamando ao afirmar “Cala, ó velha Europa” em relação às “tuas modas estragadas”, o articulista parecia condenar as modas que vinham do velho continente, o que não deixa de causar estranheza considerando-se a forte influências que se tinha no Brasil da Europa, pensada como um mundo civilizado.

Tais questões, levantadas pelo articulista do *Diário de Notícias*, remetem ao trabalho de Gilda de Mello e Sousa, *O Espírito das Roupas - A Moda no Século Dezenove*.<sup>26</sup> De fato, neste texto a autora aborda as dinâmicas dos movimentos, costumes e gestos, traduzindo as funções artísticas, simbólicas e sociais da moda. Para a pesquisadora no decorrer do século XIX a moda passa a ter um papel fundamental no universo organizacional da sociedade. Para a autora “moda é um todo harmonioso e mais ou menos indissolúvel. Serve a estrutura social, acentuando a divisão de classe”, além de reconciliar “o conflito entre o impulso individualizador de cada um de nós (necessidade de afirmação como pessoa) e o socializador (necessidade de afirmação como membro do grupo)”.<sup>27</sup> Nesse sentido, a “moda tanto pode refletir as transformações sociais como opor-se a elas através de inúmeros subterfúgios”.<sup>28</sup> A autora também anota que “com efeito, a moda é um dos instrumentos mais poderosos de integração e desempenha uma função niveladora importante, ao permitir que o



Figura 3. Propaganda do sapato Walk-Over citado por Octavio Meira (A Palavra, 6 de dezembro de 1917, Belém, Centur).

<sup>25</sup> *Ibid.*

<sup>26</sup> SOUZA, Gilda de Mello. *O espírito das roupas: a moda no século XIX*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

<sup>27</sup> *Ibid.*, p. 29.

<sup>28</sup> *Ibid.*, p. 129.

indivíduo se confunda com o grupo e desapareça num todo maior”<sup>29</sup> que lhe proporcione maior aceitação.

Igualmente em “*Modos de Homens e Modas de Mulheres*”<sup>30</sup> de Gilberto Freyre também podemos compreender um pouco das críticas do articulista do *Diário de Notícias*, diante de suas críticas e preconceitos em relação a uma possível volta de vestidos de senhoras, com “cinturas em baixo do braço”, que faziam com que o corpo feminino naquele momento com cinturas bem marcadas perdesse a sua beleza, parecendo uma “garrafa”, pelo olhar o articulista. Desse modo, Freyre destacou a que as influências estrangeiras nas modas do Brasil, denominando-as como padrão de modernidade e civilidade. Assim, a moda é variável no tempo e resultante de determinado gosto, idéia, capricho ou das influências do meio, regulando a forma do vestir, calçar, pentear.

Acompanhado a esses sintomas sociais registrados no *Diário de Notícias*, estava o impulso de modernidade<sup>31</sup> vivenciado na Amazônia desde o século XIX com o crescimento da economia gomífera, expresso também em Belém com o estabelecimento de lojas e pontos comerciais. Tal ampliação do comércio local pode ser explicada como uma resposta a larga produção na Europa de produtos ligados a moda, mas, sobretudo, pelo desejo e possibilidade de consumo da elite de Belém. As lembranças detalhadas de Octavio Meira, nos primeiros anos do século XX, deixam entrever algumas predileções desta elite de Belém. O memorialista reporta que “roupas, só estrangeiras: camisas austríacas, sapatos ingleses Walk-Over (Figura 3) ou Bostock; perfumes franceses de Coty ou Houbigant; casimiras inglesas e o famoso linho HJ da Irlanda”. E o que dizer das casas francesas em Belém naquelas primeiras décadas do XX? “Havia por toda a cidade: Maison Française, Mademoiselle Helene, Le Petit Paris, Palais Royal” dentre outros. Não passou despercebido também em suas lembranças, o que chamou de “nosso Moulin Rouge”, o cinema Olímpia, “uma réplica do parisiense, o Alhambra, o Trocadero, o Desiré”.<sup>32</sup>

---

<sup>29</sup> *Ibid.*, p. 130.

<sup>30</sup> FREYRE, Gilberto. *Modos de Homens & Modas de Mulher*. 2 ed. ver. São Paulo: Global, 2009.

<sup>31</sup> Seguindo as argumentações de Charles Baudelaire acerca de modernidade, Maria Rúbia Sant’Anna assevera que “se a cidade fascinava em suas transformações espaciais, os sujeitos que por ela circulam também eram convidados a se relacionar consigo mesmos, com outros e com o espaço e o tempo de forma diferenciada”. *Vide* SANT’ANNA, Mara Rúbia. *Cit.*, p. 34.

<sup>32</sup> MEIRA, Octavio. *Cit.*, p. 139.

De fato, em 28 de março de 1925, um articulista d’*A Semana*, assim descrevia uma ida ao cinema:

“É um encanto um flirt no cinema! Um encanto porque é moderno e está na época, na moda deste tempo de asas, progresso e civilização. E aquele, de domingo, último da *soirée* de luxo do Olympia, era mais aperfeiçoado e perfeito”.<sup>33</sup>

Observando atentamente podemos entrever que o cinema ganhava status de espelho da modernidade, para algumas mulheres da elite de Belém que o freqüentavam. Nas salas de exibição elas podiam expor seus figurinos, acessórios, tudo muito de acordo com a ocasião. Na cidade de Belém, por exemplo, o cine Olímpia foi um desses pontos de encontro, para os encantadores *flirts*, conforme sugere a documentação pesquisada. Deteremos-nos a melhor entender o papel da moda entre as mulheres dos estratos mais elevados em Belém e suas freqüências no cinema e exibições de filmes posteriormente nesta dissertação.

Do mesmo modo, em sua obra *Bailado Lunar* de 1924, Bruno de Menezes nos reporta aos hábitos e escolhas de muitos paraenses por produtos como a “perfumes Chateclair” ou o uso de “vestidos mais colantes” que alfaiates e modistas “combinam sempre a seu prazer”.<sup>34</sup>

Os grandes pedidos de mercadorias realizados pelas lojas criavam novas lógicas de consumo e de estratégias de propaganda que foram se modificando nas primeiras décadas do século XX.<sup>35</sup> As “ofertas” e “promoções” tornavam-se mais comuns nos anúncios de jornais e periódicos que circulavam em Belém, o que não entendemos como uma democratização do consumo para todas as camadas sociais. É Comum encontrarmos nos jornais pesquisados anúncios que provavelmente expressam decaimento do poder de compra, devido os sinais de crise da economia da borracha. Exemplo disso são as letras garrafais em

<sup>33</sup> *A Semana*. Belém, 28 de março de 1925, página não identificada.

<sup>34</sup> MENEZES, Bruno de. *Silhueta Viva*. In: *Obras completas de Bruno de Menezes*. Belém: Secretaria Estadual de Cultura, 1993. Texto originalmente publicado em 1924 no trabalho *Bailado Lunar*.

<sup>35</sup> Para Maria Rúbia Sant’Anna “o estímulo a compra segue de perto as transformações ocorridas no sistema global. No século XIX, a produção e o consumo, para a maior parte da população, correspondiam ao ato de satisfazer uma necessidade, fosse a de comer, vestir, morar ou mesmo de se exibir”, que “era justificado como uma necessidade social”. “Mas o século XX extrapola o impulso consumidor para o desejo, na medida em que as mercadorias foram sendo revestidas de mensagens que a separavam de sua realidade palpável, ligada a quantidade ou a funcionalidade”. Ver mais: SANT’ANNA, Mara Rúbia. *Cit.*, p. 55.

anúncio de página inteira da “Casa Amazonas” veiculado na revista *A Penna* de 14 de junho de 1914. De maneira clara a loja explicitava sua liquidação de “blusas, saias, fatinhos, vestidinhos, rendas e bordados”, deixando entrever que “tudo” era “barato”<sup>36</sup> enfatizando ainda mais o objetivo da propaganda. Nessa direção, inúmeros são os anúncios como os publicados no jornal *A Palavra* em 1917, em que o anunciante afirmava tratar-se de uma “verdadeira liquidação de camisas, ceroulas, colarinhos, punhos e roupas feitas de casimiras e linhos”. De fato, em tempos de crise estes anúncios chamavam a atenção do leitor com o sugestivo nome “saldos de balanço” a fim de manter o consumo em tempos de contração econômica.<sup>37</sup>

Nesse sentido e como arquétipo da conjuntura econômica, acompanhemos o anúncio d’*A Palavra* de 04 de setembro de 1919:

“Calçado Barato – elegante e moderno – a sapataria Mendonça, há pouco tempo instalada no elegante prédio a Rua Conselheiro João Alfredo, esquina da travessa S. Matheus, está vendendo tudo barato” isto tudo “para adquirir bons fregueses. Pede às famílias que só comprem nesta casa.”<sup>38</sup>

Outro exemplo ilustrativo é o anúncio de 11 de julho de 1922 da *Folha do Norte*:

“A *Sapataria Carrapatoso* é o maior empório das novidades. Calçados finos em cores da moda para homens e senhoras, a preços razoáveis. Continua uma grande liquidação de saldos. Venda por atacado, grandes abastecimentos”. Colocava-se como “depositários dos calçados: *Clark, Bristol e Bobalisho* [...]”<sup>39</sup>

---

<sup>36</sup> *A Penna*, 14 de julho de 1914, página não identificada.

<sup>37</sup> *A Palavra*, 23 de setembro de 1917, p. 3.

<sup>38</sup> *A Palavra*, 04 de setembro de 1919, p. 3.

<sup>39</sup> *Folha do Norte*, 11 de julho de 1922, p. 4.

Conforme já enfatizamos a prosperidade da economia gomífera proporcionou um pontual remodelamento da cidade de Belém, com a construção de novos espaços de sociabilidade e o desenvolvimento da área comercial da cidade, ao mesmo tempo em que aguçou para os grupos mais abastados o consumo de variados produtos, como aqueles voltados para o vestuário. Entretanto, os anúncios acima se referem a um período de crise econômica. Tal crise tornara-se tão grave a ponto do governador do Pará afirmar já em 1922: “Impossível foi manter-se o equilíbrio orçamentário, tal a exigüidade da renda arrecadada.”<sup>40</sup>

Apesar da crise, a documentação pesquisada sugere que o consumo e encontros na área comercial de Belém eram momentos importantes para o exercício de sociabilidade numa cidade moderna.<sup>41</sup> A partir das roupas de homens e mulheres que circulavam pelas áreas centrais da cidade, podemos entrever que o uso de determinadas indumentárias nestas ocasiões de compras e passeios no comércio fomentava distinções sociais. Segundo Sarges “a elite, ao menos no discurso procurava seguir o modelo parisiense. As atrações eram os cafés, as conferências, os bailes, as óperas e peças teatrais que se exibiam no majestoso *Theatro da Paz*”. Nesse contexto Sarges assevera a importância dos periódicos que além de realçarem “o desempenho dos artistas”, também registravam a “presença de pessoas importantes que lá se encontravam e como estavam vestidas.”<sup>42</sup>

Não deve ser considerado assim um acaso que folhetinistas, mesmo nos últimos suspiros do século XIX, tenham misturado os assuntos de moda em seus textos amenos. Um exemplo que aventa tal afirmação esteve nas páginas do *Diário de Notícias* de 03 de julho de 1892. Assinando “Arlequim” trazia como título “Entre compadres?”<sup>43</sup> um sugestivo colóquio sobre a presença do um “compadre” na “abertura do congresso” na cidade. Nesse sentido o outro “compadre” respondera: “E por que não? Lá estive metido no meu fardão de grande gala”. No transcorrer do diálogo o compadre presente ao evento foi inquirido sobre a presença de um suposto “Coutinho”. Sua resposta foi que “lá estava”. “De casaca” interrogava o outro

---

<sup>40</sup> Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo em 07 de setembro de 1922, pelo Dr. Antonio Emiliano de Sousa Castro, Governador do Estado do Pará, p. 8.

<sup>41</sup> A par disso, Wanda Maleronka corrobora nossas interpretações ao dizer que o universo do consumo e o comércio do vestuário de luxo ganhavam muito espaço nas cidades modernas e isso é perceptível a partir do entendimento que a mudança na cidade, leva as camadas altas a apresentarem “uma variedade de roupas exibidas em seus passatempos variados”. A esse respeito ver: MALERONKA, Wanda. *Fazer roupa virou moda – um figurino de ocupação da mulher (São Paulo 1930 – 1950)*. Cit., p. 103.

<sup>42</sup> SARGES, Maria de Nazaré. Cit. (A), p. 134.

<sup>43</sup> ARLEQUIM. *Diário de Notícias, Entre Compadres?* 03 de julho de 1892, página não identificada.

compadre. Sobre a roupa do tal Coutinho interpelava o “curioso” compadre alheio ao evento daquele ano. O compadre que foi ao evento respondeu que o Coutinho teria ido de “casaca”. O atento compadre, que compareceu ao evento, talvez para ironizar o amigo também falou que “por lá” apareceu “de redingote” o “Teixeira”. “Palavra de honra que não acho isto bonito” justificava suas observações para o compadre ausente. Também citou a presença do “Martins”, que segundo o compadre, supostamente desatento às modas masculinas, estava “todo encasacado e de botina *Bostock* em vez de *Mellié*”. O colóquio terminava com a reflexão do compadre presente no episódio: “eles é que bem sabem compreender a coisa” e que “enquanto a República for de operetas, compadre, isto há de andar sempre assim mesmo.” Por fim, o compadre ausente sugeria uma mudança no tema na “conversa”.<sup>44</sup> Se analisássemos mais detidamente o colóquio publicado no *Diário de Notícias* teríamos mais facetas e ambigüidades a serem interrogadas. No entanto não podemos deixar de entrever que os temas como as roupas usadas no alusivo acontecimento e apontados pelos personagens do diálogo são também resultados das interpretações da sociedade de Belém, sejam aqui no caso homens ou mulheres, sobre a moda, pontuados por seus cronistas e articulistas, que, por conseguinte acabavam redimensionando-a, mesmo nos últimos anos oitocentistas. Possivelmente, no diálogo, o uso dos trajes também apareça associado as críticas à República, indicando, que embora com um novo governo não houve mudanças na sociedade. Era como se os homens da República (que simbolizavam o novo), aparecessem na verdade em vestes arcaicas.

Logo, no campo da moda essas mudanças se apresentavam e as elites dispunham assim de vários formatos de lazer e ir as compras passava a ser mais um momento de entretenimento. Lojas de tecidos, de modas, de novidades domésticas se aglutinavam em importantes vias urbanas e atraíam consumidores. A Rua João Alfredo, conforme já apontamos, é um espaço importante de comércio em Belém e se colocava como uma das grandes vias de sociabilidade das elites. Entre o final do século XIX e começo do século XX, período *áureo* da borracha, o centro comercial de Belém atingiu seu fastígio. Naquela época a Rua João Alfredo tinha lugar de destaque no roteiro de compras das pessoas mais elegantes da cidade, sapatarias e lojas de tecidos tinham destaque especial, uma vez que era lá que as mulheres da alta sociedade compravam as *fazendas* que estavam na moda para confeccionar seus vestidos de baile e trajes do dia-a-dia. As recordações de Octavio Meira em “*Memórias de quase ontem*” fornecem detalhes para melhor compreender a importância do logradouro na

---

<sup>44</sup> *Ibid.*

vida social da elite de Belém na época. Segundo o memorialista era na João Alfredo que se situava a “Casa Pekin”, uma loja importante que oferecia “espelhos, louças, tapetes” dentre outros produtos. Suas lembranças não deixam escapar também a frequência de membro da elite de Belém ao “Palais Royal”, que segundo ele, era o “centro preferido dos ricos que usavam jóias e pedras caras”.<sup>45</sup>

A cidade de Belém na sua divisão sócio-espacial, com a crise da borracha se via ainda mais mergulhada em problemas estruturais e caracterizada pela falta de condições para as camadas populares. Nos anos 20 a capital paraense sentia o declínio do comércio da borracha. Tínhamos degustado a riqueza e as contradições do ciclo da borracha, o que provocou um enriquecimento artificial das metrópoles amazônicas.<sup>46</sup> Empréstado o ano de 1918 do memorialista Octavio Meira visualizamos uma Belém sem andaimes, sem construções, sequer uma obra nova. Podemos aqui perguntar onde estava a Belém do “fausto”? Segundo Meira “Belém apodrecia na sua pobreza e na sua melancólica decadência”. Na famosa Avenida Nazaré via-se “casas abandonadas, vazias, por que o êxodo levava grande parte da população para o sul, em busca de meios de vida que aqui não existiam”, declara o autor. Também segundo Meira “não havia preços para imóveis. Não havia quem comprasse. Ninguém podia comprar e todo mundo queria vender. Imóvel foi mercadoria que se aviltou por muitos anos”.<sup>47</sup>

Contraditoriamente ou como melhor diria Gilberto Freyre, num complexo processo “sociocultural”,<sup>48</sup> os sentidos e usos da moda permaneceram frequentando o imaginário das elites de Belém mesmo após o declínio da economia do látex, conforme já asseveramos anteriormente. Padrões de comportamento e de usos de indumentárias perduraram e ganharam novos sentidos a partir das reorganizações históricas vivenciadas por seus sujeitos. Assim, leilões de jóias e anúncios de liquidação nos periódicos de circulação se tornavam comuns, refletindo o contexto do período, como o “grande leilão de jóias penhoras na Casa Cahen”.<sup>49</sup>

---

<sup>45</sup> MEIRA, Octavio. *Cit.*, p. 130-131.

<sup>46</sup> SARGES, Maria de Nazaré. *Cit.*; DIAS, Ednéa Mascarenhas. *Cit.*

<sup>47</sup> MEIRA, Octavio. *Cit.*, p. 136.

<sup>48</sup> Gilberto Freyre arremata a relação entre moda e complexos culturais. *Vide* FREYRE, Gilberto. *Cit.*, p. 55-56.

<sup>49</sup> *Folha do Norte*, 11 de julho de 1922, p. 6.



Segundo Marina Maluf e Maria Lúcia Mott “os padrões de comportamento burgueses, a modernidade e o consumo foram absorvidos de forma desigual pelas diferentes regiões e cidades e pelas diferentes camadas da população.”<sup>50</sup> Referindo-se a estas preocupações em relação à cidade de Belém, Sarges enfatiza que a chamada “*Belle-Époque* imprimia, desse modo, a redefinição do espaço urbano” e este processo “tornava bastante visível a distinção entre a área central da cidade, destinada aos ricos burgueses desodorizados e higienizados e as áreas periféricas destinadas à população trabalhadora pobre.”<sup>51</sup>

Se de um lado a virada do século XIX para o XX e as primeiras décadas desse século, são marcadas por mudanças de comportamento social, conforme nos referimos anteriormente, de outro lado tais mudanças são também representadas, muitas vezes de forma caricata por muitos cronistas de revistas. Desse modo, em 18 de fevereiro de 1922, a revista *A Semana* na seção *Miss Futilidade* nos sugere um arquétipo das mudanças vivenciadas, para não dizer conquistadas, dessa mulher pertencente à elite belenense na virada do século. A mesma *Miss Futilidade* “dá os últimos retoques na concha dos seus lábios muito finos e em redor dos seus olhos negros e rasgados. Miss Futilidade vai sair. Vai ao chá-dansante, ao cinema ou a uma visita de sociedade. Vai, pouco importa onde.”<sup>52</sup>

A crônica prossegue revelando que “o seu vestido novo ainda não foi visto e faz-se mistério mostrá-lo.” A questão seguinte era: “que lhe importa que a vida não seja, tão somente, o círculo limitado e estreito de um salão de dança ou de cinema? Ela nada mais sabe, nada mais entende. Fizeram-na assim, educaram-na para isso.” O cronista assinala suas idéias deixando algumas questões: “E acham pouco? Acham pouco a meia dúzia de frases francesas que ninguém diz melhor que ela? Acham pouco o shimmy e o tango que ela dança como nenhuma outra?” E por fim e ironicamente: “O *flirt* em que ninguém ao menos á capaz de igualá-la? Os artistas de cinema que ela conhece um por um, nos menores detalhes, o presente e o passado de todos, de todos esses complicados nomes e obtusos? Acham pouco?”<sup>53</sup>

A personagem feminina, descrita em 1922 pelo cronista d’*A Semana* é representada como fútil e demente, desprovida de intelectualidade, bem aos moldes tradicionais do século anterior. Mas as mudanças não passavam despercebidas por argutos

---

<sup>50</sup> MOTT, Maria Lúcia & MALUF, Marina. *Cit.*, p. 400.

<sup>51</sup> SARGES, Maria de Nazaré. *Cit.*, p. 155.

<sup>52</sup> E. S. F. *A Semana. Miss Futilidade*, 18 de fevereiro de 1922, página não identificada.

<sup>53</sup> *Ibid.*

cronistas. Naqueles anos as mulheres de extratos mais privilegiados mostravam-se capazes de falar sobre cinema, moda, “fuxicar” sobre a vida alheia dos membros da sociedade. Para o cronista, ela apresentava reles preocupações, e assim deveria permanecer. No entanto, e ironicamente, o trecho também nos revela uma mulher urbana envolvida com as frenéticas novidades das primeiras décadas do século XX. Na apreciação de Aldrin Moura de Figueiredo “o mundanismo transitava sob diversos ângulos e em diferentes linguagens visuais – da fotografia a crônica, da pintura ao cinema, do teatro a poesia.”<sup>54</sup> Percebe-se que cronistas da época passaram a abordar temas como os *flirts*, moda e beleza. Estes representam as idéias em voga e buscam registrar em suas crônicas os reflexos de um tempo com novos valores. De fato, conforme sugere a crônica algumas mulheres de grupos mais abastados, podiam sair de casa para um simples passeio no centro comercial de Belém, com direito a parada num salão de chá, indicando a constituição de uma cultura urbana, marcada por novas sociabilidades e novos padrões de consumo.

Nas primeiras décadas do século XX, a própria moda parisiense que tantas influências tinham entre as mulheres da elite paraense também iria sofrer mudanças. A partir, sobretudo da década de 20 notam-se transformações não raro expressadas na revista *A Semana*. De fato, essa documentação permite perceber a disseminação de novas práticas indumentárias, estimulando novos sonhos de elegância. Um exemplo disso é a crônica d’*A Semana* publicada em 1923, intitulada *A Moda*. Assim, o (a) atento (a) cronista adverte acerca de tais mudanças ao enfatizar que: “as nossas elegantes já não são aquelas preciosas escravas da moda parisiense, que recebiam os últimos figurinos da *Cidade-Luz*, como se fossem as vozes de um oráculo.” Ao lado disso, o (a) cronista destaca um novo padrão de vestir, que possibilitava a imagem de um corpo feminino que ficava mais à mostra: “a moda das saias curtas e dos braços desnudos veio com o alvorecer da grande guerra, que teve o seu início ao declinar de 1914.”<sup>55</sup>

O registro esclarece também que “durante oito anos os *tailleurs* parisienses quase não alteraram o comprimento das saias, deixando a descoberto o belo torneado das pernas, obra maravilhosa do artista-Deus.” Diz que “em setembro de 1922 chegaram a Belém os figurinos que legislavam a moda para inverno de 1923. Muitos pensaram que na *season* Nazarena do último ano os novos vestidos predominassem” apontando “o gosto da *rafiné*, da

---

<sup>54</sup> FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *Eternos Modernos: História social da arte e da literatura da Amazônia, 1908-1929*. Tese de Doutorado em História Social. Campinas: IEFCH - Unicamp, 2001, p. 129-147 passim.

<sup>55</sup> FLEUR, Mille. *A Semana. A Semana Elegante “A Moda”*, 09 de junho de 1923, página não identificada.

elegância belenense. Entretanto, um ou dois trajés apenas, dos que hoje deviam estar *galarim*, surgiram naquela feira da vaidade”, sugerindo que apesar da leitura e observação de figurinos parisienses, por parte de algumas mulheres em Belém, nem sempre seguiam as recomendações das modistas francesas. Um dos motivos que levava a isto era o próprio clima quente do estado do Pará, no período da festa se Nazaré, conforme indica *A Semana*, lembrando que se tratava de “costumes do inverno”.<sup>56</sup>

Em relação ao vestuário para o clima quente, Frederico José de Santa-Anna Nery, importante intelectual paraense que captou em seus escritos valores culturais e estéticos sobre a Amazônia nos apresenta uma preciosa indicação dos usos de uma moda européia não correspondente ao clima amazônico.<sup>57</sup> Assim, segundo Santa-Anna Nery, “mesmo nas casas ricas, não se encontra nenhum luxo de mobiliário, nenhuma suntuosidade aparente, nenhuma exibição de objetos que constituem a delícia das civilizações refinadas”. Em relação ao vestuário, entretanto, “o habitante do Amazonas se acredita obrigado a se submeter aos cortes das vestimentas européias. O pano escuro é de rigor, bem como o chapéu de seda, usos absurdos em clima semelhante”. O autor descreve que “as senhoras se mostram mais práticas e se vestem geralmente de fazendas leves, se bem que conservando sempre certo toque parisiense. As roupas de tecido leve de algodão, seda e musselina são usadas pelas pessoas da sociedade”. Conclui argumentando que “se os habitantes do alto Amazonas obedecessem menos aos preceitos da moda e seguissem um pouco mais as simples indicações de higiene, só se vestiriam de flanela ou tecidos de seda, e usariam o capacete usado pelos ingleses nas Índias”.<sup>58</sup>

Voltando aos figurinos parisienses, embora sem estarem tão presentes na quadra Nazarena, *A Semana* não deixava de demonstrar um maior detalhamento das mudanças ocorridas no vestuário feminino, apresentadas nos novos figurinos que atingiam as predileções das mulheres em Belém na década de 1920. Informa com certo tom de

---

<sup>56</sup> *Ibid.*

<sup>57</sup> Trata-se de um importante intelectual nascido no Pará em 1842 e que “se destacou como um dos principais divulgadores da região no exterior, sendo uma figura ativa nas relações internacionais brasileiras defendendo a imigração durante o final do Império e início do período republicano [...]”. Se destacou por ser “um dos escritores pioneiros no estudo do folclore amazônico e participou de importantes instituições francesas [...]”. Para saber mais ver: SARGES, Maria de Nazaré & COELHO, Maria Carolina. *Divulgando a Amazônia em Paris. Santa-Anna Nery e sua “Missão”*. In: Revista de Estudos Amazônicos – Revista do Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia. Belém: UFPA, volume II, Jul/Dez 2007, p. 47- 65 - passim.

<sup>58</sup> NERY, Frederico José de Santa-Anna. *O País das Amazonas*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979, p. 111.

preocupação, que na Europa com o término do inverno “pouquíssimos foram os vestidos, cujas saias chegavam quase aos artelhos; as mangas encurtaram tanto que revelavam as axilas.” Também registra que “raríssimas foram às senhoras que se apresentavam com vestes de mangas amplas, sendo que muitas exibiam as mesmas mangas de gaze, *pongée* e outros tecidos leves e esvoaçantes.” O mesmo texto indagava qual o porquê disso tudo. Parecia-lhes que tudo isso ocorria devido “há necessidade da exibição de beleza de braços impecáveis, braços alvos que seduzem e que se amoremam as ardências do sol.” Mais adiante, e fechando o comentário, fazia referência aos usos das saias curtas, que no seu parecer davam a “mulher um tom de mocidade que a aproxima das adolescentes de quinze anos.”<sup>59</sup>

O texto possivelmente, escrito por uma mulher – embora não fossem incomuns os articulistas homens se utilizarem de pseudônimos para assinar crônicas e versos – sugere que as senhoras com mangas compridas e saias arrastando no chão, começavam a dividir seu espaço com outras que deixavam o corpo mais à mostra. Assim, pelo menos para alguns grupos urbanos, os braços de fora e as saias curtas que davam leveza aos movimentos e promoviam certa mocidade, conforme se viu na crônica de *Mlle. Fleur* pareciam ser aceitos.

Tomando como referência as reflexões de Diana Crane, e o texto publicado na revista *A Semana* podemos enfatizar que o vestuário apresentado por algumas belenenses expressava tensões. Os códigos de vestuário intrínsecos nas próprias relações de gênero continuavam a proliferar significações no interior daqueles grupos sociais. Isto indica que as *damas* paraenses mais abastadas mesmo que com experiências sociais muito diversas das mulheres dos grupos populares que muitas vezes trabalhavam e circulavam pelas ruas de Belém, também dirigiam respostas conflitantes para a classe hegemônica. Assim manifestavam subversões não-verbais. Crane se ajustando as idéias de Erving Goffman nos diz que “aqueles que mandam mensagens subversivas” sabem de seu papel social ou no mínimo pleiteiam, no caso de não estarem “inteiramente conscientes delas”.<sup>60</sup>

Não custa lembrar que nem sempre essas mudanças da indumentária feminina como sugere o artigo d’*A Semana* eram facilmente acolhidas pelos mais conservadores em Belém. Outro registro que o antecede nos ajuda a entender esta questão. Trata-se de uma acanhada crônica intitulada “*As últimas modas parisienses*”, publicada n’*A palavra* de 11 de setembro de 1919. Inicia-se anunciando que “na Europa, principalmente na Inglaterra, as

---

<sup>59</sup> *Ibid.*

<sup>60</sup> *Apud* CRANE, Diana. *Cit.*, p. 228.

últimas modas das grandes costureiras francesas estão levando justos protestos das senhoras honestas, que não se submetem a trajes indecentes”. Para melhor justificar tais afirmações o registro traz a baila o exemplo de uma suposta “duquesa de *Somerset*, respeitável dama da aristocracia inglesa”, que declarara “publicamente que as modas recentes, apresentadas pelos ateliers de Paris, pelos decotes exagerados são um insulto as pessoas de bom gosto e um ultraje a moralidade pública.” Também esboça a atitude da “marquesa de *Townsend*” que “publicou um enérgico protesto, dirigido as damas inglesas, dizendo que as autoridades têm o dever de intervir, proibindo nos lugares públicos a ostentação de vestidos tão indecentes.” E não por acaso termina a crônica com o alerta: “aqui fica o aviso as nossas patrícias.”<sup>61</sup>

Daniel Roche ao se reportar a história da moda nos vestuários e aparências entende que “as maneiras de se vestir evoluíram segundo seus ritmos próprios, e suas variações não dependeram apenas da história das modas, pois a sociedade moderna veria coexistirem classes e maneiras mais ou menos tocadas pela mobilidade”.<sup>62</sup> No limiar do novo século XX conceitos como elegância e luxo vão ganhar nova conotação, sem deixar de imprimir seu poder demarcatório nas sociedades democráticas.

Ao transcorrer das primeiras décadas do século XX, nos estratos sociais mais elevados, percebemos um composto social de aprovação e recusa dos novos hábitos indumentários e corporais adotados por diversas mulheres da elite em Belém. Nesse contexto, mudanças no figurino feminino e nas expressões do corpo da mulher tiveram também lugar nas pautas de poetas e até mesmo no discurso médico, o que irá merecer maior atenção em análise posterior. No que refere à atenção de poetas e escritores a moda e sua relação com a figura feminina lembramos-nos oportunamente de Bruno de Menezes. Em, por exemplo, “*Deslumbramento*” de 1924 o poeta modernista deixa entrever sua vigilância ao debate acerca dos usos de jóias; o que a adoção e uso de jóias significava no mundo circunscrito da elite e até as controvérsias sobre os joguinhos de sedução e os tão debatidos flertes da época.

“Chispam as jóias na vitrine...  
 Não olhes tanto essa riqueza,  
 Ingênua e trafega menina  
 De olhos de liquida turquesa...  
 Em cada jóia há um Lovelace

<sup>61</sup> *A Palavra*, “*As últimas modas parisienses*”, 11 de setembro de 1919, p. 1.

<sup>62</sup> ROCHE, Daniel. *História das coisas banais – Nascimento do consumo (séc. XVII – XIX)*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 257.

Há um D. João a seduzir.  
E o brilho de ouro é tão fugaz  
Que é bem melhor dele fugir...  
Chispam as jóias na vitrine... ”<sup>63</sup>

Os versos de Bruno de Menezes em “*Filmando*” de 1924 nos reportam a outras não menos importantes questões aludidas pelo poeta como os passeios em vias públicas da cidade sem a companhia antes exigida do pai ou dos irmãos; os usos de tecidos em voga que na perspectiva embutida nos versos retratam movimentos mais soltos e ousados; os braços amostra em consonância as modas que erradicaram as volumosas mangas do século XIX; a maquiagem mais acentuada em desenhos mais tracejados e cores vibrantes destacando a área dos olhos e da boca, ou como melhor exporia Mary Del Priore, passando do “carmim ao *rouge* no rosto das senhoras”.<sup>64</sup>

[...] Passaste,  
Em ondas de organdis,  
Esvoaçante e serpentina.  
Os braços nus, em gestos de haste,  
A boca rubra e tão pequena [...]”<sup>65</sup>

Ainda escoltando esses sentidos o artificioso poeta em “*Visão Aérea*” deixa entrever uma mulher mais sociável em espaços públicos, em consonância com a moda dos chapéus de “organdi” e um suposto comportamento insinuante aos simpatizantes potenciais, visto que Bruno de Menezes a distingue como uma “vitrine humana que o rigor da moda exhibe”.

“[...] De onde vinha? Não sei.  
O caso é que sorria, andava em passos leves,  
Com um chapéu de organdi  
Talhado em rosa branca.  
De onde vinha? Não sei.

---

<sup>63</sup> MENEZES, Bruno de. *Deslumbramento*. In: *Obras completas de Bruno de Menezes*. Belém: Secretaria Estadual de Cultura, 1993.

<sup>64</sup> DEL PRIORE, Mary. *Cit.*, p. 232.

<sup>65</sup> MENEZES, Bruno de. *Filmando*. In: *Obras completas de Bruno de Menezes*. *Cit.*

Eu apenas a olhei  
Uns três minutos breves.

Se bem que o seu chapéu fosse uma rosa branca,  
O vestido com que vi,  
*Chic*, em verdade.  
Dava-lhe um ar de bébé  
Que inda vestisse bibe...

E ela que vinha a pé,  
Vitrine Humana que o rigor da moda exhibe  
Com o vestido que a vi,  
Julguei que ela ficava  
Dependurada contra as leis da gravidade... [...]”<sup>66</sup>

As regras que regiam o uso do vestuário e as formas de expor o corpo feminino no espaço público aludidas nos versos de Bruno de Menezes eram caracterizadas por diferenças sutis, que dependiam do local e das ocasiões. De todas as formas, observando revistas, jornais e periódicos notamos a quantidade de anúncios direcionados aos anseios femininos. Há de se levar em consideração a análise de Maria Claudia Bonadio, quando diz que a publicidade desconstruirá a mulher mãe-esposa, para criar a consumidora. Antes associada ao ócio do lar, ela naquele tempo ganhava uma imagem dinâmica, associada à cidade através do comércio.<sup>67</sup> É a mulher quem sai às compras e é a ela que a publicidade se dirige. A indústria publicitária coloca a mulher mais perto da modernidade, anuncia os novos modelos de roupas, móveis e eletrodomésticos indispensáveis à mulher moderna, dinâmica e sociável.

Antes restrita ao lar, a consumidora ainda tem as tarefas de mãe e esposa, mas de forma “reformada”. Oportuna a lembrança da dona-de-casa *burguesa* descrita por Michelle Perrot que “tem a responsabilidade de zelar pela família e manter a casa em ordem: arrumação e limpeza da casa ou do apartamento”<sup>68</sup> além da “organização das *soirées* familiares, recepções para a sociedade”.<sup>69</sup> Assim podemos pensar que o papel desempenhado pela mulher burguesa em Belém se diferenciava da dona-de-casa dos meios populares, uma vez que é esta

---

<sup>66</sup> *Ibid.*, p. 84-85.

<sup>67</sup> BONADIO, Claudia. *Cit.*, p. 91-118 passim.

<sup>68</sup> PERROT, Michelle. PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 116.

<sup>69</sup> *Ibid.*

mulher da elite, com todos os atributos de mãe e esposa, que lentamente experimentava o espaço público, enquanto as mulheres dos grupos menos abastados não raro faziam da rua um importante espaço para a sua sobrevivência.<sup>70</sup>

No campo da moda, as mulheres dos grupos mais abastados como vimos, também expressavam mudanças no seu vestuário. Para Maria Claudia Bonadio, as mulheres na década de 1920 estavam se apropriando de elementos do visual e do vestuário masculino, isto acaba por alterar a relação significante/significado. Transformam-se também as relações homem/mulher, *borrando* as fronteiras de gênero e esfumando os contornos. Gera-se assim uma nova imagem de feminilidade.<sup>71</sup> O que é mais interessante é a prática dos itens de vestuário masculino invariavelmente serem combinados com os do vestuário feminino. Crane mencionando Xavier Chaumette nos traz uma reflexão não menos importante que “somente no século XX, particularmente na década de 1920, é que o paletó adquiriu conotação de lesbianismo quando usado por mulheres”.<sup>72</sup>

Com as mudanças trazidas no bojo da modernidade torna-se possível afirmar que a imagem feminina e, sobretudo o comportamento da mulher das camadas mais abastadas estava em construção, uma nova representação do discurso se estabelecia na sociedade. Seguindo este percurso, chamou-nos atenção um perfil feminino publicado em Belém na revista ilustrada *O Record* de dezembro de 1918, intitulado de *Reportagens Confidenciais*.<sup>73</sup> Trata-se de uma seção no interior da publicação, onde personalidades, muito provavelmente da elite de Belém expunham suas opiniões num formato de enquete.

Assim a seção feminina do número de dezembro de 1918 trazia como protagonista a “Senhorita Ana Sereni” que já no primeiro momento reconhece como “o traço predominante de seu caráter” sua integridade. No que se referia à qualidade que mais preferia no homem respondera que “a retidão nos seus atos”. Quanto a sua principal qualidade respondera: “desejar a felicidade para todos e ter espírito pendente para a revolução”, já seu principal

---

<sup>70</sup> Sobre a questão ver, por exemplo: SARGES, Maria de Nazaré. *Os populares no 'fim de festa': a participação de mulheres nos conflitos de rua em Belém (1910/1912)*. In: *Cadernos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas*. Belém, v.12, n.1/2, jan/dez.1993, p. 55-66; LACERDA, Franciane Gama. *Requerendo passagem para si e sua família: mulheres migrantes no Para da virada do século XIX*. In: *Projeto História*, São Paulo, (27), dezembro, 2003, p. 305-320.

<sup>71</sup> BONADIO, Maria Claudia. *Cit.*, p. 121- 129 passim.

<sup>72</sup> *Apud* CRANE, Diana. *Cit.*, p. 216.

<sup>73</sup> *O Record. Reportagens Confidenciais*, dezembro de 1918 (número avulso), página não identificada.



defeito era “não guardar desaforo de ninguém e pugnar sempre pelos direitos da mulher, até serem equiparadas aos do homem na vida civil”.<sup>74</sup>

Mais adiante quando perguntada sobre seu passa tempo favorito respondera: “A leitura de um jornal ou um passeio ao ar livre” e a respeito de sua verdadeira vocação: “Ensinar aos ignorantes ter paixão pela política”. Não menos importante foi sua resposta sobre o que desejava ser: “Consultor jurídico, para poder repartir com justiça, o direito dos que merecem”. Sobre a época que gostaria de ter vivido diz: “Nesta mesma, mas que ela fosse a que viveu Joana D’Arc”. Em relação ao divertimento que mais lhe atraía respondera: qualquer um. E quais eram seus escritores e poetas prediletos? “Alexandre Dumas, Eça de Queiroz, Augusto dos Anjos, Eustachio de Azevedo, José de Alencar, Castro Pinto, Autade Souza, Julia Lopes, Severino Silva, Olavo Bilac, Mantegazza, Estellita Vianna e outros.

Já na última parte da enquete foi perguntada sobre seu paladar preferido, respondera: “Nada”. Quanto aos erros que mereciam sua indulgência: “Os que são praticados pelos imbecis, portanto inconscientes, que não sabem o que fazem”. Sobre o que mais lhe atacava os nervos: “O pedantismo na velhice e a corrupção da sociedade”. A revista lhe indagou também sobre suas idéias acerca do *flirt*, que para ela eram a “decadência moral” e por último inquiriu sobre sua divisa e ela respondera: “Trabalhar sempre, para pobreza minha e engrandecimento da Pátria”.<sup>75</sup>

Por meio desse texto, é possível sugerir que nos idos dos primeiros decênios do século XX, as formas de se expressar e de falar de si próprias, ganhavam cada vez mais espaço em revistas que circulavam na cidade. Percebem-se assim mudanças no comportamento, a exemplo da importância da leitura, de escritores que não escreviam necessariamente apenas para mulheres e que parece fazer parte da vida de muitas damas da sociedade paraense. Desejos antes restritos, aos poucos, passavam a ser incutidos no universo feminino, como direitos equiparados aos dos homens e trabalhar em prol da sociedade. O mesmo passa ser oportuno na análise, na medida em que demonstra as mudanças de predileções e condutas como “paixão pela política”, por exemplo. Assim, mesmo que a referida entrevista não tenha sido dada por uma mulher, a mesma não deixa de revelar um novo ideário feminino, que deslocava a mulher do mundo doméstico para o mundo do trabalho e da política. Desse modo, pode-se dizer que tais mulheres passavam a reclamar mais

---

<sup>74</sup> *Ibid.*

<sup>75</sup> *Ibid.*

oportunidades enquanto os homens “pareciam revelar desconfiança para com a nova mulher”, conforme lembra Crane.<sup>76</sup>

Mais uma vez, parece-nos pertinente destacar aqui também as impressões do memorialista Octavio Meira, que ao falar dos anos de decadência e sofrimento que Belém viveu desde 1910, deixa emergir um quadro de profundas mudanças desde sua “infância” e que afetaria “várias outras gerações”. O que entendemos então é que não foram somente os processos externos como as lutas pelo sufrágio universal ou os movimentos feministas que possibilitaram as mudanças de concepção social das mulheres.<sup>77</sup> Compreendemos que as mulheres que vivenciaram a “enxurrada do desastre financeiro e anos de sofrimento” não permaneceram indiferentes ao novo quadro histórico de Belém. Octavio Meira nos ajuda a entender isto ao dizer que restava em Belém por volta de 1918 “um lastro de cultura e civilização”. Argumenta que “durante anos seguidos, nossa melhor sociedade se instruíra na Europa. “Falava-se francês corretamente na alta camada belemense” e corrobora que “a literatura francesa, a arte francesa, o bom gosto francês sedimentaram um lastro regular de cultura as nossas melhores famílias”, porém arremata suas idéias afirmando que, mesmo com tudo isto, “a pobreza apaga o brilho de todas as recordações”.<sup>78</sup>

Portanto essa mulher moderna que emergia diante de tantas transformações em Belém era caracterizada pela agilidade e pelo gosto de novidade. Um registro de 1922 d’*A Semana* nos permite também entrever tais afirmações. O articulista Mario Correa constrói um apólogo explicitando um suposto flerte seu com uma “maravilhosa sílfide” que “já imaginava divinizada” em seus versos. Chama atenção o registro na medida em que o mesmo articulista se queixa do suposto “pedantismo insuportável” da jovem. Segundo ele, a jovem falou de “Paris, de Roma, de Paris, de Roma, de Londres, de Bruxelas e de Berlim; da sua amizade com a fina flor da aristocracia naquelas grandes capitais do mundo civilizado [...]”.<sup>79</sup>

---

<sup>76</sup> CRANE, Diana. *Cit.*, p. 372.

<sup>77</sup> A esse respeito, ver: ÁLVARES, Maria Luzia. *Saias, Laços & Ligas: construindo imagens e lutas (um estudo sobre as formas de participação política e partidária das mulheres paraenses – 1910/1937)*. Belém: NAEA/PLADES/UFGPA, 1990; ÁLVARES, Maria Luzia Miranda. *Memórias e Imagens do feminismo e das ligas partidárias no Pará: 1910 a 1937*. In: ÁLVARES, Maria Luzia Miranda (Org.), D’INCAO, Maria Ângela (Org.) *A Mulher Existe? Uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia*. Belém: GEPEM, 1995.

<sup>78</sup> MEIRA, Octavio. *Cit.*, p. 139.

<sup>79</sup> CORRÊA, Mario H. *A Semana. A Semana Elegante - “Na Praia”*, 07 de janeiro de 1922, página não identificada.

A pequena crônica deixa entrever que acompanhando as transformações, as mulheres de extratos mais elevados, vivenciavam outras práticas de sociabilidade, como por exemplo, as viagens a capital do Brasil e também fora do país. O Rio de Janeiro, capital da República, considerada na época o eldorado do divertimento importava e propagava hábitos de consumo para outras capitais. Por lá desfilavam as últimas modas registradas pela imprensa que revelava a elegância de homens e mulheres. Um exemplo ilustrativo está n'A *Semana* de 30 de setembro de 1923. O articulista Miss Kiss, no registro intitulado "*Mundanismo*" narra uma cena em que "poucos faltam para o início do filme, quando ela aparece com aqueles requebros, que aprendeu na capital federal."<sup>80</sup> Com as viagens e os próprios resultados dessas novas sociabilidades no espaço público podemos enunciar outra prática vivenciada pelas mulheres nas primeiras décadas do século XX, o acesso a educação. As informações a conhecimentos variados, como vimos era outro caminho pleiteado pela mulher em Belém. Antes restrita a moral tradicional oitocentista, a mulher era preparada para a "arte de agradar" seus pais, irmãos e o marido. A desejada modernidade trazia em seu bojo mais oportunidades para essas mulheres aprenderem novos modos de ver o mundo. Esta relação entre moda, sociabilidade e acesso ao conhecimento, fossem em viagens e freqüentando escolas preparatórias.

Ao lado disso, em Belém, em periódicos e revistas, que procuramos consultar dando maior ênfase entre 1915 até o final da década de 1920, percebemos também uma preocupação com a conquista de distinção na sociedade a partir das indumentárias. As ilustrações e imagens das capas de revistas, por exemplo, podem ser vistas como o apogeu de uma sociedade do visual, em que algumas situações serviam para expressar o grupo social a que se pertencia. Os "anúncios" das capas d'A *Semana* evocam atenção nesse sentido, como pode ser visto nos registros abaixo:

---

<sup>80</sup> A *Semana. Mundanismo*, 30 de setembro de 1923, página não identificada.

“Figura na capa de hoje a gentilíssima senhorinha Silah Bayma de Moraes, distinta irmã do Sr. Carlos Bayma de Moraes e um dos formosos ornamentos de nosso escol” (Figura 4).<sup>81</sup> “O retrato de hoje, que imprime encanto a capa d’A SEMANA, é da graciosa Altair, tão meiga e boa que o nosso afetuoso camarada Oscar Chaves, seu prezado pai, nela experimenta uma doce ventura no seu lar”<sup>82</sup> (Figura 5). “A nossa capa de hoje ornada com o retrato da graciosa senhorinha Inah Simões, filha do extinto desembargador Eloy Simões e muito apreciada no nosso set, pelos seus dotes de formosura e encantos de espírito”<sup>83</sup> (Figura 6). “A Semana de hoje é ornada, em sua capa, com o retrato da gentilíssima senhora Maria Christina Figueiredo, esposa do nosso distinto amigo capitão de coverta dr. Bonifácio Figueiredo”<sup>84</sup> (Figura 7). “Orna a nossa capa de hoje o retrato da formosa senhorinha Beatriz Lindsay, filha do Sr. Frederico Lindsay, figura de destaque no Rio de Janeiro e noiva do Sr. Francisco Sampaio, que há pouco esteve em excursão pelos estados do Norte”<sup>85</sup> (Figura 8).

Nota-se que a imagem feminina ainda era regulada pela presença masculina. As protagonistas das capas eram, na maioria das vezes, tuteladas pela figura do pai, do irmão, do noivo, do esposo; o que sugere a experiência de relações em que o homem tem um papel social de destaque. A identidade dessa mulher era definida pelo sobrenome paterno ou do cônjuge. Numa análise relacional, era como se o homem desse

<sup>81</sup> *A Semana*, 29 de abril de 1922, (capa).

<sup>82</sup> *A Semana*, 01 de novembro de 1922, (capa).

<sup>83</sup> *A Semana*, 22 de novembro de 1924, (capa).

<sup>84</sup> *A Semana*, 10 de janeiro de 1925, (capa).

<sup>85</sup> *A Semana*, 28 de agosto de 1926, (capa).



Figura 4 (*A Semana*, 29 de abril de 1922, Belém, Fonte: Obras Raras, Centur).

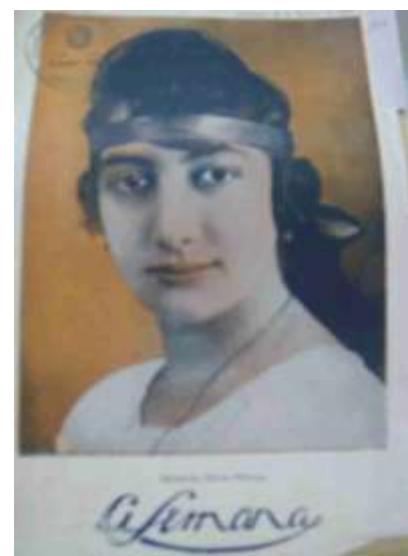


Figura 5 (*A Semana*, 01 de novembro de 1922, Belém, Fonte: Obras Raras, Centur).

o aval e concedesse a sua identidade para mulher, permitindo assim, que esta fosse *retratada*. A partir deste ambiente de dependência da mulher em relação ao homem, Del Pino observa que “nesse sentido podemos dizer que a relação homem-mulher, em nossa estrutura capitalista, é de dependência desta em relação aquela. Essa dependência imprime seu caráter específico em toda vida da mulher.” Argumenta que “as mesmas leis que determinam as relações de produção entre nós, a simples existência de uma classe dirigente e explorada e de outra dirigida e explorada, também se projetam na relação homem-mulher, na forma de explorador-explorado”.<sup>86</sup>

Embora esses magazines e periódicos atingissem, sobretudo, as elites belenenses, o processo de difusão acelerou-se com o desenvolvimento da imprensa como um todo, pois ela mesma se viu compelida a refletir novas idéias e valores no limiar do século XX.<sup>87</sup> Valéria Guimarães assevera que na “passagem do século XIX para o XX ocorreu um fenômeno editorial na imprensa diária das maiores cidades brasileiras” que “logo serviu de modelo para o novo jornalismo praticado a partir de então no Brasil: os jornais de maior circulação começaram a publicar em suas seções de fatos diversos, notícias sensacionalistas, já muito comuns na imprensa européia e norte-americana.”<sup>88</sup> Títulos, anúncios e editoriais, para citar apenas alguns, mostram como os redatores decidiram informar e ao



Figura 6 (A Semana, 22 de novembro de 1924, Belém, Fonte: Obras Raras, Centur).



Figura 7 (A Semana, 10 de janeiro de 1925, Belém, Fonte: Obras Raras, Centur).

<sup>86</sup> DEL PINO, Carlos Castilla. *A “função” de mulher*. São Paulo: Martins Fontes, 1987, p. 14-15.

<sup>87</sup> Buscando perceber a imprensa em seu laborioso exercício de “*fazer-se*” e sua relação com o cotidiano, alguns trabalhos foram fundamentais: DE LUCA, Tania Regina. *Fontes Impressas - História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2008; DIOGO, Marcia Cezar. *O moderno em revista na cidade do Rio de Janeiro*. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Orgs.). *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica do Brasil*. Campinas, SP: UNICAMP, 2005; GUIMARÃES, Valéria. *Os dramas na cidade nos jornais de São Paulo na passagem para o século XX*. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, V. 27, n. 53, p. 323-349, 2007; BARBOSA, Marialva. *Imprensa e Poder*. In: *Os donos do Rio* [...], p. 105-148. A esse respeito ver também: CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana 1890 / 1950*. São Paulo: EDUC, 2000.

<sup>88</sup> GUIMARÃES, Valéria. *Cit.*, p. 324.

mesmo tempo divertir suas “ociosas” leitoras. Essas publicações ofereciam leituras mundanas e sensacionalistas nos mais variados temas. Eram laicas e modernas em seu objetivo de se adaptar as necessidades dos leitores. Como melhor assoalha Marialva Barbosa a imprensa tem “como função formar um discurso unificado e fazendo parte de uma nova ordem letrada, esses diários possuem um poder inquestionável” na tessitura das “cousas da cidade”,<sup>89</sup> mediante seu papel de porta-vozes da população. As páginas de atualidades, que misturavam notas sociais, economia, propaganda e costumes acabam por nos oferecer um manancial significativo para a interpretação das primeiras décadas do século XX.

No século XIX a idealização burguesa de valorização da família, da mulher dedicada ao lar, “sustentada pelo marido e preservada dos males da rua”<sup>90</sup> teria que ceder lugar às mulheres que procuravam cada vez mais o mercado de trabalho e sua individualização. Tais eventos, incrementados pelos modos das mulheres nas modas dos vestidos provocaria o redimensionamento dos papéis de gênero na sociedade belenense.

A escolha do vestuário pelas mulheres em Belém no século XX constitui campo valioso para examinar as relações entre os discursos: “marginal” e “hegemônico”, ou seja, as modas proibidas e censuradas por diversos setores da sociedade e a moda permitida. Embora a história das roupas esteja muito ligada a conceitos como “ser elegante” ou não ser, a moda na verdade envolve um alto grau de debates e controvérsias. Pode-se dizer que muitas vezes a mulher esteve silenciada nas discussões intelectuais e precisaria de um canal para poder externalizar suas ansiedades. Para Crane as perspectivas de grupos marginais, incluem-se nestes a mulher, era a de “buscar aceitação para maneiras de vestir consideradas marginais ou fora dos padrões, especialmente no que tange a sexualidade, segundo as concepções de status ou gênero dominantes”.<sup>91</sup> Lembremos do que falou Emma von Sichart: “o vestir-se é pleno de um profundo significado, pois o espírito humano não apenas constrói seu próprio corpo como também cria as roupas que o vestem, ainda que, na maior parte dos casos, a criação e confecção das roupas fiquem a cargo de outros”.<sup>92</sup>

---

<sup>89</sup> BARBOSA, Marialva. *Cit.*, p. 105-148.

<sup>90</sup> SAMARA, Eni Mesquita. “*Sexo forte*”. In: Revista Nossa História, ano 2, nº. 17, março de 2005, p. 18.

<sup>91</sup> CRANE, Diana. *Cit.*, p. 198. .

<sup>92</sup> Introdução de Emma von Sichart, responsável pela 2ª edição e atualização de “A history of costume” (História do vestuário) de Carl Kohler, pintor, nasceu em Darmstadt em 1825 e morreu em Almoshof, perto de Nuremberg 1876. In: KOHLER, Carl. *História do vestuário*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 57-58.

Esse *novo guarda-roupa* da mulher de classe média e alta em Belém teve seu papel de comunicação simbólica. Tendo como referência as proposições de Crane, é possível sugerir que também em Belém, na falta de outras formas de poder, talvez muitas mulheres das elites usassem de ícones não-verbais, como a roupa, o corte cabelo, a maquiagem como meio de se expressar. De fato, quando olhamos para as capas *d'A Semana*, percebemos um pouco disso.

Até aqueles anos iniciais do século XX, as roupas da moda, apoiadas por outras convenções sociais, ilustravam as doutrinas das esferas e nutriam os papéis submissos que as mulheres deveriam desempenhar. Segundo Crane a historicidade das roupas requer mais investigação por parte dos

historiadores. No jogo social de permissão e recusa as roupas historicamente “constringiam o corpo e dificultavam qualquer forma de movimento.”<sup>93</sup> O cuidado com o que usar podia ser visto, no fato de que cada ocasião demandava um vestido específico, exigindo mudanças constantes nos guarda-roupas. Eram necessária roupas para os bailes, para os passeios públicos, para as compras, para as missas dentre outros. Tais práticas não são tão novas, mas os usos das modas modernas visando abranger o espaço público representavam mudanças na sociabilidade.

A instituição moda como caracteriza Gilles Lipovetsky estava muito atrelada à imagem feminina e ao seu “desejo de embelezar-se, de agradar” que com o adiantar dos tempos adquiriria uma “profunda legitimidade social”.<sup>94</sup> Isto é possível de ser visto em nossa pesquisa quando observamos a quantidade de anúncios registrados dedicados à mulher, direta ou indiretamente, como demonstra o texto do anúncio da *Folha do Norte* de 07 de outubro de 1924: “Casa de Mademoiselle Helene – Lindíssimo e moderníssimo sortimento de meias de seda, vestidos, ultima criação de Paris, de crepe *marocain*, *georgette*, *roumain* da China, de miçangas” todos “próprios para bailes, festas, casamentos, teatros e passeios, chegaram agora



Figura 8 (A Semana, 28 de agosto de 1926, Belém, Fonte: Obras Raras, Centur).

<sup>93</sup> Diana Crane lança mão do trabalho de Margaret Brew, *American Clothing Consumption, 1879-1909*, tese de doutorado, Chicago, que enumera uma série vestidos confeccionados para cada ocasião: para viagem, matutino, para a carruagem, para a ópera, para o baile, casual, doméstico, para o chá e para o verão. In: CRANE, Diana. *Cit.*, p. 199-200.

<sup>94</sup> LIPOVETSKY, Gilles. *Cit.*, p. 139.

para festa de nossa senhora de Nazaré. Combinações de seda e roupas brancas.”<sup>95</sup> A casa de *Mademoiselle Helene* citada no periódico era uma das famosas *Casas Francesas* reportadas por Octavio Meira e que, tudo indica ainda sobrevivia desde os primeiros alardes da crise da borracha.<sup>96</sup> Posteriormente faremos devidas análises da relação anúncios e consumo.<sup>97</sup>

Gilda de Mello e Souza analisando então as mulheres do século XIX e suas relações com a moda informa que esta última “perpassa numa esfera muito além do campo visual, estético. Sua real compreensão, assim como suas nuances, está intrinsecamente ligada à cultura e aos ideais de uma época. Sob a rígida organização das sociedades, fluem anseios psíquicos subterrâneos que a moda pressente a direção.”<sup>98</sup>

Perceba isso na Belém de 1924, registrado por um *discreto* observador, referindo-se a uma senhorinha moderna que circulava pelas ruas da capital paraense:

“Não sabemos quem ela é, porém ela deve saber que isto é com ela. Parece trocadilho, mas não é... Senhorinha segue, de muito perto, as inovações da moda e anda a moderna, no *chic*, como alguém diz.”<sup>99</sup>

Além de seus modos que chamavam a atenção, observador referia-se também a maquiagem da senhorinha com “rosto e lábios cheios de carmim e uns vestidos exageradamente colados, curtos e decotados. Terça última apareceu no comércio com uma saia tão estreita” que mal lhe dava liberdade para andar. No momento em que tomava o bonde encontraria muitos problemas para subir, se viu “encabulada”, mas “não quis dar a rata:

---

<sup>95</sup> *Folha do Norte*, 07 de outubro de 1924, p. 5.

<sup>96</sup> MEIRA, Octavio. *Cit.*, p. 139.

<sup>97</sup> Para Sandra Regina Rech nas primeiras décadas do século XX funcionava muito bem o jogo de poder entre os costureiros e os clientes. Os primeiros são os senhores absolutos das regras da moda, seguida religiosamente pela alta sociedade que a compra, e que só pode ser copiada pelas demais mulheres após um prazo de dois meses, conforme o regulamento da Câmara Sindical de Alta-Costura em Paris. É possível supor que a mulher, com suas roupas e seus espaços criados pelo consumo, era um símbolo emergente dessa modernidade, ainda que isso fosse mais uma representação. A esse respeito ver: RECH, Sandra Regina. *Moda: por um fio de qualidade*. Florianópolis: UDESC, 2002, p. 31.

<sup>98</sup> SOUZA, Gilda de Mello e. *Cit.*, p. 25.

<sup>99</sup> *A Semana. A Vida Fútil*, 22 de novembro de 1924.



segurou nos dois pés balaústres e deu um salto com os dois pés no estribo... Depois outro e, zás! Dentro do bonde... Riram-se, porém ela não deu a braço a torcer”.<sup>100</sup>

O texto acima descreve uma mulher circulando pelo comércio, pegando o bonde, maquiada e vestida, a partir do que ela considerava como bom para si. Embora criticada pela revista *A Semana*, a personagem, que não sabemos se é real ou não, sugere outra sociabilidade feminina. De fato, a mulher dos grupos mais abastados na década de 1920 ainda tem as tarefas de mãe e esposa. Elas deveriam manter um ar de respeito e pudor, para não serem “confundidas”. Sua postura perante a sociedade ainda era a honra inabalada do pai ou do cônjuge.<sup>101</sup>

Apesar de mudanças de comportamento de muitas mulheres, a exemplo da senhorinha descrita pela *Semana*, as fontes consultadas sugerem que nem todas as mulheres de Belém aderiram aos novos tempos, pelos mais diversos motivos. Algumas não compreendiam essa atitude da mulher “moderna”, ou talvez fossem condicionadas a não compreender. Em 1925, Maria do Céu registrava nas páginas da revista *Belém Nova*, suas preocupações com os avanços de algumas mulheres dizendo que:

“Tudo progride, tudo se desenvolve, dizem uns, é necessário que a mulher também evolua: sim, digo eu, até certo ponto, visto que ultimamente já evoluiu demais. Imaginem como serão dos lares se neles encontrarmos uma mulher política?”<sup>102</sup>

Diante disso nos parece que muitas mulheres da elite de Belém não escapavam à regra, vestindo o figurino moderno, mas cuidando da família e do marido, muitas buscavam construir o seu espaço social, mesmo que com as reservas de Maria do Céu, que temia a politização de muitas mulheres.

<sup>100</sup> KODAK, Mister. *A Semana. A Vida Fútil*, 22 de novembro de 1924, página não identificada.

<sup>101</sup> Registramos isto nos apoiando nas idéias, sem nos comprometermos com um anacronismo, de Boris Fausto: “ainda que essas noções devessem ser corporificadas pela mulher, não se tratava, precipuamente, de proteger a honra como um atributo individual feminino e sim como um apanágio do marido e da família”. *Apud* MARTINS JUNIOR, Carlos. *Normas sexuais e exclusão social: o direito penal e os padrões de honra e honestidade feminina no Brasil da Belle Époque*. In: PERARO, Maria Adenir, BORGES, Fernando Tadeu de Miranda. *Mulheres e Famílias no Brasil*. Cuiabá, MT: Carlini e Caniano, 2005, p. 53.

<sup>102</sup> CÉU, Maria do. *Belém Nova. “Páginas de Mulher – Feminismo”*, 14 de março de 1925, página não identificada.

Ao termino desta análise inicial, parece-nos apropriado esmiuçar melhor alguns desses espaços de exercício feminino de sociabilidade. Na seqüência nos deteremos a avaliar dois desses espaços, influenciadores para a manutenção ou não de certas modas no espaço público. Em primeiro lugar investigaremos como a moda dinamizava as relações sociais em bailes e eventos festivos em Belém nas primeiras décadas do século XX. Em seguida, analisaremos os reflexos causados pelos usos de determinadas indumentárias da moda nas igrejas em Belém e, conseqüentemente os discursos restritivos por parte da ala cristã na capital do Pará.

## 2. O VESTIR-SE PARA OS BAILES E FESTAS

“Faceirice e galanteio – eis portanto as duas faces de uma posse simbólica que se realizava na festa, atenuando um pouco as tensões entre os sexos. Evasão, é certo, mais necessária para a mulher, bloqueada antes e depois do casamento por uma moral puritana, do que para o homem, principalmente o elegante, o qual, antes e depois do casamento, circulava com desenvoltura entre dois mundos [...]. Mas se uma das funções da festa é modificar as relações entre os sexos, a outra igualmente importante é modificar as relações entre as classes.”<sup>103</sup>

As palavras alinhavadas por Gilda de Mello e Souza ressaltam as funções desempenhas nas festas e bailes de salões no Brasil habituais desde o século XIX. Os trajes vistosos, antes guardados para reuniões na intimidade do lar, passavam a ser expostos em salões, clubes recreativos, quermesses religiosas além de outros eventos. Mas o que dizer da relação entre festas e sociabilidade? Primeiramente, cabe ao historiador buscar, em se tratando de festas no campo da historiografia,<sup>104</sup> “antes os sentidos que as formas”.<sup>105</sup> Seguindo as

---

<sup>103</sup> SOUZA, Gilda de Mello e. *Cit.*, p 154-155.

<sup>104</sup> Segundo István e Iris Kantor os anos setenta foram promissores no que tange as abordagens sobre festas (fenômenos festivos na história) na medida que “passaram a configurar um campo específico de interesse da *nouvelle histoire* que, apesar de abrigar diferentes vertentes teóricas, pautou o retorno a história *acontecimental* ao preconizar uma abordagem antropológica dos fenômenos coletivos e das politização da vida cotidiana”. Vide ISTVÁN, Segundo & KANTOR, Iris. *Falando de festas*. In: *Festa: Cultura e Sociabilidade na America*

argumentações de Maria Clementina Pereira Cunha, procuramos lançar olhares sobre questões como cultura, sociabilidade em eventos festivos, tentando interpretar “antes o movimento que as permanências, identificando, as mudanças, os deslocamentos de significados e os conflitos escondidos atrás da aparência freqüentemente harmônica na festa”.<sup>106</sup>

A juntar as razões expostas, procuramos documentar a partir de registros deixados em periódicos que circulavam em Belém esta imbricada afinidade entre os trajes femininos, seus adornos e acessórios aos eventos festivos, assim como o próprio complexo exercício de sociabilidade. O mostrar-se em público fosse num passeio corriqueiro pelas ruas da cidade ou num evento como um baile num grande clube recreativo em Belém implicava na própria manutenção da moral. Assim encontramos nos periódicos pesquisados aquilo que Maria Claudia Bonadio chama de “espaços de comunicação e expressão” feminina e que publicavam correspondências de leitoras, numa relação de trocas de experiências, “informações e amabilidades”.<sup>107</sup>

Em um artigo publicado no jornal *A Tarde* em 11 de novembro de 1915 é possível observar-se alguns desses aspectos. Sob o título “*A vida Social*” e rubricada por “Walquiria”, que não sabemos se tratava de uma mulher, ou de um homem usando um pseudônimo, relatava a importância que o “leque” tivera no “baile de Sport”. Em tal texto, aparecia um diálogo em que uma senhorita dizia a outra: “Sabes que é um presente? Apenas não te revelo o nome da pessoa que me o ofertou”. Diante da importância que o leque parecia imprimir à indumentária das senhoritas, o autor (ou autora) do artigo enfatizava ao leitor d’*A Tarde*, o fato de que “o leque é a alma da mulher”. E nesse sentido, “nem as luvas, nem os brincos, nem o indispensável, nem o livro de orações, nem o próprio lenço” eram tão importantes quanto o leque. Comparando tal acessório “a asa de uma grande borboleta” que a vigiava, este teria então várias funções para encobrir ou demonstrar os sentimentos das senhoras e senhoritas nos bailes. Desse modo, nas “festas quando a alma da moça esvoaça alegre”, o leque em suas mãos estava ali “ondulante, flébil, íntimo e doce”, refletindo “a paz messiânica

---

*Portuguesa*. Vol. I. São Paulo:Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp: Imprensa Oficial, 2001, p. 7.

<sup>105</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Veneza, África, Brasil: leituras republicanas, tradições coloniais e imagens do carnaval carioca*. In: *Festa: Cultura e Sociabilidade na America Portuguesa*. Vol. I. São Paulo:Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp: Imprensa Oficial, 2001, p. 70.

<sup>106</sup> *Ibid.*

<sup>107</sup> BONADIO, Maria Claudia. *Cit.*, p. 163.

desses espíritos” juvenis. Mas, quando a alma sentia a “contração amarga de um desgosto”, lá estava o leque a esconder a “face [...] entristecida”. Assim, ao concluir o texto, a suposta Walquiria, enfatizava a importância dos leques para as mulheres ao dizer poeticamente que: “O leque! O leque é bem a metade do nosso coração!”<sup>108</sup>

Folheando também as páginas d’A *Semana* nos deparamos com um texto, sobre a ida aos bailes, do articulista Mario Correa, intitulado *Mademoiselle sensitiva*. Tal senhorita era descrita como “uma delicada figurinha de biscuit, um tipo de faiança preciosa, leve e esgalga como uma libélula”. Esta mulher cujo corpo, expressava a fragilidade do barro do vidro, e leveza das borboletas e que havia sido educada “em meio de luxo e do supérfluo”, cujos “caprichos” eram leis indiscutíveis. Iria “ao baile de máscaras pela primeira vez”. Entretanto, apesar das muitas riquezas, “ao entrar na sala de baile” sentia que “um mundo novo” se desvendava “seus olhos”. Tal experiência, segundo Maria Correa, fazia tal senhorita “sorrir curiosa e surpreendida”, e até ter “calafrios e pasmar”, diante das novidades da festa.<sup>109</sup>

O registro “*Mademoiselle Sensitiva*” destaca a participação das jovens nos bailes em Belém, e o significado deste tipo de diversão na vida de muitas moças da cidade, sugerindo desse modo, a importância do primeiro baile de máscaras. De fato, estes também foram momentos de sociabilidade marcados por encontros entre homens e mulheres. Em Belém, clubes e grêmios recreativos eram freqüentados pelas senhoras e senhoritas. Ao mesmo tempo a descrição do baile não deixa de representar a mulher, como frágil e igualmente fútil.

Mas a participação feminina nos bailes, nem sempre foi representada a partir dessa idéia da fragilidade das mulheres. Em 30 de setembro de 1923, Bruno de Menezes, usando o pseudônimo Berilo Marques, publica na *Belém Nova* o poema “Bataclan”. O testemunho do autor evidencia uma mudança substancial no comportamento feminino, os ritmos dançantes seguidos por elas e sua atenção a cultura material, no que tange a moda e o querer ser “moderna”. As mulheres passaram a usar roupas ousadas, leves, confeccionadas em seda e tecidos mais macios, sugerindo outras compreensões sobre si mesmo e sobre a sociedade em que viviam:

---

<sup>108</sup> WALQUIRIA. *A Tarde, a Vida Social*, 11 de novembro de 1915, página não identificada.

<sup>109</sup> CORRÊA, Mario H. *A Semana. A Semana Elegante - “Mademoiselle Sensitiva”*, 08 de fevereiro de 1922, página não identificada.

“Chique

Mais corpo que vestido.

Seda, cremes, peliças.

Tangueia, fox-trota, quando anda

E lança olhares fulminantes

Aos cinturinhas

Tem umas pernas delirantes

Quando anda

Tremem-lhe os seios de nervosas linhas.

Que originais as suas jóias!

Conta histórias de chás

E cinematográficas tramóias

No último baile chique

Da Assembléia.”<sup>110</sup>

As danças de salão, os grandes bailes popularizados em Belém nas primeiras décadas do século XX pediam roupas mais leves, mais maleáveis, numa espécie conformidade com os ritmos em voga na época. O entretenimento naqueles anos era variado para a elite paraense. Os grupos mais privilegiados freqüentavam os vários salões em Belém como o *Grêmio Recreativo Português*, o *Clube do Remo*, a *Real Tuna-Luso Caixerai*, *Esporte Clube*, a *Assembléia Paraense*, *Clube Universal* e o *Clube Internacional*. Tratavam-se dos clubes prediletos das famílias da elite belenense. As datas comemorativas eram bons pretextos para organização de festas, como no caso dos preparativos para os festejos do tricentenário de Belém. A par disso, por exemplo, o Jornal *Folha do Norte* de 23 de dezembro de 1915, em seção intitulada “Vida Elegante” dizia que “Belém enfeita-se e ilumina-se para comemorar a passagem do seu terceiro século de vida. Até o *Sport Club*, que se acomodava num remansoso silêncio, desperta para as festas”. Belém com três séculos precisava “ser moderna” explicitava a nota. “Aproveitemos, pois a quadra natalina e as festas do tricentenário e estabeleçamos a vida elegante.”<sup>111</sup>

Assim dentre os eventos festivos que fizeram parte dessas comemorações temos em 1917, uma exposição batizada de “*Três Séculos de Modas*” que depois se tornou uma

---

<sup>110</sup> MARQUES, Berilo. *Belém Nova*. “Bataclan”, 30 de setembro de 1923, página não identificada.

<sup>111</sup> *Folha do Norte*. “*A vida elegante*”, 23 de dezembro de 1915, p. 2.

publicação, organizada por João Afonso do Nascimento, que certamente encantou muitas senhoras que a visitaram. Tratava-se de uma mostra sobre os três séculos da indumentária e da moda em terras paraenses. Ásperos os caminhos para convencer a sociedade da época do grau de importância do tema e, sobretudo o grau de significações que o tema carregava para se entender os três séculos investigados em suas múltiplas dimensões: política, economia, cotidiano, identidade entre outras. “Uma vista de olhos pelos domínios do vestuário e seus acessórios durante o período em exame retrospectivo, sob seus vários aspectos”, poderia ser um motivo “susceptível de merecer a atenção dos estudiosos, como de excitar a apetência dos curiosos, - atrevo-me a oferecer ao leitor meus serviços de cicerone, pilotando-o através dos trisseculares meandros percorridos pela caprichosa Moda, a deusa tirânica”.<sup>112</sup>

Vale dizer aqui que os afazeres para a comemoração do tricentenário da capital do Pará já estavam ocorrendo já algum tempo antes de janeiro de 1916. Não raro encontramos nos periódicos pesquisados, notas e notícias sobre as reuniões para organização do evento. O vespertino *A Tarde* de 02 de outubro de 1915, por exemplo, noticiava a formação um “expediente” para a escolha da “melhor produção musical para o Hino do Tricentenário”. O jornal registrou as presenças ilustres do “Dr. Ignácio Moura, Henrique Santa Rosa, Palma Muniz”, do “maestro Roberto de Barros” e é claro, do “comendador João Affonso do Nascimento”. A atinada nota informava que a “mesa estava o seguinte expediente: um ofício do Centro Dramático - Augusto Rosi - e outro do Centro Musical Paraense”, comunicando que o Centro havia elegido os “Srs. Maestro Paulino Chaves, Roberto de Barros e Eduardo Pier Antoni para formarem a comissão julgadora da melhor produção musical”. Segundo a breve tira d’*A Tarde*, o diretório do evento ao tomar conhecimento dos ofícios, resolveu agradecer a ambas as associações o “concurso que ofereceram para o brilhantismo das festas do tricentenário”.<sup>113</sup>

O mesmo *A Tarde*, agora de 30 de novembro de 1915 tratou de noticiar a nomeação de uma “comissão especial” composta por figurões e intelectuais ilustres que teriam a incumbência de organizar as festividades. João Affonso do Nascimento novamente elencava a tal comissão ao lado do “Dr. Luiz Estevão de Oliveira [...] Dr. Emilio de Amaral, Henrique Tancredo e Carlos Cotélio, Cônsul de Portugal”. A mesma nota anunciava que o convite para constituir a comissão se estenderia ao ilustre “diretor da Instrução Pública, Sr.

---

<sup>112</sup> *Ibid.*, p. 23.

<sup>113</sup> *A Tarde. Tricentenário da fundação de Belém*, 02 de outubro de 1915, p. 1.

Egídio Leão de Salles”. O pequeno chamamento se encerrava esclarecendo que os “membros do diretório” de comemoração da fundação de Belém prestariam a comissão todo e qualquer auxílio que deles fosse “reclamado para o desempenho dos respectivos encargos”.<sup>114</sup> Também não passou despercebido pelo periódico a outorga ao “Sr. Dr. Luiz Estevão de Oliveira, juiz seccional” para representar o então presidente da República, o “Sr. Dr. Wenceslau Braz [...] nas festas comemorativas do tricentenário de Belém.”<sup>115</sup>

Assim, em consonância com os objetivos das comemorações do tricentenário, João Affonso traçou um cuidadoso histórico das relações que mediaram à criação e as transformações nos usos da moda no Pará, nos trezentos anos da fundação de Belém. Observando os processos históricos nos quais a moda está intrinsecamente envolvida o autor acaba por revelar o desempenho social desse movimento e como tal fenômeno foi sendo gradativamente alterado nas sociedades contemporâneas, em especial na capital do Pará. Nas linhas e imagens deixadas pelo autor, pode-se perceber que moda, modos, costume são elementos vitais para construção da identidade do indivíduo e do grupo, mediante aos valores que cada segmento social resolve cultivar.

Descrevendo as mulheres que compunham a sociedade paraense o autor enfatiza que tinha “o Pará de outros tempos, entre as suas figuras regionais inconfundíveis, a mulata”, que era “em geral bonita, feições de mestiça, robusta, elegante, amando o asseio e os perfumes fortes, feitos de raízes e ervas nacionais, a pipirioca, o cipó-catinga, a mura-caá” [...]. Ela usava corpete decotado, de mangas curtas e tufadas, saia pelos tornozelos, toda em roda da mesma altura, de folho na beira; as mesma chinelinhas de luxo que já vimos calçando, *pro formula*, a negrinha do Maranhão”. Descreve o cabelo como “ondulado e fofo, repartia-se em duas fartas trunfas, e de cada lado, encaixados no alto de cada orelha” se via “dois grandes ramalhetes de rescendentes jasmims; colar de ouro com medalha na frente e nas costas, sobre o cangote, para afugentar feitiços e maus olhados, enorme figa de azeviche”.<sup>116</sup> Tais descrições, possivelmente, faziam aqueles que visitaram a exposição, pensar o quanto o vestuário tinha se modificado desde aquele passado descrito por João Afonso.

Os grandes bailes promovidos pelos clubes acima referidos eram mais um espaço de sociabilidade pública para mulher. Nos salões conforme sugere o texto de Bruno de

---

<sup>114</sup> A Tarde. *Tricentenário da fundação de Belém*, 30 de novembro de 1915, p. 1.

<sup>115</sup> A Tarde. *Tricentenário de Belém*, 21 de dezembro de 1915, p. 2.

<sup>116</sup> NASCIMENTO, João Affonso do. *Três séculos de modas*. 2ª ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1976, p. 223.

Menezes na *Belém Nova* dançava-se *charleston*, o *fox-trot*, o *jazz-band* e o suntuoso *tango argentino*. Ernesto Cruz em *História de Belém* nos reporta ao tempo em que a vida social da elite belemense estava “retratada nos jornais e revistas da época”. O autor assevera não raro era encontrar notícias sobre as “associações de maior destaque na cidade, reunindo o que de mais elegante e aristocrático existia”.<sup>117</sup>

Sobre os mais notáveis salões recreativos em Belém nas primeiras décadas do século ganham destaque a *Assembléia Paraense*, fundada a 27 de dezembro de 1915. Segundo Ernesto Cruz era o ambiente predileto para se presenciar a “mais alta expressão da vida aristocrática da cidade”. Desde sua abertura a *Assembléia Paraense* “mereceu a preferência dos mais altos representantes da coletividade. As suas festas passaram a constituir o que de mais elegante podia ser exigido.”<sup>118</sup> O Clube do Remo era outro grêmio recreativo importante primeiro por ser “uma das mais antigas associações desportivas e sociais de Belém” e por “contribuir para a intensidade e vida recreativa da cidade.”<sup>119</sup>

Nesse cenário, da primeira década do século XX, já existiam concursos para escolha das mais belas elegantes senhoritas da cidade. Ernesto Cruz destaca um desses concursos, promovido pelo diário “*A Província do Pará*” por ocasião dos festejos do Círio de Nazaré, e que havia sido organizado por uma colunista social d’*A Província* que assinalava *Madame Vera*. Tratava-se de um “*Concurso Chique* para apontar as mais belas *toilettes* exibidas pelas senhoras e senhoritas da sociedade paraense, presentes aquela romaria religiosa. Entendemos por se tratar de um evento tipicamente da elite de Belém, que estes eram “espaços simbolicamente marcados”<sup>120</sup> para identificação das camadas mais abastadas, que se constituíam a partir do entretenimento. Isso se confirma ao percebermos os critérios e as categorias premiadas no mesmo concurso: “prêmio de honra para madames” ficou com “Madame Paqueta de Abreu com 228 votos”; “prêmio de honra para mademoiselles” ficou com “Mademoiselle Ida Coelho com 203 votos”; “prêmios para madames” ficaram respectivamente “Alice Sampaio com 197 votos, Anísia Fraga de Castro com 153 votos, Delfina da Gama Muniz com 115 votos, Alice Pires Nunes com 106 votos”; e no que se refere aos “prêmios para Mademoiselles” ficaram assim distribuídas “Maria de Carvalho Cabral com

<sup>117</sup> CRUZ, Ernesto. *História de Belém*. Belém: UFPA, 1973, Vol. 2, p. 425-426.

<sup>118</sup> *Ibid.*, p. 427.

<sup>119</sup> *Ibid.*, p. 428.

<sup>120</sup> GIACOMINI, Sonia Maria. *A Alma da festa: família, etnicidade e projetos num clube social da zona norte do Rio de Janeiro – o Renascença Clube*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006, p. 49.



202 votos, Carmen de Siqueira Cardoso com 174 votos, Flêurice Melo com 138 votos e Ernestina Abreu com 126 votos”.<sup>121</sup>

Nesses “concursos de beleza” ou nos “grandes bailes” promovidos pelos clubes, “as damas” compareciam “ostentando os mais ricos vestidos, bem adornados de jóias a despertar a atenção e o respeito e as preferências dos seus pares.” Ernesto Cruz compreende estas festas, no período chamado por ele de “fastígio do ciclo da borracha”, como “reuniões inesquecíveis” onde os membros da alta sociedade de Belém podiam ver e serem vistos.<sup>122</sup> Assim, conforme aponta Sonia Maria Giacomini, no trabalho “*A alma da Festa*”, precisamos entender os bailes das primeiras décadas do século XX através do “caráter familiar” e que essas “confraternizações parecem ter sido ocasiões privilegiadas para que os integrantes do grupo, tal qual uma equipe esportiva que participa de um certame na sede de outro clube, reforçassem e acentuassem os emblemas e as marcas, forjados para sua auto-identidade, por intermédio dos quais pretendem ser reconhecidos também externamente.”<sup>123</sup>

A *Semana* de 01 de março de 1924 traz um bom exemplo para se entender o papel desempenhado por esses clubes e agremiações para as famílias mais abastadas. Trata-se de um anúncio convidativo para uma não menos importante “festa de luxo” na Assembléia Paraense, que aconteceria na “segunda vindoura”. Argumentava-se que por se tratar do “clube predileto das nossas famílias da elite, os seus salões sempre transbordam dos mais finos elementos no sorriso esvoaçantes das senhorinhas” e do “corretismo dos cavalheiros. A diretoria do elegante grêmio vem se esforçando para dar a (festa) de depois de amanhã o maior brilho e distinção possíveis.”<sup>124</sup>

Porém esses processos de sociabilidade nos bailes e festas também causavam alardes em alguns segmentos, não sendo vistos com bons olhos, como no caso de alguns colaboradores d’*A palavra* que manifestavam preocupações com a participação das mulheres católicas nesses salões em Belém. Assim, o Padre Manoel Bernardes n’*A Palavra* de 06 de fevereiro de 1921 em nota intitulada “*O Baile*”, lembrava aos leitores do periódico que o “bailar e dança tem parte de louco e furioso,” diante dos “movimentos do corpo, tão vários, tão ligeiros, tão afetados”. Tais requebros, pela compreensão do sacerdote, indicavam que o

---

<sup>121</sup> *Ibid.*, p. 426.

<sup>122</sup> CRUZ, Ernesto. *Cit.*, p. 426.

<sup>123</sup> GIACOMINI, Sonia Maria. *Cit.*, p. 49.

<sup>124</sup> PIERROT. *A Semana. A Vida Elegante “Os grandes bailes”*, 01 de março de 1924, página não identificada.

“siso” estava “movido algum tanto do seu assento”. Complementando seus argumentos contrários à participação das famílias católicas em tais eventos Padre Manoel Bernardes asseverava que seriam nestes mesmos bailes que “andam livre as mãos, livres os olhos” em que “livres soam as palavras.”<sup>125</sup>

Nos anos de 1910 e 1920, a moda iria passar por transformações tão surpreendentes para época e que certamente seriam reprovadas pela sociedade tradicional do século XIX. A moda como emblema de emancipação feminina já vinha se formatando desde a fase áurea da *Belle Époque*. Segundo Nicolau Sevcenko as mulheres na primeira década do século XX permaneciam investindo na “aparência, nas roupas e no porte” justamente por oferecer a “oportunidade de romper com as hierarquias e barreiras sociais”<sup>126</sup>, examina o autor. O movimento pela emancipação da mulher, o cinema americano, como outros fenômenos inerentes à modernidade influenciavam a moda local. Em Belém, as mulheres de elite estavam freqüentando mais o ambiente público, fossem em bailes nos grandes salões como *Grêmio Português* ou em passeios triviais pelas ruas de Belém. Aliás, vale suscitar as idéias de Guillaume Erner sobre a relação espaço público – rua com a moda: “a rua é laboratório da moda”.<sup>127</sup> Quando as mulheres extrapolam seus novos ideários, suas novas indumentárias e predileções para além do privado, na verdade estão fomentando uma revolução no campo das mentalidades, muito complexo para ser sobrepujado. Para Maluf e Mott “era na cidade” que as mulheres “trocavam sua aparência paroquial por uma atmosfera cosmopolita, que se desenrolavam as mudanças mais visíveis”.<sup>128</sup> Pensando justamente na transferência de uma estética “paroquial” das mulheres a uma aparência considerada “moderna” é que analisaremos os usos de novas modas pelas mulheres cristãs e como a Igreja católica contrapôs a essas mudanças.

---

<sup>125</sup> *A Palavra*, “O baile”, 06 de fevereiro de 1921, p. 2.

<sup>126</sup> SEVECENKO, Nicolau. “*A capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio*”. In: História da vida privada no Brasil - três. SEVECENKO, Nicolau (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 539.

<sup>127</sup> ERNER, Guillaume. *Vítimas da moda? Como a criamos, por que a seguimos*. São Paulo: Editora Senac SP, 2005, p. 114.

<sup>128</sup> MOTT, Maria Lúcia & MALUF, Marina. *Cit.*, p. 371.

### 3. “VESTIDAS SEM SE COBRIR”: A MODA NA IGREJA E DEPOIS DA CERIMÔNIA

Alcântara Machado (1871-1945) no capítulo “*Fato de vestir, jóias e limpeza da casa*”, no livro pioneiro “*Vida e morte do Bandeirante*”<sup>129</sup>, publicado em 1929, utilizando-se de inventários coloniais de São Paulo e referindo-se ao que chamou de “modas femininas”, já lembrava que “chama-se vestido de igreja o vestido de gala. Onde, com efeito, se não nas festividades religiosas, podiam as senhoras daquele tempo dar o espetáculo de sua beleza e galanteria? [...] Sem jóias não há dama que se considere suficientemente vestida”.<sup>130</sup> Tal afirmação, mesmo que se referindo a São Paulo colonial, aponta a importância que a roupa tinha nos momentos de celebração religiosa, que apareciam como momentos importantes de sociabilidade e igualmente de exposição pública de acessórios e ornamentos femininos, indicadores da condição social de seus possuidores. Tais práticas, considerando as peculiaridades do tempo e do espaço, não deixam de ser visualizadas entre as mulheres paraenses dos grupos mais abastadas em Belém, já no início do século XX.

Um importante momento de sociabilidade para as estas mulheres era a frequência a igreja, nas missas, nas festas religiosas, nos encontros de apostolados dentre outros. De fato, um olhar mais detido nas páginas dos periódicos, nos permite observar a vida religiosa em Belém do Pará, nas primeiras décadas do século XX, a partir de um conjunto de festas católicas realizadas nas paróquias da capital, marcadas pela “estação quaresmal”<sup>131</sup>, após o

---

<sup>129</sup> O autor lança a seguinte questão: *O que dizem os inventários?* Várias pesquisas historiográficas vêm utilizando esse tipo documental como depoimento da vida material, dos roteiros de interesses e da própria história social. Vale ressaltar que a partir dos inventários o historiador expande qualitativamente suas interpelações sobre o passado social na medida em que desvenda um manancial de informações que devem dar conta de temáticas como: organização familiar, o mundo privado e suas intimidades, seus desejos e aspirações, seus signos de fortuna e suas predileções no que tange a cultura material. Consultar o estudo pioneiro de Alcântara Machado *Vida e Morte dos Bandeirantes* de 1929. O autor inquiriu uma série de inventários abarcando cerca de 122 anos reconstruindo como o bandeirante era, vivia e morria. Nas palavras do próprio autor os “inventários constituem depoimentos incomparáveis do teor da vida e da feição das almas na sociedade colonial” assim como são canais para estudiosos da história possam “viver alguns instantes com os mortos de que vimos entre as coisas que os cercavam é a volúpia a que nos convidam essas folhas rebarbativas, desmanchadas em poeira ou mosqueadas de bolor.” Vide MACHADO, Alcântara. *Vida e morte do bandeirante*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1980.

<sup>130</sup> *Ibid.*, p. 87-98 passim.

<sup>131</sup> *Folha do Norte*, 23 de março de 1910, p.1.

carnaval, pelas procissões de “Corpus Christi”<sup>132</sup> pelas festas de Santo Antonio<sup>133</sup> e São João<sup>134</sup>, pelo arraial de Nazaré<sup>135</sup>, pelas festas natalinas, com o Dia de Reis.<sup>136</sup>

Nesse sentido, a imprensa de Belém, através de alguns periódicos, estava voltada para as mulheres e ofereciam referências sobre o *up date* na moda, o que estava em alta, o que era moderno. A *Belém Nova*, por exemplo, trazia a coluna *Depois da Missa da Elegância*, em que descrevia os vestidos, os chapéus, os *flirts*, os gestos das damas da sociedade paraense após a missa dominical na Basílica de Nazaré. A *Semana* por vezes também fazia referência ao hábito elegante de freqüentar as missas, que se tornavam espaços de sociabilidade e exposição de moda. As liturgias nas igrejas até fins do século XIX e mesmo no início do século XX funcionavam como um espaço mediador de costumes e comportamentos.<sup>137</sup>

Na coluna *Vida Fútil*, d’*A Semana* um articulista assinando Johon Krisch, descreve o comportamento de uma distinta senhora do *set* belenense, assim como valoriza a descrição, enfatizando um acessório usado por ela, o chapéu. Informava que quem quisesse vê-la deveria se dirigir “à missa das dez, em Nazaré” e que a tal “senhorinha” possuía “um belo chapéu, um chapéu de abas largas, imensas, pirâmides.” Segundo o articulista “era chapéu das missas, missas das dez e missas das cinco horas.” Concluía dizendo que quando entrava “na suntuosa basílica” e se deparava com aquele “lindo chapéu [...] em meio às filas de bancos repletos de fiéis” logo sabia “que a senhorinha ali está oculta pelas abas do chapéu”.<sup>138</sup> Segundo James Laver, a Primeira Guerra Mundial funcionaria como marco divisor para moda, o que implica em mudanças nas indumentárias femininas. Assim, o chapéu – que já era um acessório conhecido e grandemente utilizado pelas mulheres, embora aqui

<sup>132</sup> *Folha do Norte*, 25 de maio de 1910, p.1.

<sup>133</sup> *Folha do Norte*, 13 de junho de 1910, p.1.

<sup>134</sup> *Folha do Norte*, 25 de junho de 1910, p.1.

<sup>135</sup> *Folha do Norte*, 28 de outubro de 1910, p.1.

<sup>136</sup> *Folha do Norte*, 06 de Janeiro de 1915, p.1

<sup>137</sup> Riolando Azzi no artigo “*Família, mulher e sexualidade na Igreja do Brasil*” assevera que a posição da igreja nas primeiras décadas do século XX era a de garantir a “manutenção da própria ordem social”. O autor argumenta que “ao insistir na tradicional ética familiar e sexual, a hierarquia eclesiástica desejava efetivamente construir um dique que se opusesse as mudanças sócio-culturais do país, consideradas pelos prelados como portadoras da desordem e da anarquia social”. A esse respeito, ver: AZZI, Riolando. “*Família, mulher e sexualidade na Igreja do Brasil*”. In: MARCÍLIO, Maria Luiza (Org.). *Família, mulher, sexualidade e igreja na história do Brasil*. SP: Edições Loyola, 1993, p. 101-134.

<sup>138</sup> KRISCH, Johon. *A Semana*. Vida Fútil, 04 de abril de 1922, página não identificada.

apareça com grandes abas que inclusive ocultavam as senhorinhas que os usavam na igreja de Nazaré – de acordo com Laver, já não eram excessivamente amplos e sim pequenos e bem ajustados à cabeça.<sup>139</sup> Tal afirmação tomando como exemplo o texto da revista *A Semana*, que é de 1922, sugere que embora com influências da moda européia, que chegava pelo cinema, pelas revistas, não se pode falar em um imediatismo nos modismos, por parte das mulheres dos grupos mais abastados. Ou melhor dizendo, não há um único padrão de moda que é seguido pelas mulheres, o que implica em pensar que apesar das mudanças na sociedade a tradição e as novidades no vestir se mesclavam na composição das indumentárias femininas.

Ora essas compreensões, conforme assevera Crane apontam que “reconstruir as mudanças na natureza da moda e nos critérios que orientam as escolhas de vestuário é um modo de entender as diferenças entre o tipo de sociedade que está aos poucos desaparecendo e o que lentamente está emergindo”.<sup>140</sup> Tomando Crane, como referência pode-se dizer que o vestuário e a postura no espaço público são exemplos de que “as roupas da moda personificam os idéias e valores hegemônicos de um período determinado. Por outro lado, as escolhas de vestuário refletem as formas pelas quais os membros de grupos sociais vêm a si mesmos em relação aos valores dominantes”.<sup>141</sup>

Voltando à celebração da missa, outro atento cronista da *Belém Nova* também registraria o momento após a missa nas festas nazarenas na basílica. Momento este em que conforme sugerem os cronistas muitas mulheres apresentavam-se vestidas com elegância, o que era possível ser visto, por exemplo, em 1925, na “finalização da festa de Nossa Senhora de Nazaré”. Desse modo, segundo o cronista “braceletes e gargantilhas, chapéus de forma, chapéus a toque, chapéu de *abandeau*, *comparadis*, *croses*, bordados, *tenerefi* a Veneza, pontos de *montarcila*, valenciana roçantes tudo que a moda importa e fabrica”, constituíam a indumentária feminina dos grupos mais abastados nos dias da festa de Nazaré. Era segundo o cronista uma infinidade de “sedas exóticas e modernas”, que pelo seu olhar acabavam por criar no largo de Nazaré um “trânsito maravilhoso dos vestidos, crepes, *fluer de soiré*, *iwill*,

---

<sup>139</sup> LAVER, James. *A roupa e a moda: uma história concisa*. Capítulo final [por] Christina Probert; tradução Glória Maria de Mello Carvalho. São Paulo: Companhia da Letras, 1989.

<sup>140</sup> CRANE, Diana. *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. São Paulo: Editora SENAC SP, 2006, p. 454.

<sup>141</sup> *Ibid.*

*skantune* chinês, cetim, *mopê* cristalina, *koulard drapê*” que se confundiam aos perfumes e “*encharpes* em *voile* de orlas picotadas”.<sup>142</sup>

A moda era um tópico constante dos editores das revistas citadas. A profusão de notas tratando da variedade das práticas mundanas ou descrevendo os usos de ornamentos, jóias, chapéus e combinações nas igrejas e festas religiosas e os muitos informes dedicados as formas e estilos indumentários revela uma problemática que merece ser ponderada: como essas modas eram recepcionadas pela moral cristã da igreja católica em Belém?

Nesse contexto, a moda por volta de 1920 apresentava dois significados em Belém, de um lado, sob a defesa dos mais conservadores, a manutenção dos costumes, as boas maneiras de viver, um conformismo com as práticas indumentárias tradicionais; de outro, sob a defesa dos modernos, a moda representava mudança, movimento e novas práticas indumentárias, como o usos de saias um pouco mais curtas ou o abandono das mangas que conseqüentemente revelavam os braços e até mesmo as axilas. Maria Claudia Bonadio em seus estudos sobre moda e sociabilidade feminina do mesmo período desta pesquisa, em São Paulo, interpretou que para alguns grupos era muito importante extrair o tal “kisto sebáceo” que a moda alvitrava. Para a pesquisadora “aderir aos novos hábitos” seria “sinônimo de imoralidade” e para certas mulheres seria a adentrara a “porta” do mundo das “mulheres sem respeito”.<sup>143</sup> As noções aqui apresentadas não se aplicam somente a questão dos adornos e roupas, mas a todos os meios de expressão que formam a moda.

As primeiras décadas do século XX, através de consultas de jornais como *A Palavra* nos permite entrever algumas análises. Não raro eram as notícias, tiras ou acanhadas crônicas que revelam transformações nos comportamentos mulheres cristãs em Belém. Um exemplo ilustrativo está no registro de 1917, da seção *Para o Povo* e tratava da idéia de moças que permaneciam muito tempo nas janelas. Dizia que “certas moças quando vêm que os jornais as criticam por se demorarem muito a janela, indignam-se e parece-lhes que eles não tem razão.”<sup>144</sup> Apesar da indignação da moças tal atitude, segundo o articulista era bem percebido por quem passava nas ruas. Diante disso perguntava: “Como é, pois que o podem

---

<sup>142</sup> *Belém Nova*, 15 de novembro de 1925, página não identificada.

<sup>143</sup> BONADIO, Maria Claudia. *Cit.*, p. 184.

<sup>144</sup> *A Palavra. Para o Povo*, 08 de junho de 1917, p. 1.

negar? Se elas não querem ser repreendidas, o remédio é fácil: metam-se dentro de casa, trabalhem e depois ninguém lhes aplicará a carapuça.”<sup>145</sup>

Assim, se de um lado, há uma preocupação com as mulheres no espaço público, de outro lado há o constante desejo de muitas mulheres se aventurarem nesses espaços, mesmo que fosse apenas pelas janelas da casa. Para as famílias cristãs mais conservadoras era necessário monitorar não somente a frequência de suas filhas, irmãs e esposas a lugares públicos, mas, sobretudo as modas aspiradas por elas. Em registro publicado também em 1917, o mesmo jornal cristão *A Palavra* informava que “Maria, mãe de Josefina, não cessava de louvar diante de sua filha, as peças de roupa que usavam as moças mais elegantes da cidade.”<sup>146</sup> A suposta mãe “notando” que a filha “princiava a demorar-se muito ao espelho” e que “pedia a cada passo vestidos novos” consultou uma amiga que lhe respondeu: “como queres tu que a Josefina não seja vaidosa, se tu sempre lhe falas em formosuras e elegâncias? Fala-lhe na vida dos Santos, para que aprenda a amar a virtude e aborrecer as vaidades.”<sup>147</sup>

Assim, as normas de uso de certas modas estavam relacionadas à moralidade, sendo a “elegância” aceitável pela Igreja aquela que não ofendesse os princípios cristãos. A apologia de indumentárias mundanas e os excessos da moda eram condenados pela Igreja. Estes princípios proibitivos podem ser verificados para além dos códigos indumentários. Não foi de se estranhar encontrar em 1916, no mesmo *A Palavra*, um breve artigo em correspondência com a *Revista Feminina* do Rio de Janeiro, endereçado às jovens cristãs. Tratava-se de uma nota que esclarecia quais leituras “meninas solteiras” deveriam evitar. “Que deve ler minha filha? Nunca, o romance! Seria nossa resposta. Por que queremos entender que a pergunta seja feita sobre uma menina solteira.” Prossegue afirmando que “o romance mais anódino pode trazer ao cérebro ainda frágil de vossa filha a série de miragens e de vãs fantasias” e “que são os principais fatores da dissolução de costumes em Paris e nos outros grandes centros europeus [...]. O estrangeiro, e principalmente a palermice boquiaberta do brasileiro, bate palmas aquilo, como um exemplo a imitar.”<sup>148</sup> Bonadio refletindo sobre os ataques as modas enuncia que “na maioria das vezes apareciam em tom bem-humorado”, de fato não raro encontramos passagens ironizando ou satirizando a moda. A autora também

---

<sup>145</sup> *Ibid.*

<sup>146</sup> *A Palavra. Uma Mãe*, 03 de junho de 1917, p. 1.

<sup>147</sup> *Ibid.*

<sup>148</sup> CAMPEÃO, J. T. Silva. Rio de Janeiro, 25/12/1916, *Revista Feminina. A Palavra*, 11 de março de 1917.

esclarece que esses ataques vinham em “forma de alerta ou conselho”,<sup>149</sup> como é possível verificar nos exemplos d’*A Palavra* aqui observados.

Essas proibições em relação às modas usadas pelas mulheres cristãs não se manifestavam somente em discursos de leitores e correspondentes do referido jornal. O próprio “Santo Padre, o papa Benedito XV” lamentava em sua encíclica “a leviandade dos costumes atuais” o que, segundo *A Palavra*, “o fazia lembrar a sensualidade pagã.”<sup>150</sup> Publicado em 1918, o comunicado assinado pelo Cardeal Mercier, proclamava que era tarefa dos padres a partir dos púlpitos, pregar fortemente contra esses excessos da moda. “Jovens filhas, que constituem a flor de nossas famílias cristãs, não sabem quanto mal fazeis e isso é a vossa desculpa, mas tendes por dever não provocar esse mal. Alfaiates sem consciência tiram proveito das paixões mais baixas” e “procuram lisonjear os sentidos e tornar a sedução geral.” Percebe-se que a reforma indumentária estava na ordem do dia e que a própria Igreja estava à frente do debate. Prosseguiu o texto se dirigindo diretamente as mulheres dizendo que não aceitassem “a sem-vergonhice da moda” e que deveriam se manter firmes diante desta armadilha. “Não tremeis diante do tirano, que se chama *moda*” e que “bem considerado nada mais é que o capricho de um infame e ordinário alfaiate. Mães cristãs sabem por experiência os perigos do mundo, vigiai sobre os adornos das vossas filhas.”<sup>151</sup>

Alguns desses conselhos passavam a ser repetidos no mesmo periódico e isso nos leva a entender que o clero local através d’*A Palavra* os considerava importantes para as famílias cristãs. A cultura do vestuário requeria moderação e atenção aos princípios cristãos da Igreja. No jogo social de convencimento, o proponente alertava “que vossos irmãos, os vossos esposos, os vossos filhos sacrificam a Deus e a nossa pátria enlutada a sua liberdade” e que era “um escárnio horrível a indecência da hodierna moda, tão em contraste com a sociedade do patriotismo, como com a pureza do Evangelho.”<sup>152</sup>

A recomendação era que as jovens e mulheres cristãs fossem “castas no vestir”, discretas nas atitudes e nas suas intenções. O mesmo Cardeal Mercier encerrava o texto pedindo apoio do “Apostolado”, que segundo ele contava com cerca de doze mil participantes “Cada qual destas doze mil considerem um dever, não trazer senão bem fechados os vestidos,

---

<sup>149</sup> BONADIO, Maria Claudia. *Cit.*, p. 185.

<sup>150</sup> *A Palavra. As Modas*, 03 de janeiro de 1918, p. 1.

<sup>151</sup> *Ibid.*

<sup>152</sup> *Ibid.*



sem artifícios inventados pela sedução!”<sup>153</sup> Tratava-se de uma lição a ser seguida pela sociedade cristã de Belém. Tudo isso nos leva entender que a roupa, os costumes e os acessórios que montam a moda eram também entendidos pela Igreja como indícios de degeneração moral. Não somente o corpo, mas o espírito se via ameaçados pela “tirana” moda. Cumpria a estas famílias de Belém retornar aos desígnios do evangelho e dos bons costumes.

Parece-nos razoável supor, a partir do que foi até então exposto, que entrava em choque neste contexto das primeiras décadas do século XX uma idéia de estética moral e cristã monitorada pela Igreja e um pensamento reformado dos usos indumentários em conformidade com idéias de beleza, saúde e movimento corporal. Diversas então eram as críticas aos “excessos” das modas e das práticas de embelezamento. Um texto publicado em 1918 no jornal *A Palavra* sob o título de “A Moda” nos ajuda a entender melhor o problema proposto. Assinando como *Nelly* a autora informava que havia aplaudido “as idéias emitidas por este apreciadíssimo jornal em o último artigo publicado sob o título *A crise do pudor*.” Dizia-se impelida a dizer alguma coisa sobre a “temível praga que tão grande nos vai causando. Infelizmente, força é constatar os seus perniciosos efeitos. Sorrateiramente, qual germe daninho que se oculta sob inofensiva aparência, a tal senhora pouco a pouco foi se introduzindo no seio das famílias” e que naqueles anos passava a “imperar em todas as classes, mesmo naquelas que lhe deviam opor forte resistência.”<sup>154</sup>

O texto apresentava a moda como “rainha dos salões aristocratas, dos *soirées* elegantes, das simples reuniões familiares, e até (triste é dizê-lo) das festas religiosas.” Para a autora a moda tinha diversos artifícios e muitos de seus usos, naqueles anos aumentava cada vez mais o fosso entre as famílias e a conduta cristã. “Ela se ostenta, soberana e arrogante, sem o menor respeito à compostura, ao pudor, a modéstia e inocência.” Arremata sua preocupação dizendo que “a tal ponto tem chegado o seu poder que até as moças que se diziam piedosas vão se deixando escravizar aos seus mais extravagantes caprichos”.<sup>155</sup>

As queixas noticiadas informavam que não era raro ver nos templos, onde as almas crentes buscavam “revigorar sua fé no puríssimo amor de Jesus, as mais ridículas exhibições da moda.” Inconformada, a autora também denunciava que não se procurava “ao

---

<sup>153</sup> *Ibid.*

<sup>154</sup> *A Palavra. A Moda*, 20 de janeiro de 1918.

<sup>155</sup> *Ibid.*

menos na casa de Deus, manter a compostura e decência de uma donzela cristã, já que em outros lugares se faz ostentação daquilo que mais fere a dignidade e o pudor.” Os lamentos também recaíam sob as “donzelas” que se aproximavam do confessionário sem recatos nas roupas “onde a alma se penitencia das fraquezas do pecado.” Alertava que com essas roupas não deveriam se dirigir a mesa Eucarística, pois apresentavam falta de recato e até mesmo de “pudicícia”.<sup>156</sup>

As que usavam as novas modas eram acusadas de afrontarem “a justiça de Deus” com “vestes transparentes e indecorosas.” Tais alertas eram geralmente direcionados as “mãe cristãs e donzelas” que deveriam se manter piedosas, evitando se deixar “escravizar pela arma terrível de satã – a moda pagã e impudica!” A discussão se mostrava tão séria no período que o exemplo de Eva era lembrado como exemplo daquela mulher, que vítima do pecado, “não quis apresentar-se diante do Senhor por não se julgar decentemente vestida.” As críticas as novas indumentárias não paravam por aí. Referia-se a um espetáculo que se apresentava diariamente a quem quisesse ver. “Senhoras distintas, mãe de família, donzelas e até inocentes meninas ostentam-se livremente aos olhares mundanos, *vestidas sem se cobrir*. A que estado tão deprimente chegamos!” A questão moral mais uma vez se colocava: “podre sociedade, onde te levará a deturpação dos estados dos costumes, a supremacia do vício, a crise do pudor?”<sup>157</sup>

O manifesto conclamava assim que restava às mulheres sinceramente piedosas combater de maneira franca e decidida “a moda pagã e imoral, deturpadora dos costumes, assassina do pudor.” Também apontava a falta de coragem dos pais de família, esposos e irmãos para levantar forte barreira “a tão grande mal!” O texto em sua última parte sublinhava que a luta dessas defensoras da moral e dos costumes se daria “nas reuniões e festas familiares, pela imprensa, pelo exemplo edificante, na sociedade.” O exemplo era de Santa Ignez, “virgem mártir que, em tão verdes anos, soube resistir às maiores tentações, sofrendo embora os mais torturantes suplícios.” Aconselhava, a certa *Nelly*, que se formasse uma “cruzada santa de defesa das boas causas” lutando contra a “cólera e os sarcasmos dos maus.” A obra de “regeneração social” deveria, segundo a proponente ser iniciada pela “mulher, pela virgem cristã!”<sup>158</sup>

---

<sup>156</sup> *Ibid.*

<sup>157</sup> *Ibid.*

<sup>158</sup> *Ibid.*

Os dados arrolados até aqui indicam a presença de uma forte oposição aos usos de modas consideradas mais ousadas como cumprimentos de saias e vestidos, diminuição das mangas dos vestidos e blusas, transparência de tecidos, penteados e cortes de cabelos, maquiagens, nas primeiras décadas do século XX em Belém pela Igreja. A justificativa dos críticos era que esses usos destoavam da moral cristã e dos princípios básicos para manutenção da família. Nesse sentido, chama-nos atenção a edição de 21 de dezembro de 1919, no mesmo jornal cristão *A Palavra*, onde foi publicado um amplo discurso proferido pelo pontífice Benedito XV as congressistas da União Feminina Católica na Itália. Vale ressaltar que antes da reprodução do discurso de Benedito XV, o próprio jornal tratou de justificar a importância dos conselhos do pontífice. “Dirigidas oralmente às associadas da União Feminina Católica da Itália, as palavras do pontífice universal querem ser ouvidas pelas mulheres católicas do mundo inteiro [...]” Tratava-se de uma preocupada advertência em relação às modas e aos alardes provocados nas famílias pelos seus usos.<sup>159</sup>

Em suas palavras o pontífice expunha que “as condições mudadas dos tempos atribuíram à mulher funções e direitos que a idade precedente não lhes concedia.” Porém lembrava que “nenhuma mutação na opinião pública e nenhuma novidade de coisas e de acontecimentos poderão jamais afastar a mulher consciente de sua missão deste centro natural que é para ela a família.” O Papa lembrava ainda que no lar doméstico a mãe cristã era rainha e que por isso quando se encontrava longe do lar, ela deveria reserva-se “não somente a sua afeição materna, mas ainda a sua vigilância sabiamente diretora, da mesma maneira que um soberano, que se encontra fora de seu território, não se descuida do bem deste, mas o conserva sempre no alto dos seus pensamentos e das suas solitudes [...]”<sup>160</sup>

Sem dúvida as palavras eram dirigidas diretamente às mulheres cristãs, visto que na perspectiva da Igreja, eram as mesmas as maiores “vítimas da moda”<sup>161</sup> e de seus artifícios. Dizia que era importante que todos se apegassem para trabalhar em prol da mulher virtuosa, e que também se mostrasse com tal “na sua maneira de vestir-se”. Sobre este ponto,

---

<sup>159</sup> *A Palavra. Graves palavras de S. S. Benedito XV. Sobre as modas inconvenientes. Seus conselhos sobre o apostolado da mulher católica*, 21 de dezembro de 1919, p. 1.

<sup>160</sup> *Ibid.*

<sup>161</sup> Vale consultar o trabalho publicado do sociólogo francês Guillaume Erner. Por meio de vivências e estudos sociais sobre o cotidiano da moda o autor acaba nos propondo reflexões de como as modas são criadas e questiona por que as sociedades as seguem. O autor levanta a hipótese de que a moda martiriza mais os sociólogos do que os próprios costureiros e assinala que talvez seja por este motivo que alguns especialistas do social lhe guardem tanto respeito. A esse respeito, ver: ERNER, Guillaume. *Vítimas da moda? Como a criamos, por que a seguimos*. São Paulo: Editora SENAC SP, 2005, p.19-61, passim.

o pontífice apontava o dever de insistir de uma maneira toda particular: “nós sabemos, com efeito, de uma parte, que certas maneiras de vestir-se hoje em uso entre as mulheres, são prejudiciais ao bem da sociedade, por que elas provocam ao mal.” Justificava isto dizendo que era de se admirar perceber que as sociedades mesmo assistindo determinadas modas se propagando como um o veneno os cristãos ignoravam a “ação malfeitora”. Como o próprio Benedito XV exemplificava: “incendeia-se a casa e parece desconhecer-se o poder destruidor do fogo”.<sup>162</sup>

Também segundo ele “seria supérfluo dizer que uma boa mãe não pode jamais permitir aos seus filhos ceder às falsas exigências de uma moda que nos rege perfeitamente reservada”, porém achava importante acrescentar que mais elevada era a posição que uma senhora ocupava e mais “estrito é o seu dever de não tolerar que as suas visitas ousem ofender a modéstia por um traje indecente”. Para tanto, o autor pedia apoio aos “pais e os maridos, os irmãos e os parentes das corajosas representantes da liga” e que os mesmos deveriam ver “com bons olhos esta organização contra os desregramentos da moda.” Para dar conta da enorme tarefa terminava com a conclamação de que era a origem cristã que dava vida ao bom exemplo da mulher nos meios viciados daquela época, e em “face do desbordamento das modas indecentes.”<sup>163</sup> Para o pontífice havia a necessidade da virtude se impor naqueles tempos, que segundo ele, os usos indumentários tratavam de adulterar.

Desse modo, uma conjunção de fatores atesta as problemáticas vivenciadas pelas mulheres cristãs nas primeiras décadas do século XX. Em Belém na expectativa de usarem os salões das igrejas com espaços de sociabilidade, conforme vimos nos trechos d’*A Palavra*, as mulheres, também enfrentariam grande resistência em relação aos seus trajes e condutas. Em suma, temos aí as contradições de uma sociedade, como melhor diria Daniel Roche, de aparências.<sup>164</sup> Tais reflexões deixam entrever que a medida que floresceram as diferenças nas indumentárias, entre os grupos mais abastados, nas décadas de 1910 e 1920 as predileções de

---

<sup>162</sup> *A Palavra. Graves palavras de S. S. Benedito XV. Sobre as modas inconvenientes. Seus conselhos sobre o apostolado da mulher católica*, 21 de dezembro de 1919, p. 1.

<sup>163</sup> *Ibid.*

<sup>164</sup> *A Cultura das Aparências* de Daniel Roche revela o quanto a indumentária funciona como parte essencial das experiências humanas. A análise proposta é a de investigar os meandros da sociabilidade francesa entre os séculos XVII e XVIII. Em lugar de simplesmente descrever a produção e o consumo de vestimentas daquele tempo, Roche acaba dando sentidos sociais à mudança nas formas de buscar distinção social, o papel da mulher dentro e fora da casa e ainda a transformações históricas dos pudores dentre outros. *Vide* ROCHE, Daniel. *ROCHE, Daniel. A cultura das aparências: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII)*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2007.

alguns novas modas e o inconformismo de outros desencadearam ação defensiva por parte de instituições, como a Igreja ou grupos mais conservadores. As denúncias moralistas da Igreja, no que se entendeu, não desencorajavam a todas as mulheres do *set* belenense, a viver ostentação das novas modas naquele tempo. As práticas dos usos de vestidos mais curtos, sem mangas ou cortes de cabelos na altura da nuca, gradualmente se estabeleciam mesmo nas igrejas mais conservadoras. A religião via tudo isto como a “ vaidade das aparências”.

Vale dizer que o “estilo cristão” fornecia uma padronização das aparências mediante a condenação do “luxo” e “excessos da tirana moda”. Não se pode perder de vista nesta discussão é que o requinte de alguns membros da sociedade belenense contribuía ou demonstrava o declínio social de outros. Afinal de contas os usos das “modernas modas” significavam reiterar os contrastes entre os trajés “fora de moda”, logo de um grupo que supostamente não consumia e da elite, ávida pelo consumo de novidades. Podemos, portanto perceber a partir desses registros d’*A Palavra* ora analisados, uma tensão entre essas duas possibilidades, de um lado, a padronização (que chamamos de moda cristã), do outro, a ruptura com esses velhos guarda-roupas.

Ademais, aceitar que a realidade cambiante da virada do século XIX para o XX tinha causado a explosão de novos hábitos indumentários não era simples para Igreja. A partir dos textos do jornal *A Palavra* sobretudo, vemos que a Igreja se colocou num papel de mediadora dos usos indumentários e ponderar esses usos era uma estratégia também de evangelização católica das famílias de Belém. Para a Igreja a moda representava justamente a artificialidade material, e o afastamento dos valores cristãos. Oportuna é a corroboração de Wanda Maleronka analisando a “busca de caminhos para o ensino profissional”<sup>165</sup> nas primeiras décadas do século XX de mulheres em São Paulo. Segundo a autora “com a perspectiva de também atuar sobre a educação feminina, a Igreja Católica agia com sugestivas idéias e apreciações, reforçando o papel que a sociedade já vinha lhe reservando”.<sup>166</sup> Esta ponderação ganha também contornos em Belém, como foi analisado pontualmente nas linhas anteriores. Entretanto um registro acendeu outra problemática. Trata-se de repensar até que ponto se dava as aprovações ou desaprovações do acesso da mulher ao ensino e, por conseguinte a mundo trabalho, pela Igreja.

---

<sup>165</sup>MALERONKA, Wanda. *Cit.*, p. 71.

<sup>166</sup> *Ibid.*, P. 76.

O registro d'A *Palavra* de 25 de janeiro de 1917 informa a acerca da declaração do “Santo Padre Leão XIII”. Segundo o jornal o sumo pontífice reconhecia que “o trabalho deve ter uma remuneração ao menos suficiente para dar ao trabalhador o necessário para comida, vestuário e casa.” Mais adiante revela que “quase por toda parte o trabalho da mulher recebe uma remuneração tão escassa que ela mal se pode sustentar. Aqui está uma flagrante injustiça, que é necessário que acabe.” Terminava as poucas linhas dizendo que “a verdade é que a mulher tem pouco poder, mas onipotente é Deus que exige que as suas leis não sejam desprezadas, aliás mais tarde ou mais cedo mandará o justo castigo.”<sup>167</sup> O tom polido do registro acaba nos levando a desconfiar da autorização da Igreja para que a mulher tivesse acesso ao trabalho, e mais, os dados arrolados indicam o reconhecimento necessário para uma melhor divisão e equiparação com as atribuições masculinas, no que tocava aos salários. Mas passemos dessa rápida incursão pelo trabalho, para a sociabilidade nas salas de cinema.

#### 4. O CINEMA E A SESSÃO DE MODA

“*Olímpia* – Segunda sessão: todos os astros saíram mais cedo, as filhas da cidade, as donas da capital desencantada, desfilavam para os favores artísticos do cinema da moda.”<sup>168</sup>

Ao lermos a nota acima, impressa na *Belém Nova* de agosto de 1925, pareceu-nos razoável trazer à baila que, mesmo em tempos de *desencantamento*, muito provavelmente em função da decadência nos negócios da borracha, as modas femininas não deixariam de freqüentar as concorridas sessões de cinema em Belém. As “novas regras” do vestir anunciadas desde a segunda década do século XX par as mulheres de camadas mais favorecidas, entraria e percorreria os corredores dos suntuosos (para não dizer europeizados) salões do cinema, que foram espaços de sociabilidade feminina. Para tanto, o que não faltava, eram convites (e mais convites) para se freqüentar as sessões. Os anúncios de *fitas* em exposição nas salas de Belém se avolumavam diariamente nos jornais e nos magazines, como no caso d'A *Tarde* em 05 de novembro de 1915. O *vespertino* anunciava que o “elegante” cinema *Olímpia* apresentava um programa que obteria “sucesso, por que nele está incluído um

---

<sup>167</sup> *A Palavra*, 25 de janeiro de 1917, p. 1.

<sup>168</sup> *Belém Nova*, 15 de agosto de 1925, página não identificada.

filme de Max Linder, *O outro eu*". Já no cinema *Rio Branco* dizia passar "na tela deste freqüentado centro de diversões fitas escolhidas, sobressaindo entre elas *O beijo da cigana*". "Um grande coração, soberbo drama emocional, será projetado hoje (na sala) deste cinema", anunciava o cinema *Odeon*. Por último o cinema *Paris* trazia o seguinte texto: "Continua obtendo a mais justa aceitação os programas deste popular cinema. Nas sessões de hoje, exhibir-se-ão fitas da guerra e o drama *Trágica missão*, de grande metragem."<sup>169</sup>

A sociedade de Belém dos anos de 1920, além da área comercial, teatros, clubes, também freqüentava e tinham como lazer os famosos *cinematógrafos*, símbolos da modernidade, que exibiam, entre outros, sugestivos filmes.<sup>170</sup> No que se refere às mulheres dos estratos mais elevados, as já comentadas festas nos grandes salões não lhe pareciam suficientes nesse desdobramento de sociabilidade. Queriam mais. Algumas mulheres que freqüentavam as sessões copiavam os modelos de vestidos, cortes de cabelos e os trejeitos das atrizes famosas, como nos dar a entender o articulista d'A *Semana* de janeiro de 1922. As damas do *set* belenense queriam importar as "predileções"<sup>171</sup> das estrelas em voga na época, como *Constance Binney*, *Bebe Daniels*, *Mary Miles Minter*, *Mary Marc Avay*, *Wanda Hawley* e *Glória Swanson*. No Brasil, assim como em Belém, na década de 1920, as películas exibidas nas salas de projeção eram em sua grande maioria norte-americanas. Houve, nessa época, uma mudança de eixo divulgador e precursor das influências de modernidade, urbanidade e civilidade, passando da Europa, mais especificamente Paris, para os Estados Unidos, que representavam um mundo desenraizado de tantas tradições e que privilegiavam um novo cinema. Nesse sentido Carlos Roberto de Souza assevera que o êxito dos filmes de Hollywood é tão "fantástico" que a própria indústria cinematográfica acelera seus planos de transformação, além da intensificação de exportação dos filmes norte-americanos.<sup>172</sup>

<sup>169</sup> *A Tarde. Teatros e Cinemas*, 05 de novembro de 1915, p. 2.

<sup>170</sup> A esse respeito ver também: CARNEIRO, Eva Dayna Félix. *Cinema e Cidade: Um estudo o lazer na Belém dos anos de 1920*. Belém: NAEA, UFPA (Monografia de especialização), 2008. Observando a história do cinema em Belém durante o cotidiano do tempo da Segunda Guerra Mundial, ver: SILVA, Allan Pinheiro da. *Cotidiano e guerra nos cinemas de Belém (1939-1945)*. São Paulo: PUC, 2007, (Dissertação de mestrado).

<sup>171</sup> *A Semana. A Arte do Silêncio*, 07 de janeiro de 1922, página não identificada.

<sup>172</sup> SOUZA, Carlos Alberto de. *Nossa aventura na tela. A trajetória fascinante do cinema brasileiro da primeira filmagem a Central do Brasil*. SP: Cultura Editores Associados, 1998, p. 85-86. A esse respeito ver também: AMORIN, Augusto. *O cinema brasileiro e o espectador: cinco décadas de fases e ciclos*. In: Humanitas (Caderno do Centro de Filosofia e Ciências Humanas). *Linguagem e Simbolismo*. Universidade Federal do Pará: v. 21, n. ½, 2005, p. 33-46.

Ainda nesse sentido, Nicolau Sevcenko concebe o cinema, “consentâneo com as mudanças que a nova sociedade industrial” provocara no “ritmo da vida cotidiana, privilegia a velocidade, a ação, o bom humor”. “O cinema, assim como os bondes e os estádios, alinharia multidões de estranhos enfileirados ombro a ombro num arranjo tão fortuito e normativo como a linha de montagem”. Já “os bondes, contudo, lhes dão mobilidade, os estádios estímulos, os cinemas fantasias e as linhas de montagem subsistência.”<sup>173</sup> E nesta modernidade, por vezes contraditória (no caso de Belém, *desencantada* pela crise da goma elástica) que destacamos também alguns sinais de descontentamento em relação ao hábito de freqüentar os cinemas. Uma acanhada crônica d’*A Palavra* de 27 de setembro de 1917 chama atenção, na medida em que relata os possíveis efeitos causados a quem freqüenta o cinema. Falava a folha *cristã*, de um suposto *Pamphilio*, que parecia ter nascido “entre feras”. Isto por que “o seu desejo era ver” sempre “cenas horríveis”, e que “quanto mais trágicas melhor”. Dizia-se que o mesmo “percorria os cinemas em busca das fitas mais do seu gosto. Quanto mais lutas sangrentas elas reproduziam, maior era o deleite que sentia”. O articulista então d’*A palavra* informa que “avisaram-no que tais prazeres lhe podiam danificar a saúde”. “Sou muito robusto”, responderia *Pamphilio*. “E era mais afinal a natureza que cedeu”, disse o autor. “Começou a sentir indícios de moléstia nervosa, e como não deixava de ir observar as suas representações favoritas, a moléstia agravou-se, e por fim deu em tal *neurastenia* que antes parece um louco do que um homem de siso.”<sup>174</sup> Parece-nos razoável aludir, diante das linhas do cronista, que o cinema, como símbolo da modernidade, exercia um fascínio sobre aqueles que poderiam freqüentá-lo. Outra. Nem todos estão de acordo com as freqüências nas sessões dos cinemas, assim, e num sentido de prevenção, divulgavam possíveis malefícios ao que sistematicamente testemunhavam as projeções, como foi o caso do “birrento” personagem *Pamphilio*.

É interessante notar que o cinema, enquanto disseminador de hábitos e criador de moda foi muito mais eficiente do que qualquer outro veículo que se propôs exclusivamente a isso na época, tanto assim que as revistas especializadas cada vez mais abriam espaço, não só para fazer a crítica ou a chamada de um filme, mas principalmente para fazer perpetuar através das lembranças das imagens de certa cena, alguns produtos ou costumes. Seria razoável até mesmo dizer que a ditadura da moda era liderada pelo cinema e suas “estrelas”.

---

<sup>173</sup> Considerações de Nicolau Sevcenko sobre modernidade, cotidiano, contemporaneidade entre outros. *Vide* SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na metrópole*. São Paulo, Cia das Letras, 1992 passim.

<sup>174</sup> *A Palavra*. “Efeitos do cinema”, 27 de setembro de 1917, p. 1.



“Glória Swanson, astro fulgurante de cinema, de quem as *melindrosas* copiam os gestos e de quem os *adelaides* admiram o olhar”,<sup>175</sup> dizia *A Semana* em passagem intitulada “*Na tela branca*”.<sup>176</sup>

Existia, por parte dos modernistas, o afã propagandístico da modernidade, dos novos modos de vida metropolitana e da construção da figura de uma nova mulher, cosmopolita e atualizada, diferente do tipo feminino convencional. Vale lembrar que ser esta nova mulher não significava romper decisivamente com o papel de boa mãe e esposa. Alguns princípios, mesmo com toda essa efervescência da modernidade se mantinham. Sobre isso e observando os *recônditos do mundo feminino*, Marina Maluf e Maria Lúcia Mott deixam entrever que mesmo com as “inovações trazidas pela tal *vida moderna*” se redimensionavam as “instituições basilares da sociedade, mesmo que para isso fosse necessário acatar mudanças e introduzir outras”.<sup>177</sup> A nota “*Instruamos e educamos por meio do cinema*” publicada n’*A Palavra* de 31 de julho de 1921, nos ajuda a pensar nisso já apurado por Maluf e Mott; e nas outras possibilidades que as salas de cinema deveriam exercer sobre a sociedade de Belém. Dizia que “por estarmos de inteiro acordo com as idéias neles expendidas, mais de uma vez manifestadas neste jornal, transcrevemos da Revista da Semana os trechos abaixo tomados a uma de suas colaboradoras”. A seguir registrava as palavras de uma suposta colaboradora: “A missão que eu reclamo dos cinemas é a missão educativa. Que eles divirtam e distraiam, mas iluminem e ensinem”. Porém, continuava em tom de preocupado desabafo: “A instrução, infelizmente, hoje como há cem anos, em lugar de ser amena e agradável, encantadora como a arte e interessante como a ciência, continua a ser para as crianças um pesadelo e para juventude um espectro.”<sup>178</sup>

Dessa forma, a cidade de Belém encontrava expressão em símbolos fortemente ligados com a modernidade, com seus ritmos, com sua efervescência, constituindo um painel de ebulição social. Nesse painel tinha destaque o cinema, a *escola de flirt*, como diria alguns cronistas da época. Essas crônicas miúdas se espalhavam nos periódicos sugerindo que o cinema era um divertimento freqüente das mulheres “modernas” em Belém no correr dos anos de 1920. No *cine-salão* elas poderiam externar suas inquietações, nos *murmurinhos*

---

<sup>175</sup> *A Semana*. *A Semana Elegante “Na tela branca”*, 09 de agosto de 1924, página não identificada.

<sup>176</sup> *Ibid.*

<sup>177</sup> MOTT, Maria Lúcia & MALUF, Marina. *Cit.*, p. 385.

<sup>178</sup> *A Palavra*. “*Instruamos e educamos por meio do cinema*”, 31 de julho de 1921, p. 1.

intervalares de cada sessão, podiam exercitar seus *flirts*, assim rompiam com a prisão sem muros que viviam no âmbito da vida privada, passando a se reunirem cada vez mais na companhia, agora, uma das outras em público.<sup>179</sup> Isso não quer dizer que tais mulheres deixassem suas famílias de lado, mas sim que se abria para estas por meio da frequência ao cinema outros espaços de lazer e também de conhecimentos de outras práticas sociais a partir dos filmes que viam.

Assim, percebemos um pouco disso quando lemos, por exemplo, passagens n'A *Semana* em março de 1925, dizendo que era “um encanto um *flirt* no cinema! Um encanto porque é *moderno* e está na época, na moda deste tempo de asas, progresso e civilização”. Ou ainda que aquele do último domingo “da *soirée* de luxo do *Olímpia*”, teria sido “aperfeiçoado e perfeito.”<sup>180</sup> Ou quando dizia que os “risos e olhares eram permutados até o escuro, na ocasião em que o filme se desenrolava na tela branca” onde “nenhum dos dois” via “coisa alguma da fita.”<sup>181</sup> O hábito de flertar inclusive era muito comum na euforia dos anos 1920. Eles flertavam e elas também; através de olhares e gestos por vezes insinuantes, revelando uma forma de emancipação na escolha do pretendente.

Segundo Mary Del Priore as mulheres neste período em geral se transformariam e começariam a dizer cada vez mais “não” e, por conseguinte o “be-a-bá do casamento”<sup>182</sup> mudaria também, assevera a historiadora. O moralismo imposto pelos homens até os primeiros anos de 20 encontrava brechas para a iniciativa da mulher nas *paqueras*. Razoável supor isto quando lembramos mais uma vez da *Miss Futilidade* n'A *Semana*, em fevereiro de 1922: “O *flirt* em que ninguém ao menos a capaz de igualá-la?”. O que dizer dos “artistas de cinema” inquiria o articulista sobre as atitudes da suposta *Miss Futilidade*; “que ela conhece um por um, nos menores detalhes, o presente e o passado de todos, de todos esses complicados nomes e obtusos? Acham pouco?”, arrematava o articulista.<sup>183</sup> Ainda nesse sentido vale mencionar as linhas do bem humorado *Mister Kodak* n'A *Semana* de 1924. Dizia que “*Mlle.* é noiva” e que “ele também é noivo”. “Ambos são noivos, portanto. Mas isso não

<sup>179</sup> O conceito de “*Esfera Pública*” foi esboçado por Hanna Arendt. A esse respeito ver mais detidamente: ARENDT, Hanna. *A condição humana*. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 59-68.

<sup>180</sup> KODAK, Mister. *A Semana. A Vida Fútil. Palavras... Sorrisos... Olhares...* 28 de março de 1925, página não identificada

<sup>181</sup> *Ibid.*

<sup>182</sup> DEL PRIORE, Mary. *Da modinha a revolução sexual*. In: *A História do amor no Brasil*. Cit., p. 231.

<sup>183</sup> E. S. F. *A Semana. Miss Futilidade*, 18 de fevereiro de 1922, página não identificada.

impede que eles flertem à vontade”. “É do século”. Mas alertava na parte final da nota: “Porém se ele soubesse que ela flertava ou se ela cismasse que ele a imitava, certamente casariam, porque hoje tudo é assim”.<sup>184</sup> A mulher moderna, como sugere o cronista d’*A Semana*, podia inclusive escolher com quem vai casar. O tema de galanteio era de fato muito apreciado pelos observadores, que não poupavam as *damas* belenenses, geralmente com requinte de humor e que poderia também ser interpretado como um reflexo da modernidade.

A fim de conquistar o público feminino à mesma *A Semana*, mas de janeiro de 1922, divulgava que o cinema “*Olímpia* nos anuncia a beleza de novas produções, com aquisições dos brilhantes filmes da *Realart*, a fábrica produtora por excelência” que, segundo a nota, vinha “marcando época com as suas películas”. Também se tornava oportuno na nota falar “sobre as famosas *estrelas*, que dentro em breve tempo, em *cine-romances* magníficos, abrilhantaram a tela branca no nosso primeiro cine-salão.”<sup>185</sup> O cinema ganhava *status* de espelho da modernidade. Isso é claro, para algumas mulheres mais *endinheiradas* que os freqüentavam. Nas salas de exibição estas, mesmas assíduas freqüentadoras do comércio ou de modistas, podiam expor seus figurinos, acessórios, tudo muito de acordo com a ocasião. Na cidade de Belém, por exemplo, o cine *Olímpia* foi um desses pontos de encontro, para os encantadores *flirts*, conforme sugere a documentação pesquisada.

Na representação de uma mulher urbana, construída nas revistas como *A Semana*, os *flirts* apareciam como uma prática *moderna*. Esses olhares entre homens e mulheres conforme sugerem as descrições dos cronistas se davam em via pública, no centro comercial, nos clubes recreativos, no Teatro da Paz, onde aconteciam espetáculos teatrais entre outros. De acordo com os cronistas também existiam flertes nos chás, cafés, na *terrasse* do Grande Hotel e até na missa aos domingos da Basílica de Nazaré. Essa temática do flerte está associada à própria dinâmica de sociabilidade em espaços públicos. Os registros nos ajudam a entrever então que os olhares entre homens e mulheres se davam nos mais variados espaços. Nesse sentido, estes, conforme vimos eram temas de crônicas. O mesmo pode se dizer em relação aos passeios, das senhoras e suas novas modas, que também eram muito apreciados como possíveis temas de crônicas, pelos observadores da época. Talvez os cronistas vissem mesmo estes (novos) costumes como sinônimo de modernidade. Daí insistirem tanto em registrar. As linhas de *Mister Kodak*, de um bem humorado articulista d’*A Semana* de agosto

---

<sup>184</sup> KODAK, Mister. *A Semana. A Vida Fútil. Palavras... Sorrisos... Olhares...*, 01 de março de 1924, página não identificada.

<sup>185</sup> *A Semana. A Arte do Silêncio*, 07 de janeiro de 1922.

de 1924 acabam por, de certa forma, atestar isto. O Sr *Kodak* se refere às “horas de reunião da elite”, no “*terrace* do Grande Hotel, ou no elegante cinema *Olímpia*” onde como “aves *trafegas*, reúnem-se as formosas patrícias para as palestras encantadoras, onde se destacam a *verve* fina e os ditos humorísticos”. Também frisava a cerca das “deliciosas manhãs dos domingos, com som de *Jazz-Bands*” em que percorriam “as alamedas do Museu Goeldi, as praças de concerto” sempre ostentando os “mesmos *garrulhos*, trajando caprichosamente, com a elegância natural da mulher nortista.”<sup>186</sup>

Diante dos exemplos é possível dizer que para além do lazer, o cinema era o espaço também de sociabilidade feminina, escolhido por elas, dada possibilidade de serem vistas e distinguidas, por vezes levando em consideração seus *trajos* e adornos. Porém não nos esqueçamos de como as atitudes, fossem nos flertes ou no fato de ir ao cinema na companhia das amigas, significava a emergência de um novo padrão de comportamento se anunciando. Para Maria Luiza Marcílio durante o século XX a mulher, lentamente, passou a ocupar lugar na sociedade, “conquistando direitos e posições que até então lhe vinham sendo negados”.<sup>187</sup> Os observadores dessas *damas* enchiam as revistas e jornais com notas e crônicas sobre as modas nos cinemas, conforme vimos. De fato, vemos nessas crônicas que os modismos não dizem respeito apenas às roupas, mas também a formas de comportamento social, a exemplo dos olhares entre homens e mulheres que se davam nas salas de cinema. A moda para nós torna-se tema da historiografia, logo, mais um princípio de leitura social e histórica. É hora de abordar outros aspectos importantes para se compreender os avanços ou regressões da moda em Belém nas primeiras décadas do século XX. Percebemos na assiduidade de crônicas e passagens nos periódicos consultados atenção, não somente as roupas e os espaços prediletos para seus usos. Podemos também apreender dentre estas tantas “cousas miúdas” vestígios para se pensar a idéia de corpo, beleza, saúde, aparência, consumo e a própria materialidade dessas modas femininas.

---

<sup>186</sup> KODAK, Mister. *A Semana. A Vida Fútil “Princesa da Elegância”*, 09 de agosto de 1924, página não identificada.

<sup>187</sup> MARCÍLIO, Maria Luiza. *História Social da Criança Abandonada*. São Paulo: Heucitec, 1998 passim.

## SEGUNDO CAPÍTULO - APARÊNCIAS, CONSUMO E MATERIALIDADES DA MODA

Neste capítulo refletiremos sobre os sentidos de corpo e moda, a partir da idéia de aparência, por meio das roupas, tecidos os critérios da escolha de materiais e cores empregados nas vestimentas femininas. Além do consumo de outros elementos que compõem o conjunto indumentário como chapéus, sapatos, meias e adornos. Destacaremos assim, alguns aspectos do consumo e das estratégias de comércio diante das mudanças socioeconômicas que se processaram em Belém do Pará com a crise da goma elástica nas duas primeiras décadas do século XX.

Em “*A cultura das aparências: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII)*”, Daniel Roche nos proporciona um estudo revelador de como o consumo e a cultura das aparências desenham e conduzem uma sociedade; e de como os códigos materiais, assim seriam as roupas, revelam e decodificam mudanças na economia e nos comportamentos. A indumentária é analisada por Roche como um influente instrumento de acesso ao mundo social, fosse entre as elites e ou entre as camadas populares. Investiga a complexidade das roupas no universo social sem deixar de ser inteligível ao leitor. Roche apresenta seus entendimentos que partem de ampla documentação sobre consumo e das coisas. Para o autor a compra e a forma de utilização dos objetos espelham o funcionamento dos mecanismos sociais, alteram a economia e os comportamentos questionando normas religiosas e morais da sociedade. Do século XVII ao XVIII a vida pública girava em torno da burguesia em ascensão e de uma aristocracia em declínio. Eis o quadro que Roche investiga, além de visibilizar confrontos de hierarquias indumentárias, as necessidades de imitação e na predileção dos mais abastados pela moda.<sup>1</sup>

Assim, “*História das coisas banais – Nascimento do consumo (XVII – XIX)*” de Daniel Roche media nossa discussão sobre consumo e suas significações na modernidade. Para Roche nossa cultura está habituada a banalizar os objetos e “seu papel na sociedade”, provocando um esquecimento do seu lugar e função. Seu esforço no livro é o de reconstituir a história da “cultura material”, da “multiplicação do consumo e o início de uma circulação que não age apenas sobre a separação das pessoas e dos objetos, do simbólico e do econômico”.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> ROCHE, Daniel. *A cultura das aparências: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII)*. Cit.

<sup>2</sup> ROCHE, Daniel. *História das coisas banais – Nascimento do consumo (séc. XVII – XIX)*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 12

Investigando a história social do consumo, Roche recua para bem antes da Revolução Industrial, apreendendo as relações comerciais e os sentidos dados aos objetos enquanto signos de valor desde o século XVII. Seus sujeitos se mostram diversificados visto que adentra na história de pobres e ricos, lhes atribuindo sentidos e discursos. O autor assevera que o homem ao longo dos séculos XVII até o XIX “modificam os ritmos de aquisição para o necessário e para o supérfluo” além de criarem uma “nova relação de ter e do ser na exposição das riquezas que era preciso, ou não expor”.<sup>3</sup> Desse modo, mesmo se tratando de um espaço diverso do trabalhado pelo autor suas proposições nos ajudam a pensar no consumo e nos significados que da aparência do corpo no início do século XX em Belém.

## 1. CORPO: MANEQUIM DA ROUPA E DA BELEZA

“Senhoras gordas não devem usar saias curtas, que perdem muito na sua elegância”<sup>4</sup>

O acanhado testemunho acima d’*A Semana* de 1927, deixa entrever que a moda de saias curtas era por vezes interpretada como um incremento a extravagância, sobretudo daquelas mulheres que estavam em desacordo com os novos padrões do corpo e da beleza. Para Maria Claudia Bonadio o novo padrão estético proporcionado pela moda e por práticas saudáveis ao corpo começou a valorizá-lo em si, “de modo que o cultivo deste, e, em especial, de sua beleza, começa a deixar de ser um obstáculo para a salvação, para dar início a uma era em que o corpo seria cada vez mais valorizado pelas formas e pelo aspecto jovial”.<sup>5</sup> De acordo com Gilda de Mello e Souza, a própria idéia de corpo havia sido transformada num processo gradual desde o século XIX. Segundo a autora, a mulher se propôs a descobrir sua individualidade, apresentando inquietação, insatisfação, redescobrimo o próprio corpo.<sup>6</sup> Algumas das mudanças em relação à forma de se pensar o corpo da mulher, podem ser

---

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 248.

<sup>4</sup> CECY. *A Semana. Garrotices “Do Rio – A moda e seus encantos”*, 23 de abril de 1927, página não identificada.

<sup>5</sup> KNIBLIER, Yvonne. *Corpos e corações*. In: PERROT, Michelle (Org.). *História das mulheres no ocidente*. Vol. 4. Porto/SP: Afrotamentos/Ebradil, 1995, p. 74 *apud* BONADIO, Maria Claudia. *Cit.*, p. 127.

<sup>6</sup> SOUZA, Gilda de Mello e. *Cit.*, p. 89-107 *passim*.

percebidas em anúncios divulgados em jornais como o do regulador *A Saúde da Mulher*, de sutiãs, de tônicos para tingir cabelos, de produtos para higiene em geral.

Havia publicações de enorme sucesso como, por exemplo: a *Revista Feminina*, *Fon-Fon* e *O Malho* em âmbito nacional, que traziam em suas páginas estas informações.<sup>7</sup> Como correspondentes tínhamos em Belém: *A Semana* e *Belém Nova*. Revistas e periódicos que funcionavam como porta-vozes dos comportamentos da moda e do corpo. O corpo se colocava como símbolo de expressão e de discurso. Seria “um espaço de teatralização do texto que ele expõe a seus pares”. Nessa “exposição-enunciação não apenas diz como deseja ser visto, como também constrói em si uma auto-imagem que o significa para ele”, corrobora Mara Rúbia Sant’Anna.<sup>8</sup> Novos padrões de beleza e, por conseguinte apresentações do corpo se construíam.

Mesmo no final do século XIX, jornais, a exemplo d’*O Democrata* de 1895, revelavam alguns indicativos de que a beleza passava se associar ao corpo mais esbelto: “Quem diz obeso diz informe, todas as curvas sábias do corpo, todas as graças da linha, todas as delicadezas dos contornos se apagam sob a camada uniforme da gordura. O indivíduo magro conserva certa poesia”.<sup>9</sup>

Partindo dessas construções e padronizações de beleza, os cuidados com o corpo ganhavam espaços na imprensa que procurava difundir procedimentos para com a pele, práticas de esportes e de exercícios, além de preocupações com os dentes (Figura 9). Exemplo disso é o anúncio do jornal *A Tarde* de 1916, que fazia propaganda de um cirurgião dentista conhecido como “Dr. P. C. Amoury”.<sup>10</sup> O que vale ressaltar do anúncio é a presença, em primeiro plano, de uma mulher segurando um espelho nas mãos, com cabelos curtos,



Figura 9 (Anúncio interno, *A Tarde*, 02 de agosto de 1916, Fonte: Centur).

<sup>7</sup> Maria Lúcia Mott e Marina Maluf se utilizam de diversas passagens de periódicos como a *Revista Feminina* ou *O Malho* para interpretar as mudanças vivenciadas pelas mulheres nas primeiras décadas do século XX, seus desejos de ascensão social e estratégias de sociabilidade na esfera pública. Consultar MOTT, Maria Lúcia & MALUF, Marina. *Recônditos do mundo feminino*. *Cit.*, p. 367-421.

<sup>8</sup> SANT’ANNA, Mara Rúbia. *Cit.*, p. 20.

<sup>9</sup> *O Democrata*, 18 de janeiro de 1895, p. 1.

<sup>10</sup> *A Tarde*, 02 de agosto de 1916, página não identificada.

revelando um sorriso saudável no reflexo do espelho. O corpo da mulher no século XX ganharia mais notoriedade em anúncios publicitários, jornais e capas de revistas. Idéias normatizadoras e restrições relativas ao corpo, especialmente o feminino eram reconsideradas, visto que a veiculação da imagem feminina se difundia, até de forma acelerada. O corpo feminino não estava mais simplesmente “reduzido ao silêncio”.<sup>11</sup> Segundo Michelle Perrot “a modernidade também se operou por novas práticas corporais. A higiene, a água, as abluções desnudaram o corpo, os quais o espelho e a luz elétrica permitiram que fossem mais bem vistos”, e de maneira integral. A autora também enfatiza que o “banheiro tornou-se um lugar de autoconhecimento” para a maioria das mulheres e que “lavar-se, estar limpas, cheirar bem, cuidar dos cabelos mais curtos” passaram a ser anseios “compartilhados” no universo feminino.<sup>12</sup>

Em “*Silhueta Viva*” de 1924, Bruno de Menezes deixa entrever um arquétipo do que estamos analisando. O corpo feminino descrito nos versos do poeta modernista ganhava também atenção de escritores e folhetinistas na medida em que cada vez mais se expunham em espaços públicos acompanhando o próprio processo de sociabilidade feminina. O corpo esguio, em “linhas finas” trajando “vestidos colantes” nas primeiras décadas do século XX em Belém não foi registrado pelo poeta de maneira acidental. A controvérsia que cercava o uso desses trajes (considerados “modernos”) era acalorada por diversos grupos em Belém, fossem eles membros da igreja, da sociedade civil mais conservadora ou dos componentes da área da saúde. O traje dessas “reformadoras” da moda em Belém atraiu assim, não somente a atenção da imprensa, mas de cronistas mobilizados pelos movimentos sociais de seu tempo. O perseverante esforço desempenhado por muitas “mademoiselles” em Belém para seguir as “seduções” da moda, como já foi dito antes não se restringia as práticas indumentárias. Tomando também como referencia algumas outras linhas do verso de Bruno de Menezes nos deparamos os usos de tons fortes nos lábios, como num chamamento de atenção a área dos lábios. É o que se percebe nos versos abaixo deixados pelo poeta:

“Leve silhueta de mulher  
Seu corpo é todo em arabescos  
Em linhas finas e angulas [...]

---

<sup>11</sup> PERROT, Michelle. *Os silêncios do corpo da mulher*. In: MATOS, Maria Izilda Santos de & SOIHET, Raquel (Orgs.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 15.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 23.



Tem uns bandos, louros e crespos  
E unhas em garras... tenebrosas  
É eximia em passo de raposa  
Traja os vestidos mais colantes  
Que os figurinos e as modistas  
Combinam sempre a seu prazer

E a sua boca? É a última rosa  
Tinta a batons *sangrentejantes*  
Que em meus delírios fetichistas  
Vivo a pensar... Se hei de olhar”<sup>13</sup>

No entanto essa mulher que pertencia à elite, e que naquele momento usava roupas ousadas, modas “modernas” e até assumindo certo grau de autonomia pelo corpo, ainda deveria continuar seguindo os pressupostos da boa senhora da sociedade. Exigia-lhe descrição para com o corpo e comedimento nos gestos, no olhar, nos passeios públicos, ou seja, mesmo sendo “retratada” e melhor visualizada no mundo social, não poderia deixar de apresentar traços serenos e contidos.

O corpo feminino entrava desta forma em conformidade com a moda vigente. Pensamos aqui e como explica Maria Rúbia Sant’Anna: “A roupa desassociada de um corpo é apenas um ser inerte, destituída de vida, parcialmente neutralizada e esvaziada; aberta a qualquer apropriação”.<sup>14</sup> Buscando exemplificar isso trazemos a matéria “*Moda Feminina*” na coluna “*Semana Elegante*” d’A *Semana* de 1924. As pernas e tornozelos que durante tempos representaram uma “obsessão erótica”<sup>15</sup> agora poderiam ser revelados graças à “considerada” e “moderníssima fantasia da moda”: a meia calça. Com o encurtamento das saias, as meias ganharão mais notoriedade, sendo também um acessório de elegância para as ricas senhoras de Belém. “O último requinte da elegância londrina são as pernas luminosas. Esta moderníssima fantasia da moda consiste em meias ornamentadas com uma espécie de desenho em que se torna luminoso no escuro”. O autor prosseguia dizendo que “os artelhos fosforescentes falaram as fantasias dos entusiastas da moda, mas não se tornaram populares além dos círculos de gente rica, porque custam um dinheirão e não brilham mais do que uma

---

<sup>13</sup> MENEZES, Bruno de. *Silhueta Viva*. Cit.

<sup>14</sup> SANT’ANNA, Mara Rúbia. Cit., p. 78.

<sup>15</sup> PERROT, Michelle. *Os silêncios do corpo da mulher*. Cit., p. 15.

noite”. Outra possibilidade eram as “meias queimadas do sol” uma “outra invenção dos decretadores da moda”. Segundo o autor “um deles levou a sua petulância a ponto de declarar: nenhuma mulher poderá se considerar bem vestida na presente estação se não usar meias cuja cor corresponda ao tom exato de sua epiderme”.<sup>16</sup>

Recomendava-se então que “à medida que sua *cútis*” se tornava “mais crestada com o avanço do verão”, ela deveria “escolher meias mais carregadas em tonalidade, ou mudar para tons mais leves se ficar a maior parte do tempo em casa, perdendo a maior parte dos efeitos do sol na pele”. E concluiu o artigo instruindo que seria “um grande erro” naquele ano “ter uma dama a face mais ou menos queimada de sol do que as suas meias.”<sup>17</sup> Anúncios e sugestões a exemplo das meias, estavam presentes no cotidiano das leitoras da revista *A Semana*, justamente por que essas mulheres das elites e camadas médias altas belenenses formavam um grupo consumidor de novidades por excelência. Isso nos deixa entrever que essas mulheres estavam atentas à sua capacidade de consumo e sua participação na vida mundana propriamente dita.

Partindo dessa acepção, o registro d’*A palavra* de 23 de setembro de 1917, intitulado “*Que grande indecência!*” manifestava a seguinte opinião: “Por acaso abro um jornal que estava sobre uma mesa, e vejo o retrato de uma mocinha com as pernas quase completamente descobertas”. O mesmo exclamava: “Maldita moda! Para obedecerem ao figurino, esquecem o pudor e o pior é que a culpa principal era da mãe que também estava retratada como a filha”. Por fim dizia em tom de ultimato: “Senhora queria eu dizer-lhe, se a vossa filha que crias tido *desavergonhadamente*, um dia vos der um desgosto, de quem vos haveis de queixar?”<sup>18</sup>

Partes do corpo feminino começavam a serem cada vez mais reveladas pelas seguidoras da moda. O corpo a mostra passava inspirar cronistas, como no exemplo de 1922 também d’*A Semana*. O articulista inicia com a seguinte inquirição: “conheces Zélia Vargas? É um mimo de beleza e de plástica” poderia fazer “inveja a Vênus de Milo, pois sobre a estátua perfeita leva a vantagem de ter uns braços divinos, que constituiria para um feliz mortal a mais doce prisão”.<sup>19</sup> Seguindo estas pistas lembremos que na virada do século XIX

---

<sup>16</sup> *A Semana. A Semana Elegante “A moda feminina”, 09 de agosto de 1924, página não identificada.*

<sup>17</sup> *Ibid.*

<sup>18</sup> *A Palavra, “Que grande indecência!”, 23 de setembro de 1917, p. 3.*

<sup>19</sup> CORRÊA, Mario H. *A Semana. A Semana Elegante - “Na Praia”, 07 de janeiro de 1922, página não identificada.*

para XX “a elegância feminina começou a rimar com saúde”.<sup>20</sup> Sendo assim, surgia uma mulher atenta a moda, mas também inquietada com as questões do corpo e da saúde deste. Os banhos de praia, de sol e as práticas desportivas ganhavam novos sentidos para a mulher em Belém. De fato, tais práticas já se insinuavam em finais do século XIX, e ganhavam força no século XX. Um bom exemplo disso eram os passeios de bicicleta, conforme descreve Álvares da Costa em 1898, encantado com graciosas ciclistas:

“O *ciclismo*, que data de poucos anos e que já atingiu entre nós à altura de um delírio monomaniaco, foi introduzido principalmente pela recreativa, cujos membros são fervorosos adeptos desse elegante gênero de sport. A ela devemos os primeiros torneios ciclistas e o grande impulso que tomou o uso da bicicleta entre nós [...] é belo ver, aos domingos e feriados, as estradas e praças de Belém invadidas e cruzada por essas luzentas máquinas [...]. É mais belo ver ainda graciosas senhoritas pedalarem com grande encanto e elegância as suas amadas bicicletas, que vieram lançar ao canto a boneca [...]. As matinais excursões ao Bosque Municipal”.<sup>21</sup>

E os critérios de beleza para esse corpo saudável? Segundo Georges Vigarello “apesar de lentas”, as mudanças do “domínio exercido sobre as mulheres”, vale o exemplo, “têm suas correspondências no universo estético: a exigência de uma beleza sempre pudica, virginal, vigiada, impôs-se durante muito tempo” até que se afirmassem “as alforrias decisivas repercutidas nas formas e nos perfis, movimentos mais aceitos, sorrisos mais expansivos, corpos mais desnudos”.<sup>22</sup> Para o mesmo autor a história da beleza é aquela que aborda “as formas”, o “porte”, as “expressões”, os “traços”.<sup>23</sup> Vamos tentar melhor entender a idéia de beleza de nossas sílfides modernas.

---

<sup>20</sup> DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 244.

<sup>21</sup> *Folha do Norte*. Belém, 3 de março de 1898, p.1.

<sup>22</sup> VIGARELLO, Georges. *História da beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006, p. 11.

<sup>23</sup> *Ibid.*

Uma gracilidade feminina se instala em Belém entre as mulheres da elite nos anos de 1920 e que não revela muita correspondência com aquela de 1900 ou 1890. Vamos explicar isto tratando daquilo que, segundo Michelle Perrot, seria o signo supremo da feminilidade: os cabelos. Anteriormente “disciplinados, cobertos, enchapelados, por vezes cobertos com véu”<sup>24</sup> se mostrariam notáveis artimanhas da nova beleza feminina. O penteado cacheado, volumoso que perdurou até o início da década de 1920 foi abandonado a favor do “corte curto e liso que evidenciava as linhas da cabeça”.<sup>25</sup> Também falou-se sobre o corte de cabelo da moda nos anos 20 em Belém. Exemplo disso foi o artigo de 1924 d’A *Semana* intitulado “Cabelos Curtos”.

“Porque haveria aquela moça de cortar a sua cabeleira? Perversidade simples de mulher! Calculou por certo, que, sendo embora formosa com seus cabelos compridos, mais atraentes se ostentaria se deixasse a descoberto o seu pescoço [...] assim foi seguramente. Encontramo-nos em casa de amigos comuns. Conversamos e ela me falou em uma série inenarrável e importantíssimas frivolidades. Achei-a mais inteligente do que nunca”.<sup>26</sup>

Mesmo considerando a moça inteligente o protagonista da história afirmara que para ele “o assunto mais sério era, sem dúvida, a atração” irresistível “daquela nuca incomparável”. O corte de cabelo, tanto chamara atenção que o articulista, mesmo sem muito concordar acabava por concluir que “a moda temporal da cabeleira aparada, tão em uso entre as damas” em algumas “criaturas”, acabava por deixá-las “mais belas e mais sedutoras”. O autor encantado pela moça de cabelos curtos que conhecera, talvez para deixar demarcado que mulher devia ter cabelo comprido afirmava que outras mulheres ao usarem cabelos curtos se “transformam para pior, tornando-se mais feias, e antipáticas”. “No último caso”, citava o exemplo de uma suposta D. Clarinha:

“[...] Com aquele rosto já bastante enrugado, com aqueles olhos de luz já adormecida, em suma com aqueles cruéis sinais de velhice indisfarçável, ficou

---

<sup>24</sup> PERROT, Michelle. *Os silêncios do corpo da mulher*. Cit., p. 15.

<sup>25</sup> LAVER, James. Cit., p. 232.

<sup>26</sup> F. A *Semana*. *A Semana Elegante “Registro: Cabelos Curtos”*, 01 de novembro de 1924, página não identificada.

horrível e até ridícula [...] Uma pobre mulher que atinge a idade que conta à pretensiosa D. Clarinha, ao invés de cortar os cabelos, deve antes aparar suas ilusões”.<sup>27</sup>

O texto acima coloca-nos a visão construída por alguns articulistas sobre a moda das *madeixas* curtas. Argumenta dizendo que as mulheres cortavam os cabelos bem curtos, pois queriam provocar ainda mais os homens. Para o articulista os cabelos compridos as tornavam atraentes, mas quando eram encurtados e mostravam suas nuças ficavam ainda mais provocativas. Destaque para o elogio feito a inteligência da mulher, o que pode ser interpretado como uma mudança do olhar masculino em relação a intelectualidade feminina. Porém, continua criticando as mulheres mais velhas que adotam as novas tendências do corte de cabelo, “D. Clarinha, ao invés de cortar os cabelos, deve antes aparar suas ilusões”, na conclusão do autor.

Chanel, importante estilista francesa nos anos 20, introduziu o uso dos cabelos curtos, o que, acrescido aos trajes de corte reto e da silhueta longilínea, tornaram-na a grande expressão da moda à *la garçonne*, que desconstruía a mãe-esposa, substituindo-a pela *garçonne*, uma mulher sociável, moderna e ativa e não necessariamente mãe-esposa. Para James Laver, com essa moda dos cabelos bem curtos não haveria mais nada que distinguisse uma jovem de um menino de colégio, exceto os lábios e vermelhos e as sobrancelhas realçadas com lápis, exagera o autor.<sup>28</sup> Contudo o púlpito da moda era Paris e as ricas mulheres de Belém não tinham muito interesse em perder esta referência. Jean Castarède sinaliza que “graças ao triunfo da moda” e, sobretudo da “cultura no impressionismo (e depois no cubismo)” era em Paris que a “intelligentsia” no mundo teria significado.<sup>29</sup>

Outro exemplo como a moda do corte de cabelo empolgava as senhoras belenenses aparece em agosto de 1924 n’A *Semana* com o título “*Palavras... Sorrisos... Olhares...*” da coluna “*A Vida Fútil*”. Notas sobre os cortes curtos aparecem com certa assiduidade nos periódicos consultados, além dos demonstrativos em capas de revistas e iconografias. Diante desses dados, nos parece que os cabelos femininos, expressão de sua aparência ganhavam significados diversos nesse contexto social tanto para os homens como

---

<sup>27</sup> *Ibid.*

<sup>28</sup> LAVER, James. *Cit.*, p. 233.

<sup>29</sup> CASTARÈDE, Jean. *O luxo: os segredos dos produtos mais desejados do mundo*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2005, p. 134.

para as mulheres. Estas, sabendo disso usavam então do corte ou não dos cabelos para sugerir o que pensavam sobre si mesmas, ou o que queriam que pensassem sobre elas. Desse modo, o cronista assim descreve as preocupações sobre os comprimentos dos cabelos:

“Senhorinha ouviu dizer que os cabelos cortados vão sair de moda e está preocupada com o assunto. Anda avisando em surdina que vai deixar as suas formosas tranças novamente *pompearem* a luz vermelha que outrora ostentavam”.<sup>30</sup>

Segundo o autor a personagem da narrativa questionava a “moça moderna” acusando-a de acompanhar a “moda em todas as suas transições”, por esse motivo andava preocupada, pois “os seus cabelos foram aparados há pouco tempo e custarão a crescer, certamente”. O cronista reforçando seus argumentos dizia ainda “a moda aí vem rápida e decisiva. Agora, imaginem a sua tortura se eles não se alongarem logo”. Na preocupação da personagem seria “bem capaz de recorrer a um cabeleireiro, comprando umas tranças provisórias”. O autor conclui dizendo que a personagem fazia “tudo isso muito em segredo” e que “ela avisava no largo as suas amiguinhas, numa banquinha da terrasse, no sábado último”.<sup>31</sup>

Este flagrante na “banquinha da terrasse” demonstra o quanto a mulher mais abastada de Belém estava preocupada com a moda, com a aparência, com a estética moderna. Queria acompanhar a moda em todas as suas transições e para isso era capaz inclusive de usar tranças postiças. O exemplo acima não é fato isolado, posto que no período aqui referido era quase sempre a mulher que deveria visitar a lojas para tomar conhecimento dos novos modelos recém chegados de Paris e de freqüentar salões de beleza para saber como usar o seu cabelo. A cada semestre ela era chamada a conhecer as mudanças no traje, no corte, nos gestos. Era ela também que deveria ver as novidades em sedas, luvas e perfumaria. Os anúncios dedicados aos homens destacavam geralmente a qualidade. Para elas os critérios de beleza também rimavam com novidade, conforme percebemos na documentação.

---

<sup>30</sup> KODAK. Mister. *A Semana. A Vida Fútil. Palavras... Sorrisos... Olhares...*, 09 de agosto de 1924, página não identificada.

<sup>31</sup> *Ibid.*

## 2. CUIDADOS COM OS INDUMENTOS E SAÚDE

“Sabonete Rex, medicinal e perfumado. É o tônico de pele por excelência. Torna-a aveludada, clara e evita as rugas e coceira, etc. É um preservativo contra a velhice e é indispensável num toucador elegante”.<sup>32</sup>

O anúncio acima de 11 de julho de 1922 da *Folha do Norte* por mais corriqueiro que possa parecer, deixa pistas valiosas para se entender mudanças relacionadas às modas, aos cuidados com a pele e a própria higiene do corpo. O confinamento em casa dava lugar a discursos de como ter uma vida saudável, os usos de roupas mais apropriadas ao clima da região. A idéia de conforto e

liberdade de movimentos do corpo se colocava em destaque por várias vezes. Assim, a diminuição de tecidos, o encurtamento de mangas e saias, além de proporcionaram mais agilidade a vida moderna, simbolizavam uma importante composição: moda e saúde. Nesse sentido, é possível associarmos estas preocupações que vão crescendo nas primeiras décadas do século XX às proposições de Lipovetsky quando trás a baila a discussão da “individualidade narcisista moderna”.<sup>33</sup> Para o autor “é simplista reduzir o individualismo contemporâneo ao egocentrismo, à bolha narcísica, à exclusiva busca dos gozos privados. O “narcisismo”, logo “é a inclinação dominante das democracias, não é sua direção exclusiva.”<sup>34</sup> Ainda nesse sentido Lipovetsky diz que “mesmo quando os indivíduos saem de seu universo estritamente íntimo e se engajam em ações coletivas, é sempre a lógica individualista que é preponderante”.<sup>35</sup>

De fato, os anúncios nos periódicos nas primeiras décadas do século XX em Belém, voltavam-se para a saúde das mulheres também, pondo às vistas de todos o males



Figura 10 (Anúncio Regulador Beirão, A Palavra, 22 de fevereiro de 1917, Belém, Fonte: Jornais Centur).

<sup>32</sup> *Folha do Norte*, 11 de julho de 1922, p. 4.

<sup>33</sup> Autor do *O Império do Efêmero: a Moda e seu destino nas sociedades modernas*. Vide LIPOVETSKY, Gilles. *Cit.*, p. 11 seq.

<sup>34</sup> *Ibid.*, p. 278.

<sup>35</sup> *Ibid.*

próprios do corpo feminino, como exemplo do Regulador Beirão, chamado “o remédio das senhoras”, que era inclusive anunciado no jornal católico *A Palavra* (Figura 10).

Nesse contexto, as políticas públicas privilegiam a higiene como ponto fundamental. Em finais do século XIX, novas ruas e avenidas são abertas, mostra-se o cuidado de plantar em pontos estratégicos da cidade jardins. Mas as mudanças de infraestrutura na cidade de Belém resultavam também em vários inconvenientes e problemas de todas as ordens, que aconteciam nesse processo de urbanização da cidade. Assim Belém, “como qualquer cidade brasileira, tinha na insalubridade, o problema mais grave”.<sup>36</sup>

A vida saudável estava em voga e transcendia as políticas públicas de saúde do Estado planejador. O jornal *Folha do Norte* em 1910 sublinha esta reflexão em um anúncio do remédio Emulsão de Scott. No texto da propaganda da emulsão vemos “a bela senhorita Sara Silva, antes fraca e anêmica” agora “robusta e formosa”. Era “filha do Ilmo Sr Tesoureiro municipal de Bagé (Rio Grande do sul) onde é bem conhecida pela sua Beleza e formosura”. O registro revela que ninguém poderia reconhecê-la “antes fraca e doente, pois quando criança começou a padecer terrivelmente de raquitismo e anemia”. Após ter experimentado “inumeráveis remédios sem obter melhora alguma, por indicação de médico deram-lhe a Emulsão de Scott” e “em pouco tempo tornou-se forte, robusta e formosa, o que sucede sempre que se dá esta Emulsão salvadora as criaturas raquíticas e anêmicas”. Conclui dizendo que é importante “exigir sempre esta marca, sem a qual nenhuma Emulsão é boa nem legítima”.<sup>37</sup>

O remédio do anúncio se tornaria um exemplo prodigioso no olhar belenense. Era como se a jovem, para preservar sua saúde, sua formosura e beleza, deveria apostar na

---

<sup>36</sup> Os estudos de Sarges nos colocam que era preciso organizar o espaço e adequá-lo para uma classe em ascensão como os seringalistas, comerciantes e fazendeiros, priorizando a estética da cidade. A intencionalidade Lemista com a implantação dos bons costumes é colocar cada indivíduo em seu devido espaço, controlando seus hábitos e habituando-o à limpeza. A saúde pública, organização espacial e saneamento são fatores primordiais na gestão Lemista, com o intuito de que o povo pudesse levar uma vida salubre. O objetivo do intendente é engolfar-se nos problemas de saúde e nos costumes habitacionais do povo belenense, com o propósito de evitar que se alastrasse qualquer tipo de moléstias e pudesse ocasionar uma epidemia na população, trazendo sérios conflitos e transtornos para o governo nesse período. Nota-se que Belém no segundo decênio esta voltada para a higienização da cidade, para a descoberta e cura das doenças epidêmicas que causam medo e terror na população, é por isso a incessante preocupação em higienizar as habitações coletivas, os hospitais, os mercados, os asilos, as fábricas, entre outros, por sua insalubridade claramente perceptível que os higiênico-sanitaristas eram voltados a esse fato, até mesmo porque certos indivíduos na sua necessidade, não aceitavam a higienização de suas residências, preferindo morar em meio à sujeira a se disciplinar a sua higiene. A esse respeito, consultar: SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)*. Belém: Paka-Tatu, 2002, p.144.

<sup>37</sup> *Folha do Norte*, 01 de janeiro de 1910, página não identificada.



indicação. Os anúncios, assim, oferecem um bom indicativo das mudanças. O remédio *Emulsão de Scott* era feito do óleo do fígado de bacalhau que, de acordo com o anúncio, era ótimo para a cura de moléstias como a anemia. O que fica bastante perceptível é a estratégia de veicular o depoimento do indivíduo que supostamente consumia o remédio. “Elixir de *camapú* Beirão” (Figura 11) ou “Sedativo Regulador Beirão” (Figura 12), este último indicado para “regras escassas” e “doenças de senhoras e senhoritas” também eram assíduos na década de 1920 nos jornais de circulação em Belém. Para Maria Izilda Matos foi a partir da virada do século XIX para o XX que novas idéias sobre doença, corpo e higiene se firmaram. Para a pesquisadora “era preciso mudar hábitos e atitudes, de tal modo que o papel do médico tornou-se decisivo na configuração das pautas culturais e normativas.” Suas análises também dizem que “o cientificismo imperante nesse período permitiu aos médicos expandir o controle sobre a vida de homens e mulheres, normatizando os corpos e os procedimentos, disciplinando a sociedade”.<sup>38</sup>

Em consultas feitas no acervo do jornal da época, um editorial que corresponde a esta discussão nos chamou atenção. Trata-se do registro de 27 de abril de 1916, da *Folha do Norte*, intitulado “*O problema do vestuário nos climas quentes*”. Aliás, não foi de se estranhar tal atenção para os problemas de saúde causados pelo excesso de tecidos e texturas num clima excessivamente quente e úmido como o de Belém do Pará. O documento expõe que em sessão realizada na Sociedade Médico – Cirúrgica o distinto colaborador e amigo J. A. de Magalhães apresentou o seguinte voto sobre o “problema do vestuário nos climas quentes”. Assim dizia que o problema do vestuário nos climas quentes fornece-nos “doloroso ensejo para medir quanto divorciados andamos dos ensinamentos da ciência que professamos e quanto somos submissos aos exemplos importados de zonas e países, cujo clima e cujas condições econômicas nada tem de comum” com o espaço que habitamos “nem com os produtos dos quais depende a nossa vida autônoma e livre”.<sup>39</sup>

O articulista prosseguia afirmando que “o vestuário destina-se a envolver o homem de maneira a manter uma camada de ar denominada clima do corpo à temperatura constante de 28°, impedindo que, seja por irradiação, por contato ou por evaporação” o meio exterior lhe subtraia quantidade “superior de calorías ou lhe aumente aquela temperatura. Para

---

<sup>38</sup> MATOS, Maria Izilda Santos de. *Delineando corpos. As representações do feminino e do masculino no discurso médico (São Paulo, 1890 – 1930)*. In: MATOS, Maria Izilda Santos de & SOIHET, Raquel (Orgs.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 109.

<sup>39</sup> *Folha do Norte*. “*O problema do vestuário em climas quentes*”, 27 de abril de 1916, p. 1.

estabelecemos, pois, a natureza do tecido que devemos adaptar na confecção de vestuário, bem como a cor que deveremos preferir” dado o clima em que vivemos “cumpre-nos estudar a condutibilidade dos vários tecidos, bem como o seu poder absorvente do calor e da umidade”. Também tratou de anotar que os tecidos enxugam de maneira diferente: “os de lã secam de dentro para fora, evaporando, apenas pela face exterior, ao contrário do linho e do algodão que evaporam pelas duas faces igualmente”.<sup>40</sup>

Nesta primeira parte do texto podemos identificar algumas questões levantadas pelo crítico cientista J. A. de Magalhães e que foram apresentadas a sociedade médico - cirúrgica do Pará: primeiramente a falta de coerência da sociedade paraense em usar tecidos quentes e escuros, totalmente adversos ao nosso princípio climático. Em seguida o registro propõe a mudança de tecidos a serem usados para nossa região. No lugar da lã, que segundo o proponente “secam de dentro para fora, evaporando, apenas pela face exterior” dever-se-ia adotar o linho e o algodão “que evaporam pelas duas faces igualmente”, arremata. É bem verdade que este problema inseriu-se numa cena mais complexa, requerendo mais interrogatórios para com as fontes, perpassando o econômico e o simbólico das roupas. Uma abreviatura desta problemática se revelaria basicamente em três vértices: lócus, status social e imaginário coletivo.

O autor consideraria posteriormente a natureza do clima em Belém. O apresenta “úmido e quente” e “sem grandes oscilações de temperatura que se mantém na zona que o professor Afrânio Peixoto limita da vizinhança do equador ao paralelo 40°, nas proximidades de 30°, obrigando-nos a constante

e forte transpiração”. Segundo Magalhães “em contato com o tórax, precisamos ter um tecido que absorva a nossa abundante transpiração sem nos produzir os resfriamentos que, freqüentemente, nos assaltam independente de fortes oscilações de temperatura que os



Figura 11 (Anúncio Elixir de Camapú Beirão, A Palavra, Belém 27 de maio de 1926, Fonte: Jornais Centur)



Figura 12 (Anúncio Sedativo Regulador Beirão, A Palavra, Belém 26 de fevereiro de 1928, Fonte: Jornais Centur)

<sup>40</sup> *Ibid.*

justifiquem”. Assim “se infere que o nosso vestuário, se quisermos ser lógicos, prezar a nossa saúde e servir aos interesses econômicos do país deverá ser constituído por uma camisa de flanela” e o mais “frio possível”. Sugere-o “camisa e ceroula de algodão branco, cinzento ou castanho, sendo que o branco será sempre o menos quente”, entretanto “menos econômico também, mas em compensação muitíssimo mais usado e as demais cores defender-nos-ão as ação dos raios [...] do sol.”<sup>41</sup>

Na justificativa do proponente está implícito um discurso protecionista, para não dizer claramente nacionalista. Na medida em que este autor nos sinaliza da necessidade “de servir aos interesses econômicos do país”, deixa vestígios de um pensamento recorrente na época em questão, que não era exclusivo de cronistas, mas de grande parte da sociedade belenense, inclusive dos profissionais da saúde: tratava-se de valorizar o nacional. Em um contexto econômico de crise das exportações do látex, como era 1916, momento em que o articulista escrevia, tais proposições faziam bastante sentido na medida em que se pretendia destacar as riquezas e viabilidade econômica da Amazônia. O próprio J. A. de Magalhães, apoiando-se num fato histórico trata de enfatizar sua posição. Solicita que a sociedade belenense invoque a figura “ máscula do Marquês do Pombal, que, para sanar, como sanou, as dificuldades financeiras produzidas pelo ouro que emigrava para o estrangeiro, em troca dos artigos de luxo com que o estrangeiro”, em “troca dos artigos de luxo com que, o estrangeiro viciava a sociedade portuguesa, ordenou que a corte se vestisse somente de tecidos nacionais”. Solicitou que usassem como exemplo “Portugal da crise que ameaçava o evoluir brilhante, que o grande estadista soube imprimir à pátria, que ele, com o seu único esforço conseguiu engrandecer e felicitar”.<sup>42</sup>

Esta passagem invocando nosso passado colonial na figura de Marquês de Pombal não era à toa. André Botelho empregando Octávio Ianni nos informa que “em cada época marcante da sua história, a sociedade brasileira tem sido levada a pensar-se novamente. É como se ela debruça-se sobre si mesma: curiosa, inquieta, atônita, imaginosa.”<sup>43</sup> Para avançar, talvez precisássemos adotar uma abordagem mais ambiciosa. Assim, do nexos entre as preocupações da sociedade médica com a moda e o contexto da crise da borracha não estaria o autor interessado em uma valorização dos produtos locais em tempos de crise

---

<sup>41</sup> *Ibid.*

<sup>42</sup> *Ibid.*

<sup>43</sup> BOTELHO, André. *O Brasil e os dias: estado - nação, modernismo e rotina intelectual*. Bauru, SP: Edusc, 2005, p. 7.

econômica? Desse modo nas práticas do viver e de se vestir a elite belenense estava dividida entre o anseio e a recusa, o embargo e a permissão. O autor ressalta o uso do chapéu de palha que “deverá merecer também a nossa preferência, a não ser que façamos empenho em cultivar a calvície para o que decisivamente concorrem os chapéus de feltro quentes e pesados a ponto de dificultarem a circulação superficial do couro cabeludo [...]”<sup>44</sup> Convém aqui se lembrar das inconstantes relações entre o senso de tradição européia e o gosto de inovação, já explicitado por Gilberto Freyre: “modas dentro de modos polivalentes”.<sup>45</sup>

Nesse sentido, J. A. de Magalhães sugere para os leitores da *Folha do Norte*, a substituição dos chapéus de feltro “quentes e pesados a ponto de dificultarem a circulação superficial do couro cabeludo”, por chapéus de palha, mais adequados ao clima equatorial e que evitam a calvície. Neste caso o alerta estava direcionado para os homens, o que nos faz pensar que as preocupações com a moda, mesmo com o álibi “para ter uma vida saudável”, freqüentavam o imaginário masculino, conforme já asseveramos antes. Um indício desta última cogitação pode ser percebido na difusão de itens da moda típicos da classe mais abastada durante o século XIX e início do XX, “como cartolas, luvas, bengalas e relógios, o que pode ser interpretado como prova de que se buscava cruzar as fronteiras de classe.”<sup>46</sup>

A sessão na sociedade médico – cirúrgica no seu encerramento, contou com a presença de ilustres personalidades da aristocracia paraense e de outras partes do país. Isto nos leva a pensar que o tema moda, por mais próximo que estivesse dos princípios – elegância, charme, futilidade, estava na pauta daqueles que se responsabilizavam pelos modos de vida e costumes de Belém. Aquela importante sessão “além da classe médica luzidamente representada compareceram entre outras pessoas, os senhores cônsul de Portugal no Pará, Dr. Veiga Simões e Exm<sup>a</sup> esposa, cônsul e consulesa de Portugal em Manaus” além dos doutores “Eladic Lima, Barroso Rebelo, Luiz Barreiros, os senhores Borges de Lima, Abenico Lima e muitas outras pessoas que enchiam o vasto salão Gaspar Vianna em que se realizou a sessão [...]”. Concluindo o registro diz que a pedido do “Dr. Ophyr de Loyola foi a discussão da proposta Magalhães adiada para a próxima sessão, a realizar-se no dia 10 de maio próximo

---

<sup>44</sup> *Folha do Norte*. “O problema do vestuário em climas quentes”, 27 de abril de 1916, p. 1.

<sup>45</sup> FREYRE, Gilberto. *Cit.*, p. 165.

<sup>46</sup> CRANE, Diana. *Cit.*, p. 82.

[...]”<sup>47</sup> A sessão foi encerrada com o Sr. Presidente agradecendo a todos os presentes a honra de suas presenças.

Fica claro que a crítica da moda fazia parte da dupla tradição da sociedade conservadora belenense que primava pelo luxo e da crítica sociedade letrada em nome dos valores da saúde e de adequação ao novo contexto histórico. Direta ou indiretamente, se é que o vestuário e seus resíduos freqüentavam as linhas, as idéias, as percepções da classe intelectual moderna. O espaço é a cidade de Belém e o evento histórico é “a participação dos intelectuais e das idéias no processo de construção do moderno *Estado - nação*”<sup>48</sup> e as “diferentes perspectivas teóricas” que estes adotavam. Portanto, idéias sobre o vestuário estiveram muitas vezes presentes com significados diversos na fala dos intelectuais. Isto nos leva ao encontro do pensamento de Giulio Argan, ao lembrar que cabe ao pesquisador reconhecer o valor estético da cidade uma vez que o espaço citadino deve ser tratado como espaço visual, que carrega muito mais que o visível ou o concreto. Tal espaço está impregnado de valores e níveis culturais.<sup>49</sup>

As reflexões ora apresentadas demonstram que as mudanças históricas em todas as suas esferas não deixariam de modificar somente questões do corpo. O próprio sentido cultural de aparência sofreria transformações. Refletiremos em seguida um pouco dessa idéia de aparência ligada às experiências de variados sujeitos históricos em Belém.

### 3. MANTENDO AS APARÊNCIAS EM TEMPOS DE CRISE

“Houve flagrante injustiça da parte do ilustre médico Dr. José Augusto de Magalhães, que é o seu nome de guerra, nada dizendo, na sua proposta sobre o vestuário nos climas quentes, a respeito do traje das senhoras. Mais que o homem, interessa-nos, do ponto de vista do problema, a mulher, a quem certas modas, imprudentes causam, muitas vezes, prejuízos, que se refletem no seu futuro [...] O problema do vestuário da mulher é mais grave e sério que o do homem. Este não se *espartilha*

<sup>47</sup> *Folha do Norte*. “O problema do vestuário em climas quentes”, 27 de abril de 1916, p. 1.

<sup>48</sup> BOTELHO, André. *Cit.*, 50.

<sup>49</sup> A esse respeito, ver: ARGAN, Giulio. *História da Arte como história da cidade*. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

[...]. Por isso mesmo, seria mais útil que, em vez de dizer aos *machazes* que vistam tal ou qual tecido, e que tragam chapéus de palha de preferência aos de feltro, se ocupasse o Dr. Magalhães do vestuário das senhoras encarecendo-lhes e provando-lhes que a verdadeira beleza da mulher está na saúde física e moral de que estiver no gozo, o que não só aproveita a ela, mas a família em particular e a sociedade em geral.”<sup>50</sup>

Não com tanta surpresa, encontramos esse editorial também na *Folha do Norte*, agora sob o título “*Usos e abusos femininos*”, trazendo uma resposta em tom de repúdio as proposições do “Dr. Magalhães” sobre aqueles, já observados anteriormente neste estudo, problemas do “*vestuário em climas quentes*”. Ainda reconhecendo que o tema sobre o uso de determinadas modas num clima como o de Belém estava na pauta do dia, o documento nos oferece outros elementos, não menos importantes, para pensarmos o sentido atribuído as *aparências*<sup>51</sup> daquelas que insistiam vestir as mudanças indumentárias, mesmo com tantas ressalvas de observadores e articulistas, além do clima de incerteza econômica no universo das elites devido à crise da borracha desde 1912. De fato, conforme aponta Weinstein, uma onda de falências se anunciava no Pará. Em 1913 “muitos estabelecimentos já haviam entrado em dissolução” e “muitos mais iriam falir no decorrer da década”. Jornais de circulação de Belém “dedicavam páginas sobre leilões de jóias penhoradas, cujos proprietários não tinham condições de resgatar”. A receita do Estado caía vertiginosamente e a situação mostrou pioras em 1914 após a deflagração da Primeira Guerra Mundial. Observado o problema de perto, Weinstein registra que “com o comércio internacional seriamente desintegrado pelo conflito europeu, a receita do Pará com a exportação caiu de 9.893 contos, em 1912, para apenas 4.430 contos em 1914”.<sup>52</sup> Apesar de todos esses problemas econômicos, conforme temos pontuado

<sup>50</sup> *Folha do Norte*. “*Usos e abusos femininos*”, 28 de abril de 1916, p. 1.

<sup>51</sup> Estaremos nos apropriando do conceito “aparência” em tom empregado por Daniel Roche. Para o autor “a cultura das aparências é antes de tudo uma *ordem*. Para compreendê-la, é necessário apreender a linguagem que permite a comunicação num domínio estranho e, portanto, mobilizador do imaginário”, além de perceber a função social da aparência em “termos de comunicabilidade”. A esse respeito ver ROCHE, Daniel. *A cultura das aparências: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII)*. Cit., p. 503-520.

<sup>52</sup> Consideramos que entre 1911 e 1912, o Pará estava envolto por dívidas. A dívida do Estado a credores “nacionais e estrangeiros” nesses anos se aproximava de 7.000 contos e no decorrer dos cinco anos adjacentes esse número “quase quadruplicou”. Para Barbara Weinstein, o setor privado lutava para “sobreviver” e assim a “elite amazônica não tinha outra escolha senão voltar-se para o Rio de Janeiro em busca de auxílio”. Devemos também entender que na República Velha, o prestígio de uma região estava intrinsecamente ligado a economia local. E que mesmo vivendo o “fausto” da economia gomífera, a Amazônia “estava distante da linha de frente da

ao longo do trabalho, uma preocupação com o vestuário e aparência mantinha-se dando conta da importância dessas práticas sociais.

Diante disso, entendemos que a vestimenta permite observar alguns mecanismos da sociedade moderna e os modos de exibição em público. “A partir da aparência” as mulheres acabavam participando de diversas “modalidades da ordem social”, além de compartilharem significantes.<sup>53</sup> Nas consultas a documentação de nossa pesquisa, percebemos que as construções dessas aparências femininas geravam também conflitos. Vale a pena a corroboração de Nicolau Sevcenko ao dizer que investindo na “aparência, nas roupas e no porte” oportunizavam os rompimentos “as hierarquias e barreiras sociais”.<sup>54</sup> Como se vê os periódicos não se precipitavam ao dar ressonância àquilo que, muitas vezes chamavam de “futilidades” de determinadas mulheres. “O Olímpio da aparência é a dimensão de existência do sujeito imaginário explorado pela indústria cultural”,<sup>55</sup> como diz Sant’Anna. Porém não nos apressemos em dizer que esta inquietação com a manutenção da boa aparência é algo das primeiras décadas do século XX. Essa preocupação feminina com a aparência foi sensivelmente observada também por Mary Del Priore em seus estudos sobre a idéia de amor ao longo da história do Brasil. A pesquisadora argumenta que mesmo no restritivo século XIX havia a estratégia de “impressionar pelo aspecto” a fim de conseguir um casamento. Também faz referência a “produtos importados” que “tratavam de melhorar a aparência” de mulher, e por que não dizer também de homens. Para a autora trajar, por exemplo, um véu era correr o risco ou uma estratégia para aguçar “a curiosidade e o apetite masculino”, com a ressalva, diz Del Priore, de sempre estar “vincado pela preocupação com a situação econômica e de classe”.<sup>56</sup>

A *Folha do Norte* de 28 de abril de 1916 acaba por ir ao encontro do que Del Priore observava já no século XIX. Assim, a folha noticiosa esboça isso ao dizer que “ela tem a obstinação” não ligada ao sexo, mas a “sua feminilidade, e é nisto mais que nos atributos da

---

mudança sócio-econômica no Brasil”. O resultado era a interpretação por parte do governo federal de que a Amazônia “continuava a ser uma economia tradicional de exportação de um só produto, com um produto interno pequeno, que não havia sinal nenhum de expansão”. A esse respeito, ver mais detidamente: WEINSTEIN, Barbara. *A Longa decadência*. Cit. p. 241 seq.

<sup>53</sup> SANT’ANNA, Mara Rúbia. *Cit.*, p. 79.

<sup>54</sup> SEVECENKO, Nicolau. *Cit.*, p. 539.

<sup>55</sup> SANT’ANNA, Mara Rúbia. *Cit.*, p. 70.

<sup>56</sup> DEL PRIORE, Mary. *Aparência e Sedução*. *Cit.*, p. 149-156.

sexualidade que ela se distingue do homem. Mesmo a custa de ameaças e combinações de penas, prefere sempre o gosto a quatro vinténs.”<sup>57</sup> Mesmo colocando a mulher em certo sentido na categoria de fútil ou daquela que preferia a moda, a poupar algum tipo de dinheiro, o articulista, mesmo sem ser sua intenção, não deixa de observá-la como um sujeito social que tinha vontade própria. A intensa preocupação do articulista da *Folha* com os “*Usos e abusos femininos*” se confirma ao recorrer até mesmo a exemplos mais remotos da história e que segundo ele justificariam um freio as práticas indumentárias adotadas pelas mulheres em Belém naqueles tempos de 1916. Assim, disse que no “reinado de D. Maria I, o terrível intendente de polícia Pina Manique, que não era autoridade para brincadeiras, achou ofensivo ao decoro publico o vestuário das sombras, muito decotado, de mangas excessivamente curtas e saia extremamente justa”, e que “passados mais de cem anos, se volta a usar agora.” Continua sua argumentação dizendo que “Pina Manique resolveu deitar sobre a dissoluta moda, e dirigiu uma circular aos corregedores dos bairros de Lisboa, no sentido de evitar que aparecessem em público senhoras quase nuas e tão indecentes, que escandalizam e modéstia e provocam os homens a fins libidinosos.”<sup>58</sup>

O texto da *Folha do Norte* prossegue fazendo referência a um suposto “cronista do tempo” (no reinado de D. Maria I) “que perdeu o seu latim, pois que os vestidos que ofendiam a modéstia e a religião e prejudicavam aquele caráter e gravidade com que sempre se honrou a nação portuguesa só acabaram quando acabou a moda.” Também tratou de problemas com certas modas na Bahia do século XVII, informando que eram proibidas às mulheres “usarem estofos caros e vestidos provocantes”. Segundo o articulista as mulheres na da Bahia “adornavam-se comumente de objetos de ouro e prata e não deixavam de envergar trajés ao rigor da moda, de custosas fazendas, apesar de se haver vedado a importação destas.” Também não lhe passou indiferente as modas entre as africanas, que segundo sua análise “se davam ao luxo [...] para agradar [...] e eram freqüentes entre elas, os colares, arrecadas e placas de precioso e vil metal e chalés de preços fabulosos, para adornarem as orelhas e o colo de azeviche e as frentes estreitas.”<sup>59</sup>

O articulista também alertava (a essa altura aos leitores de bom senso) que “de tudo resultava o excesso nos pecados do amor” e que “num só ano trinta mulheres casadas”

---

<sup>57</sup> *Folha do Norte*. “*Usos e abusos femininos*”, 28 de abril de 1916, p. 1.

<sup>58</sup> *Ibid.*

<sup>59</sup> *Ibid.*



contava a partir do relato de um suposto viajante “foram mortas pelos maridos, ferozmente enciumados, alguns dos quais lhes esfuracaram os olhos como o Valentin Tristonho, do conto de João Luzo, fez à sua e o Ugolino à dele.” Após trazer a tona esses precedentes o autor esclarecia que estando longe dos “costumes licenciosos daquelas eras” se concebia uma “tarefa dos médicos”. Era necessário mostrar “as mulheres nos inconvenientes já não morais, mas fisiológicos, de algumas modas”. Não que esse trabalho se pudesse “comparar ao da catequese de selvagens no século do descobrimento”, mas que se estes “não foram irredutíveis à doçura da palavra dos primeiros missionários cristãos, não devemos perder a esperança de ver mulheres preferirem a saúde, as coisas fora de vila e termo.”<sup>60</sup>

As críticas aos excessos na construção dessa aparência feminina mostram como um modelo de comportamento indumentário, que no nosso entender produz discursos não-verbais acaba por desestabilizar um modelo social dominante. Estamos nos referindo aos usos das aparências que as mulheres dos grupos mais abastados em Belém passavam a reivindicar. Não por acaso percebemos que o mesmo documento da *Folha do Norte*, que a princípio objetivava censurar “usos e abusos” da moda, acaba confirmando seus usos, logo uma posição de resistência em relação às “ordens” dos conservadores.

A pertinente consideração sobre os males, por exemplo, causados pelo uso dos espartilhos presente do documento da *Folha*, supostamente de responsabilidade da classe médica, se confundia com o livre arbítrio para seu uso, reivindicado pela mulher moderna. Dizemos isso nos apoiando nas muitas possibilidades que estas mesmas mulheres tinham para esclarecerem a cerca dos prejuízos originados pelos espartilhos ou outros recursos da moda. Revistas e jornais traziam nas primeiras décadas do século XX, com certa assiduidade, incisos tratando do tema. O próprio editorial “*Usos e abusos femininos*” se referia as mulheres que supostamente faziam uso dos espartilhos como “pobres vitimas das modistas.”<sup>61</sup> Considerava o articulista que os usos dessas modas “são terríveis fatores de moléstias graves, que dão às mulheres apenas uma graça artificial, emprestando-lhes encanto efêmero”, que cessariam logo que elas tirassem “o sapato de tacão alto”. A “cintura e os seios livres do espartilho” voltavam “a sua posição normal”, assim como ao lavar o rosto, perderiam as “cores tomadas as tinturas de toilette.”<sup>62</sup>

---

<sup>60</sup> *Ibid.*

<sup>61</sup> *Ibid.*

<sup>62</sup> *Ibid.*

Não seria exagero dizer que entre o início do século XX até fins da década de 1920, as mulheres de classe alta e média em Belém passaram por certa “revolução no traço feminino”<sup>63</sup> que acabou não somente modificando os comportamentos delas, mas também as relações destas como o desejo de consumo; além de uma nova maneira de interagir numa economia baseada no vestuário. A satisfação pessoal dessas mulheres passava a ser cada vez mais pleiteada. Os estigmas apontados por articulistas aos desejos de escolhas em geral e preocupações com o “vestir-se na moda” são resultados desse processo. Exemplo disso foi apreendido n’*A Palavra* de 09 de fevereiro de 1919 numa nota intitulada “*Queixas e mais queixas*”. Dizia que “nunca estão satisfeitas. A comida não está bem feita. A roupa não assenta bem, o quarto não está limpo. Nada está conforme seu gosto. “Eis o tipo de [...] senhora” talhada “pela última moda”. Concluía dizendo que todos imaginassem “que com isto se levantam aos olhos da sociedade”.<sup>64</sup>

Não à toa, o mesmo “tipo de senhora” que *A Palavra* faz alusão perceberia que a adoção de trajes constituintes do universo das aparências se entrelaçava as mudanças da sociedade e claro, do mundo circunscrito das mulheres pertencentes às camadas mais abastadas. Consideramos imprescindível reconsiderar como as pessoas viam umas as outras em Belém, além de como eram vistas e registradas no campo do cotidiano por observadores e cronistas. Interpretamos que considerável parte dos anúncios retirados dos periódicos constituintes desta pesquisa se dirigia as consumidoras. Mulheres ligadas a famílias privilegiadas, mesmo que algumas delas com suas rendas já abaladas pela crise econômica que assolava Belém no segundo decênio do século XX, continuavam estimulando o comércio e a circulação de bens. Entendemos que os membros desses grupos se viam obrigados a fazer gastos de manutenção do privilégio antes conquistado e ostentação de certa posição social.

Para que possamos reconstituir o quebra-cabeça dos sentidos dados ao universo das etiquetas e das aparências em Belém no limiar do século XX precisaríamos percorrer vários caminhos.<sup>65</sup> Porém essa demanda nos obriga ao estudo de pontuais casos que parecem

---

<sup>63</sup> Cunhado por Gilberto Freyre ao se referir as modas de mulher que vinham representando “vitórias de um apreço” contra “imposições de modas artificializantes” do corpo feminino. A esse respeito ver “Defesas da natureza contra excessos artificializantes”, In: FREYRE, Gilberto. *Modos de Homens & Modas de Mulher*. Cit., p. 63-65.

<sup>64</sup> *A Palavra*. “*Queixas e mais queixas*”, 09 de fevereiro de 1919, p. 1.

<sup>65</sup> O “*ethos* aristocrático” transformado desde o século XIX mexeria com as “formas de sociabilidade” e uma maior instrumentalização de atos ligados ao universo da etiqueta e da própria imagem na “esfera da vida privada” tornaram-se símbolos de conduta da classe alta. Essas “ondas de expansão dos padrões de conduta civilizada” para a classe alta configurada no século XIX “fizeram-se acompanhar do aumento do poder social da

relativamente comuns nos periódicos consultados. É o caso d'A *Palavra* de 20 de março de 1919, onde encontramos uma nota que acaba por refletir o cotidiano da cidade a partir de referências ao comportamento “vaidoso” de uma consumidora da moda. O jornal trazia como título da pequena narrativa “*Os desgostos de uma vaidosa*”. Nas linhas que seguiam dizia que “certa vaidosa não pensava senão em parecer bem. Imagina que assim seria muito feliz, mas sucedia-lhe tudo ao contrário”. O autor sob o pseudônimo “A.” argumentava que “se botava um vestido, logo encontrava quem lhe criticasse, ou pela cor do pano, ou por que não lhe assentava bem.” Também argumenta que “a cada passo” da suposta senhorita “aparecia com chapéu novo, e cuidando que ia desbancar todas as moças, era muito freqüente ouvir dizer que os das outras era mais aparatoso.”<sup>66</sup>

Se, por um lado, o registro d'A *Palavra* deixa pistas de um fato corriqueiro, por outro, nos leva a um exemplo de como a mulher, representada na figura de uma “vaidosa” senhorita, se sentia impelida a seguir as modas, além de fazer gastos com o comércio do vestuário para manter um grau de notoriedade. Nossa hipótese seria pensar a construção ou manutenção indumentária da mulher moderna em Belém, já não mais limitada à simples sustentação da elegância, mas repensando a própria complexidade da escolha de determinada aparência em sociedade. O traje, assim como outros elementos que compõem o conjunto indumentário, assume um caráter distintor e por que não dizer emancipacionista, para essas mulheres da elite de Belém.

A *Semana* de 01 de novembro de 1924 tratou de delinear algumas dessas mulheres que apresentavam destaque na alta sociedade de Belém. Com o título “*No Reinado da Elegância*” o magazine apresentaria as “notáveis” freqüentadoras de uma festa do Dr. Osvaldo, figura expoente da elite de Belém, na descrição da revista. Estavam lá “Dlles. Hermengarda e Cléa Mamede, que souberam conquistar uma onda elevada de admiradores”.

---

mesma e da elevação do seu padrão de vida ao da que estava acima, ou pelo menos nessa direção”. Sendo assim podemos entender que os critérios estabelecidos para que esses membros se reconhecessem como partícipes da mesma classe se alteraram sensivelmente no século XIX e se infiltram no século XX. Era ordenado um “padrão de vida alto e um grau bem elevado de segurança”. Na medida em que se estabeleciam os padrões de elite no século XIX “grupos burgueses enfatizavam cada vez mais sua auto-imagem especificamente burguesa”. Ora, “dependendo da situação específica” de cada membro dessa elite, “contrastavam o trabalho com a indolência aristocrática, a natureza com a etiqueta, o cultivo da cultura e da moral com o das boas maneiras e da boa conversa”. As variações nos trajes e as normatizações da moda nas primeiras décadas do século XX em que se cultivavam também as boas maneiras e etiquetas burguesas são reflexos desse processo. A esse respeito, ver mais detidamente:<sup>65</sup> ELIAS, Norbert. *Restrições crescentes à classe alta: pressões crescentes a partir de baixo*. Cit., p. 248-262.

<sup>66</sup>A *Palavra*. “*Os desgostos de uma vaidosa*”, 20 de março de 1919, p. 1.

Também estavam “Veneranda e Lima Leal, ornamentos finíssimos de elite de Belém”. As insinuantes “Dlles. Alba e Hilda Bezerra” e “Mlle. Alice de Castro Vianna, que estava magnífica naquele vestido branco”. Concluía dizendo que “houve grande alegria, indivisível entusiasmado e *flirts* deleitantes”.<sup>67</sup> Diante deste exemplo da d’A *Semana* podemos sugerir conforme já apontamos antes que a crise econômica não modificara por completo esses eventos festivos em que as mulheres da elite primavam por sua aparência, e em que muitas vezes expressavam seus desejos de mudanças a partir da roupa e do corte do cabelo. E o campo das aparências se mostrava prodigioso, para isto. “É do século”<sup>68</sup> como sublinhava “Mister Kodak”, cronista criativo d’A *Semana* também em 1924.

Porém não nos precipitemos em dizer que essas mulheres ligadas às classes mais abastadas seriam movidas pela moda ou pelos modos de um tempo num sistema social desarticulado dos homens. De fato, a independência econômica dessa mesma mulher não foi um fenômeno consolidado na década de 1920, e sem dúvida a aparência construída por muitas modernas senhoras e senhoritas ainda era atrelada ao poder aquisitivo de seus pais e maridos, dos quais dependiam financeiramente. Oportuna a lembrança do texto “*Trajo de mulher e prosperidade do marido*” de Gilberto Freyre. Nele o autor argumenta que o “modo de as mulheres casadas se apresentarem em público constitui um dos meios dos seus maridos se afirmarem prósperos” ou “bem situados”. Também enfatiza a necessidade de variação dos “vestidos de esposas ou de filhas” de “menos a mais exuberantemente caros, e adornados como expressão”, tudo isso “quer de constância de *status* alto de maridos e pais, quer como expressão de aumento de prosperidade ou de ascensões socioeconômicas ou políticas ou na ocupação de cargos ilustres dos mesmos maridos e ou pais.”<sup>69</sup>

Levando em conta as reflexões de Gilberto Freyre e os diversos imperativos que organizam e limitam as possibilidades de consumo, observados nas fontes em Belém no transcorrer da década de 1920, entendemos o caráter indispensável à aparência distintiva em tempos de crise econômica. A moda usada pelas mulheres da elite oferecia possibilidades de realçar suas posições sociais, além da manutenção das aparências alicerçada na adoção de novos estilos, num constante jogo de diferenciação com outros grupos. Outro dado

---

<sup>67</sup> LAERCIO. *A Semana. No Reinado da Elegância “A Festa do Dr. Osvaldo”*, 01 de novembro de 1924, página não identificada.

<sup>68</sup> KODAK, Mister. *A Semana. A Vida Fútil. Palavras... Sorrisos... Olhares...*, 01 de março de 1924, página não identificada.

<sup>69</sup> FREYRE, Gilberto. *Modos de Homens & Modas de Mulher. Cit.*, p. 53-54.

importante, que merecerá maior atenção ainda neste trabalho, é a variedade de opções disponíveis no comércio de moda. Os periódicos consultados durante a pesquisa revelam não somente esta variação de elementos da moda, assim como novas estratégias de propagandas desses produtos em tempos de crise financeira.

O negócio das roupas, emblema do comércio da moda, era importante para os anunciantes, assim como para os ditos observadores morais, pois acabava representando um campo incontrolável de mudanças nos comportamentos e nas aparências. Um conto *d'A Semana* em março de 1924, intitulado “*saias curtas*” assinado de maneira engenhosa por Júlio Dantas nos permite algumas considerações. O articulista inicia o texto dizendo que “ontem, no chá de Mme. Rachel B. [...] falou-se com animação, quase com nervosismo, da luta entre as saias compridas e as saias curtas.” Dantas tratou de lembrar os ensinamentos do “grande mestre” Souza Martins, um médico renomado, “que costumava dizer que a ‘toilette’ feminina sobre uma página de jornal de modas” corresponderia a “um tratado de ginecologia”.<sup>70</sup>

Segundo o articulista, que apontava outros caminhos e perspectivas para o cotidiano feminino “as saias não se harmonizam com as exigências da vida contemporânea”. De fato, conforme apontava o autor “uma saia que arrasta, uma cauda que se prende é incompatível com o espírito prático da mulher” nos anos de 1920, que diante de tantas atividades cotidianas era comparada a um “desembaraço um pouco masculino”. O registro também fazia referência às filhas que não poderiam usar as caudas de suas mães [...] e nem poderia “compreender-se que os vestidos varram as poeiras das ruas” como “das nossas olímpicas avós” que “varria ainda ontem as alamedas douradas do passeio público”. Diante disso o articulista enfatizava que todas estas eram “excelentes razões para que não se usem as saias compridas; mas nada disto justifica, de modo algum, que elas se usem pelo joelho”. O tom do conto mudaria ao dizer que “a moda das saias excessivamente curtas obedece já às considerações de outra ordem, e os motivos de preferência que tem concedido as mulheres, aqui como em toda parte, não são confessáveis.”<sup>71</sup>

Embora o articulista, parecesse aceitar alguma mudanças na vida das mulheres, seu olhar em relação a estas não deixava de ser preconceituoso na medida que a considerava

---

<sup>70</sup> DANTAS, Júlio. *A Semana. Os contos d'A Semana “Saias Curtas”*, 29 de março de 1924, página não identificada.

<sup>71</sup> *Ibid.*

que a idade, a aparência, eram elementos que deveriam ser pensados na hora da escolha do comprimento das saias. Desse modo, se questionava:

“Dizem elas que a saia curta as faz mais novas. Isto, até certo ponto, é assim; rejuvenesce as na linha, no movimento, na figura; mas compromete as quando já passaram a zona equatorial dos trinta a quarenta anos, torna mais evidente a fadiga de sua beleza e a falta de frescura de sua pele. Dizem elas, também, que a saia curta, revelando encantos que não há nenhuma razão para ocultar, as tornam mais belas e mais desejadas [...]”.<sup>72</sup>

Em seguida e em tom de advertência o autor do conto dizia que “nada há, em amor, que tanto apeteça como aquilo que muito se esconde”. Nesta parte do conto o autor não soube precisar bem a autoria do último pensamento, porém arremata dizendo: “se não foi ele, sou eu. A verdade é que o habito da nudez está estragando todas as delicadas emoções que nos podia dar uma mulher.”

Na última parte da “historieta” o autor se reporta ao “respeito supersticioso que em nós produzia a ‘grande dama’, a ‘senhora’, na mais nobre acepção da palavra” e que há tempos desaparecera “diante de uma criatura de pernas a mostra, seja ela a mais virtuosa mulher do mundo”. Para o autor, diante das mudanças praticadas por muitas mulheres em relação a roupas usadas por estas era “impossível o sentimento de veneração – um pouco antigo, mas enternecedor! – que inspiravam ainda ontem as nossas graciosas mamães”. Em suas últimas linhas informa que ao tomar a liberdade de levantar “para pousar sobre uma credencia” a sua xícara de chá [...] “a encantadora Mme. Rachel passou junto” dele, sorriu e disse, “em voz baixa, num prometedor clarão de seus olhos negros: Hipócrita!”<sup>73</sup>

O documento reflete claramente a tensão que se manifestava a partir da adoção de uma nova aparência feminina em Belém. Entre a etiqueta e a liberdade; entre a extravagância e a restrição, algumas mulheres no campo das aparências, dessa elite em transformação, articulavam necessidades a gostos de modas nem sempre bem aceitas, a fim de demarcarem uma posição social.

---

<sup>72</sup> *Ibid.*

<sup>73</sup> *Ibid.*

Como em todas as relações sociais, existem muitas situações intermediárias que mereceriam análises detidas. Para melhor entender a lógica da produção e distribuição da moda, seria exigido que acompanhássemos todas as etapas dessa indústria. Reconhecemos que nossas fontes não permitem tal análise geral, mas podemos analisar comparativamente as propagandas do setor de moda nas primeiras décadas do século XX. É o que faremos a seguir.

#### 4. ANÚNCIOS DE MODA: CONVITE AO CONSUMO

“As famílias paraenses não devem passar pela Rua Conselheiro João Alfredo sem entrar na Perfumaria Oriental. Ali se encontram os objetos mais bizarros para a *toilette* das senhoras. A exposição de essências, de leques, de águas, de alfinetes, de pequenas coisas trabalhadas especialmente para enfeitar a mulher e dar-lhe vida, graça e elegância fazem o grande segredo da linda casa a que nos reportamos. Acresce ainda a circunstância, muito para salientar, das famílias naquela casa a delicadeza dos empregados, a cuja frente se encontra a gentileza do Xavier, o seu distinto proprietário”.<sup>74</sup>

Corria o ano de 1915, o jornal *A Tarde* veiculava este anúncio da “Perfumaria Oriental” dentre notas, como os preparativos da comemoração do “Tricentenário da fundação de Belém”, “Festas e Saraus”, “Teatros e Cinemas”, “Concertos”, “Notícias de Viagens” dentre outras seções costumeiras na folha. O quadro de normalidade passaria para nós despercebido, se não fosse um detalhe, estamos nos referindo a um dos primeiros anos de queda na euforia em relação à econômica do látex. Acompanhando este contexto, procuraremos melhor observar as flutuações de maior ou menor apelo propagandístico nos anúncios de moda no geral, veiculados entre 1915 e os finais da década de 1920.

A relação entre o mercado e o sistema de consumo é resultado do comportamento orçamentário e social dos consumidores.<sup>75</sup> Maria Rúbia Sant’Anna, neste sentido científica

---

<sup>74</sup> *A Tarde*. Anúncio veiculado a “*Vida Social*”, 01 de dezembro de 1915, p. 2.

<sup>75</sup> “Muitas mudanças em um curto espaço de tempo. Esse foi o mote do século 20 no Brasil, que assistiu ao repentino avanço do capitalismo, da urbanização e da industrialização. Em todas as áreas, até mesmo na política e na sociocultural, a sucessão dos acontecimentos se deu em uma velocidade espantosa, o que também acabou

que “a história do consumo não se finda na evocação do desejo. Quanto mais se desencaixa a relação do comprador com o objeto da compra, mais subliminar fica a relação entre eles e disso decorre que o desejo é superado, agora pelo querer”.<sup>76</sup> Interpretando um cotidiano do consumo capturado nos anúncios arrolados da documentação da pesquisa, apreendemos sinais de uma organização e/ou reorganização da propaganda de moda numa Belém em processo de descapitalização. Para esta análise de anúncios e consumo procuramos balizar nosso recorte temporal em aproximadamente quatorze anos (1915 -1928). Esta escolha temporal foi açodada levando em consideração os seguintes critérios: expressões contidas nos anúncios, formas de apresentação dos produtos, veiculação de preços dos produtos e estratégias promocionais veiculadas também nos anúncios.

No que se refere às expressões contidas nos anúncios e recuando propositadamente alguns anos percebemos algumas flutuações significatórias, fundamentais para entendermos o recorte aqui proposto. Termos ligados a idéia de “elegância” ou ser “chique” tinham maior destaque na parte dos anúncios veiculados no início do século, ainda em tempos de ebulição econômica proveniente da goma elástica na Amazônia. Como no exemplo do anúncio na *Folha do Norte* em 1901 da “Casa de Maria J. Avaert” que havia adquirido “uma grande popularidade em Belém pela elegância e o chique parisiense que sabe imprimir [...] seu atelier de modas, acaba de inaugurar uma coleção de calçados franceses para homens e senhoras [...]”. Destaque também para expressões como “solidez” e “elegância a modicidade dos preços”. Terminava dizendo que “A Casa de Maria J. Avaert que não polpa sacrifícios para satisfazer a sua numerosa freguesia pede ao responsável público a honra de visitar sua nova exposição de calçados e Rua 26 de setembro, número 5.”<sup>77</sup>

Outro detalhe nos anúncios de moda do início do século XX e mesmo nas últimas décadas do XIX era o de sempre adicionar o caráter de “importadora” para as casas e pontos comerciais. Não que isso fosse algo desconhecido dos consumidores, ou melhor dizendo *consumidoras*, mas a filiação de um produto de moda as cidades ditames como Paris e Londres, estava implicada na própria idéia de *Belle-Époque* e isto certamente se refletia nas

---

gerando um ambiente muito dinâmico para as relações de consumo”. Sobre isso ver: VOLPI, Alexandre. *A história do consumo no Brasil: do mercantilismo a era do foco no cliente*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007, p. 75 seq.

<sup>76</sup> SANT’ANNA, Mara Rúbia. *Cit.*, p. 55.

<sup>77</sup> *Folha do Norte*. Anúncio “Crônica Elegante”, 04 de janeiro de 1901, p. 2.



dinâmicas e aceleração do consumo desses produtos.<sup>78</sup> A veiculação de preços dos produtos de moda; assim como as estratégias promocionais do tipo “*Últimos dias de liquidação*” ou “*Aviso importante [...] Grandes abatimentos por compras maiores - Aproveitem excelentíssimas famílias - Todos Au Petit Paris*”<sup>79</sup> veiculados nos anúncios, apresentam menos assiduidade no intervalo de 1892 a 1904<sup>80</sup> ou quando aparecem apresentam um caráter que consideramos, com ressalvas, mais ilustrativo; não que isso anulasse o papel primordial das propagandas, que era o de vender os produtos. Ainda rastreando as promoções contidas dos anúncios do início do século XX, notamos a presença de pequenos enxertos textuais que buscavam justificar a presença da promoção de vendas. Foi o caso, por exemplo, da *Folha do Norte* de 13 de janeiro de 1904. Dizia o anúncio que “por motivo de doença o proprietário da loja Albert quer acabar em poucos dias o enorme stock de mercadorias existentes em sua loja, por preços a vontade do comprador [...]”<sup>81</sup>

Embora não seja o objetivo aqui um estudo minucioso da história da propaganda no Brasil e no Pará, vale à pena destacar alguns aspectos. Primeiramente, os anúncios permitem delinear com alguma clareza os movimentos da economia e do mercado em tempos históricos distintos. Outro, os “reclames” até meados do século XIX “limitavam-se a informar a disponibilidade de bens e serviços”, supostamente não tendo tanta “preocupação em atrair a atenção dos leitores”. Somente no final do século XIX, após o fortalecimento de uma classe mercantil, que a “concorrência impulsionou a modernização de práticas comerciais, exigindo a elaboração de peças publicitárias mais ousadas”<sup>82</sup>

Dito isto, voltemos ao recorte de tempo proposto. Primeiramente entre 1915 e 1920. O vestuário é sem dúvida, um dos itens mais caros a ser adquiridos pelas nossas consumidoras, pois sendo ao mesmo tempo durável e obsoleto, precisam ser constantemente

<sup>78</sup> Para a historiadora Maria de Nazaré Sarges “nos jornais da época era diário os anúncios de artigos importados da Europa a serem vendidos em lojas, armazéns e leilões [...]”. Argumenta também que a cidade de Belém entre 1904 e 1906 devido à alta exportação da borracha se tornou o “maior centro cosmopolita da região” e um “verdadeiro centro de consumo”. A esse respeito, ver: SARGES, Maria de Nazaré (B). *Cit.*, p. 158-160.

<sup>79</sup> *Folha do Norte*. Anúncios “*Casa Jacques Levy*” e “*Petit Paris*”, 31 de janeiro de 1904, p. 2.

<sup>80</sup> Foram consultados anúncios sobre moda e seus adjetivos veiculados na *Folha do Norte* (1900, 1901, 1902, 1903, 1904); *A República* (1825); *Democrata* (1895); *Correio Paraense* (1892); *A Pátria Paraense* (1894); *Diário de Notícias* (1892); *A Província do Pará* (1892 e 1900).

<sup>81</sup> *Folha do Norte*. Anúncio “*Petit Paris*”, 31 de janeiro de 1904, p. 2.

<sup>82</sup> Segundo Gilmar Santos em “1875, surgiram os primeiros anúncios ilustrados e, em 1896, o primeiro anúncio em duas cores.” A esse respeito e outros ligados a história da propaganda, ver: SANTOS, Gilmar. *Como tudo começou?* In: *Princípios da publicidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p. 31-41.

substituído, por razões distintas (objetivos desse estudo). Usemos alguns exemplos a fim de destacar os diferentes elementos do sistema social do consumo.<sup>83</sup> Dentre vários anúncios veiculados n'A *Tarde* de 06 de outubro de 1915 destacamos o da “*Perfumaria Oriental*”. Em seu texto apresenta a loja como “Empório da Elegância – Importadora de tudo que respeita a sua especialidade. Constante depósito de cutelaria fina. Artigos para presentes, de fantasia, luxo e bom gosto. Objetos de decoração, adorno e toilette”. Em seguida traz em destaque o nome dos proprietários “Silva, Mello & C.”, além do endereço na “Rua Conselheiro João Alfredo, 81” e outros incisos menores na parte final do anúncio.<sup>84</sup>

Outro exemplo de anúncio em período está n'A *Palavra* de 27 de setembro de 1917. Iniciava com as seguintes perquirições: “Novidade em fazendas da moda? Artigos casa e mesa? Roupas brancas e meias para Senhoras? Espartilhos?”. Em seguida sugeria que somente na “n'A *Parisiense* encontrareis grandes sortimentos desses artigos e de todos os que constituem a especialidade de uma Casa de Modas”. Dizia também que visitassem “A *Parisiense* que atualmente é a casa preferida da família paraense. Rua Santo Antonio, número 1; Telefone 849”.<sup>85</sup>

Um quanto o outro refletem características dos produtos de moda e também as predileções de quem os consumiam. No anúncio d'A *Tarde* assim como no d'A *Palavra* nota-se a idéia de “elegância”, “luxo” e “bom gosto” conduzido pelo adjetivo de “especialidade” de uma espaço que comercializava produtos de moda. Os anúncios refletem também a constituição dos guarda-roupas adaptados a circunstâncias específicas e que revelam os desejos das mulheres da elite em acompanhar a moda tanto nas peças essenciais quanto nos acessórios. Consideramos estes exemplos d'A *Tarde* e d'A *Palavra*, pertencentes a um conjunto de “reclames” ainda ressoantes dos ideários da *Belle-Époque* e de certa forma passivos a crise econômica anunciada, desde a queda das exportações do látex.

Porém, façamos uma breve reflexão sobre o grau de importância e de valores da moda masculina em relação à feminina. Vale dizer que esta pausa reflexiva foi deliberada a partir da mesma folha A *Palavra* em 23 de setembro de 1917 que trazia em seu interior um

---

<sup>83</sup> *História das Coisas Banais – Nascimento do Consumo (séc. XVII – XIX)* de Daniel Roche analisa e diferencia os sentidos do *consumo comum* e *consumo de luxo*, usando como pano de fundo a formação da classe burguesa de consumidores. Em seus diversos diálogos com teóricos do século XVIII, por exemplo, acaba por entender que o “luxo não era apenas uma idéia, era uma experiência concreta de desigualdade”. A esse respeito, ver: ROCHE, Daniel. *Cit.*, p. 81-111.

<sup>84</sup> *A Tarde. Anúncio interno*, 06 de outubro de 1915, p. 2.

<sup>85</sup> *A Palavra. Anúncio interno*, 27 de setembro de 1917, p. 1.

anúncio iniciado em letras garrafais: “Verdadeira Liquidação de camisas, ceroulas, colarinhos, punhos e roupas feitas de casimira e linhos. Saldos de Balanço. Camisaria *ao ganha pouco*.”<sup>86</sup> Percebemos primeiro uma grau significativo de discrepância entre os anúncios direcionados ao público feminino e ao masculino. O sentido de “verdadeira liquidação” e o próprio tratamento, diríamos simplista, da arte do anúncio, assim como aos produtos direcionados para os homens acaba por refletir duas hipóteses: em primeiro lugar, as mulheres da elite como já observamos na primeira parte deste trabalho, passavam a frequentar com mais assiduidade os espaços públicos (o comércio seria um destes espaços de sociabilidade), logo a própria relação dos comerciantes (anunciantes) se estreitava com essas possíveis consumidoras; já em segundo, os produtos anunciados na grande maioria, para as mulheres com possibilidades de aquisição contemplavam os sentidos para o consumo de artigos da dita modernidade.<sup>87</sup>

Prosseguindo nossas consultas nos periódicos, chagamos ao mês de setembro de 1919. Chamou-nos atenção a repetição dos anúncios do “*Bazar Paraense*” n’*A Palavra* (Figura 13). Iniciava dizendo que tudo era de “melhor qualidade pelo menor preço”. Eram anunciadas “roupas brancas para senhoras e meninas, fazendas pretas e artigos para luto. Vestidinhos e fatinhos para crianças. Fazendas modernas, lençóis, fronhas, colchas, tapetes, cortinados.” Além de “panos para mesas e guardanapos”. Completava com a idéia de “Novidades Parisienses no Bazar Paraense, na Rua João Alfredo, número 33.”<sup>88</sup> Percebemos que o anúncio reflete não somente a constituição do guarda-roupa, mas de outros artigos pertencentes ao enxoval do cotidiano. Artigos para a casa eram veiculados, roupas para crianças, panos de mesa entre outros. Porém duas situações demandam atenção: primeiramente, a idéia de “menor preço” veiculada no anúncio. Vale dizer que já não era novidade encontrar entre 1918 e os primeiros anos de 1920 frases de maior apelo nos anúncios de moda nos jornais verificados. Algumas propagandas eram de certa forma, neste período, mais econômicas nos textos, com destaque geralmente para as chamadas de “promoção”, “queima de estoque”, “liquidação” entre outras mais.

---

<sup>86</sup> *A Palavra. Anúncio interno*, 23 de setembro de 1917, p. 3.

<sup>87</sup> A título de exemplo do que estamos discutindo nesta parte, ver mais detalhadamente o capítulo “*A moda com verniz de modernidade*”. In: BONADIO, Maria Claudia. *Moda e sociabilidade: mulheres e consumo na São Paulo dos anos 1920*. Cit., p. 131-152;

<sup>88</sup> *A Palavra. Anúncio interno*, 04 de setembro de 1919 p. 3.

O ideário de modernidade se mistura com o próprio sentido do anúncio,<sup>89</sup> ao serem veiculados adjetivos como “qualidade” dos produtos; a diversidade desses mesmos produtos e a forma de apresentação dos artigos como sendo “modernos” e “novos”. Tomando esses últimos dados como referência, Maluf e Mott estudando São Paulo no mesmo período, dizem que esses “bens de consumo” veiculados muitas vezes nos periódicos “beneficiaram apenas uma parcela da população, composta daqueles que podiam pagar e aqueles que se decidiram pela novidade, já que a relação dos consumidores como o novo não foi automática e nem sem conflitos”.<sup>90</sup>

Não nos antecipemos, porém, em afirmar que este formato de anúncio passava a concorrer nos periódicos somente no limar da década de 1920 em Belém. Os apelos nas propagandas se moldavam algum tempo antes. Foi o que encontramos n’*A Penna* de 14 de julho de 1914. Trata-se de um anúncio da “*Casa Amazonas*”. Tomava a página inteira do *magazine* só para informar que a “*Casa Amazonas* está liquidando blusas, saias, fatinhos, vestidinhos, rendas e bordados” e reiterava a promoção ao frisar “Tudo Barato” na “Rua Conselheiro João Alfredo, número 40”.<sup>91</sup> A análise desses anúncios revela assim, decisões ditadas pela própria conjectura econômica da época. A aceitação e o consumo efetivo a partir desses anúncios também eram ditados pelas oscilantes possibilidades orçamentárias e pelo caráter das circunstâncias que motivavam os usos dessas modas.

Os anúncios de moda na década de 1920, parecem ganhar destaque nas páginas dos jornais e revistas. Nesse sentido eram veiculados grandes anúncios, às vezes de meia página, reservada para uma única loja de moda, como no caso da “*Casa Guerra*” que apresentava grandes propagandas nos meses de setembro e outubro, período da “*Quadra Nazarena*”. Esses espaços de propaganda se misturavam entre outras notícias, como por exemplo, receitas, poesias, contos, fatos sociais e política. Os próprios periódicos se



Figura 13 (Anúncio Bazar Paraense, 04 de setembro de 1919, Belém, Fonte: Jornais Centur)

<sup>89</sup> A esse respeito, ver: ORTIZ, Renato. *Cultura e Mercado; Luxo e Consumo*. In: *Cultura e Modernidade – A França no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 63-188.

<sup>90</sup> MALUF, Marina & MOTT, Maria Lúcia. *Recônditos do mundo feminino*. Cit., p. 403.

<sup>91</sup> *A Penna*, 14 de julho de 1914, Cit., página não identificada.

apresentavam como excelentes divulgadores de produtos e serviços. Nas páginas internas da revista *A Semana* era possível encontrar sua própria auto-propaganda: “Um anúncio sabido nas páginas d’*A Semana*, é real vitória para quem o faz - Travessa 7 de setembro, 33- Pará.”<sup>92</sup> A atenção também se estendia para seus fiéis leitores: “Toda a senhorinha elegante, toda a senhora caprichosa, todo o cavalheiro de gosto. Não passa os sábados sem comprar *A Semana* por ser a revista, da escol paraense. Travessa 7 de setembro, 33.”<sup>93</sup>

Mesmo com os transtornos da crise da borracha, é possível perceber na capital do Pará, a partir de periódicos noticiosos uma nova diversidade do consumo. Esses registros já da década de 1920 nos abrem possibilidades de avaliar aspectos da reconstrução e administração dos anúncios ligados a moda. Com relação às modas de mulher os anúncios também ressoavam sobre artigos e produtos nacionais de maquiagem, já que os cuidados com a pele e a higiene corporal estavam também ligados com saúde e beleza, e isto ganhava cada vez mais espaço nas páginas dos periódicos. Exemplo do que estamos falando era o anúncio do pó de arroz “*Trian*” veiculado nas páginas d’*A Semana* em 22 de novembro de 1922. Em tom de inquirição começava o anúncio: “A senhorita já usou o *Trian*? Experimente-o e não usará outro pó de arroz. O *Trian* é para a mulher o que o orvalho é para a flor: lhe da beleza, perfume, encanto, sedução”. Em seguida argumentava que “a fórmula do *Trian*, pó de arroz da elite, foi extraída do livro *Minhas Memórias* de Cleo de Merode.” Na última parte esclarecia que “o pó de arroz *Trian* é fabricado no Rio de Janeiro e acha-se a venda em todas as boas perfumarias, farmácias e armarinhos deste e de outros bairros”.<sup>94</sup>

Em 06 de novembro de 1926 *A Semana* apresentava outro anúncio que também utilizava a inquirição já nas primeiras linhas, mas dessa vez tratando da idéia de beleza. Seria o da “*Sapataria Leite*”. Assim dizia: “Por onde começa a beleza? Não é pelos olhos... Disse Gloria Swanson, a estrela do cinema que absorve os olhares da multidão. A beleza da mulher moderna consiste, é um segredo de arte”. Isto “porque toda mulher começa a seduzir pelos pés, quando tem a felicidade de saber escolher a casa para comprar os seus calçados. O calçado de hoje é um *Talismã* do amor”. O anunciante conclamava assim as “lindas meninas da cidade de S. Maria de Belém” a comprarem “seus sapatos, na sapataria Leite, a única casa

---

<sup>92</sup> *A Semana. Anúncio interno*, 21 de janeiro de 1922, página não identificada.

<sup>93</sup> *A Semana. Anúncio interno*, 15 de abril de 1922, página não identificada.

<sup>94</sup> *A Semana. Anúncio interno*, 22 de novembro 1924, página não identificada.

que se orgulha de possuir as melhores prendas de arte para homens e mulheres e crianças, porque tem sempre um grande *stock* das soberanas marcas”.<sup>95</sup>

Os anúncios também trataram de entoar as predileções em relação aos chapéus. A *Semana* de 25 de maio de 1927 destacaria a “*Maison Bataclan*”. Propagava a loja como “a preferida pelas elegantes de Belém”, além de informar que esta “acaba de receber um grande e variado sortimento de belíssimos chapéus para senhoras, destacando-se entre eles o modelo Lucy que na capital da República obteve a melhor aceitação”. Informava também que lá (na *Maison Bataclan*) se executava “com perfeição qualquer figurino”. Arrematava seu texto dizendo que “a jovem que usar o modelo Lucy tem casamento certo”. Por fim: “Visitem a *Bataclan*, a Rua Paes de Carvalho, número 1 – A Mme. Martha e Mlle. Beatriz receberão com alegria a visita de nossas bonecas.”<sup>96</sup>

É interessante observar através desses anúncios quais elementos ligados à moda vinham sendo substituídos pelas mulheres consumidoras e com que frequência. O consumo de roupas e outros itens que compõem a aparência da mulher moderna, por mais desaceleração que fosse imposta pela crise econômica nos anos de 1920, continuava constante ou em ascensão. Os documentos além de ilustrarem um cenário de consumo, também deixam pistas para entendermos as práticas efetivas de aquisição de bens ligados ao universo da moda e de como estas “extravagâncias de ostentação” se mantinham como essenciais para a vida ativa das mulheres da elite em Belém.

## 5. FAZENDAS E MIUDEZAS: A MATERIALIDADE DAS MODAS FEMININAS

“Com a chegada dos belos dias de sol e de calor, fizeram a sua aparição em Paris os vestidos em *tussor*, *batiste*, *zefhir*, *linon*, *mousseline*, *foulard*, *crepon georgette*, que é quase transparente e toda a espécie de tecidos leves e vaporosos entre os quais se fazem notar a *gaze* e a *gabardine*, bem como o *voile*, a renda e o *tulle* grego, aplicados transparente de *faille* muito fina, mas bem retesada pelo preparado da goma, a fim de provocar o *frou-frou* ou o *ranger* da seda com o

---

<sup>95</sup> *A Semana*. Anúncio interno, 06 de novembro de 1926, página não identificada.

<sup>96</sup> *A Semana*. Anúncio interno, 25 de maio de 1927, página não identificada.

movimento da marcha. É isto o que nos dizem e provam os últimos figurinos.”<sup>97</sup>

Como se vestiam as senhoras de Belém nas três primeiras décadas do século XX? Que *fazendas* usavam para compor seus *trajos*? “Aconselhadas por modelos franceses”<sup>98</sup>, talvez fosse o que responderia Gilberto Freyre. Partindo disso, entendemos, mais ainda, que não seria mera casualidade, o fato da revista *Ephemeris* em agosto de 1916, circular em Belém anunciando os tipos de tecidos a serem usados nos figurinos na nova estação. Esta permanente filiação no século XX a Europa das “modas brasileiras de mulher” nos remete ao século XIX e ao que assinala Freyre, como reorientação “de gostos brasileiros no setor do traje”. O autor assevera que foi no processo de “reeuropeização” no século XIX que as famílias brasileiras se aproximaram ainda mais da cultura francesa, estendendo do “setor de vestidos e de tecidos para o de adornos, o de perfumes e, posteriormente, o de doces ou bombons”.<sup>99</sup>

Essas “influências europeizantes” de que fala Gilberto Freyre atravessaram as fronteiras do século XIX ao XX, constituindo também um pouco da chamada *Belle-Époque* na Amazônia e podem ser notadas em nosso *corpus* documental. Voltando-nos para melhor observar o editorial da revista *Ephemeris* percebemos a referência a Paris como ainda um modelos de tendências de moda feminina a serem seguidas. “É isto o que nos dizem e provam os últimos figurinos” vindos de Paris informava o documento.<sup>100</sup> Os tecidos e seus usos também chamam atenção na fonte, pois abrem caminhos para que possamos melhor entender a materialidade,<sup>101</sup> texturas, cores e os sentidos atribuídos para os objetos da moda,

<sup>97</sup> *Ephemeris. O mês elegante: A moda*. Volume I, agosto de 1916, página não identificada.

<sup>98</sup> FREYRE, Gilberto. *Cit.*, p. 110.

<sup>99</sup> FREYRE, Gilberto. *Volta ao assunto: a França e modas brasileiras de mulher*. *Cit.*, p. 217.

<sup>100</sup> *Ephemeris. O mês elegante: A moda*. Volume I, agosto de 1916, página não identificada.

<sup>101</sup> Vários historiadores passaram a tecer a história do passado a partir da idéia de cultura material e signos matéris. Seja como for a definição, estes estudos ajudam o historiador a interpretar como os objetos, os utensílios, as roupas para citar apenas alguns *objetos* que constituem cultura material, interferem e estabelecem interlocuções no campo do simbólico com seus *usuários*. Estudar e historiar as *coisas* que cercam, embalam e especificamente que *vestem* as relações sociais exige do historiador perspicaz grau interpretativo para construir cenas históricas da realidade fragmentada na documentação. Trabalhar com o conceito Cultura Material suscita preocupação com elementos comuns que estariam presentes em todas as manifestações sociais e materiais de um determinado período (econômico, material, político, ideológico, imaginário). Apoiando-se nessa perspectiva Ulpiano T. Bezerra de Meneses diz que a biografia dos objetos introduz novo problema: a biografia das pessoas nos objetos. Para Pesez “materialidade supõe que, no momento em que a cultura se exprime de maneira abstrata,

constitutivos do vestuário feminino nos primeiros decênios do século passado. Jean Baudrillard assevera em *O sistema dos objetos* a existência de uma “interface constituída entre o ambiente burguês, com seus objetos, cores, ambiências e materiais”, e a “moralidade e valores do início do século XIX, enfatizando que os objetos com todas as suas características são tanto expressão como construtores dos espaços, da temporalidade e conjuntamente dos sujeitos”.<sup>102</sup>

Tecidos como “*tussor, batiste, zefhir, linon, mousseline, foulard*” compunham, como outros ainda, o conjunto de “fazendas finas” para “vestidos de senhoras”. Enfatiza-se também a importância do “*crepon georgette*” dada sua quase transparência e elegância quando combinado a outros tecidos. O texto também sugeria usos de “toda a espécie de tecidos leves e vaporosos entre os quais se fazem notar a *gaze* e a *gabardine*, bem como o *voile*, a renda e o *tulle* grego”. Ao lado disso, uma roupa moderna também poderia ter aplicações de transparências de “*faïlle* muito fina” que quando bem “retesada pelo preparado da goma”, provocaria o “*frou-frou* ou um suposto “ranger da seda com o movimento da marcha”.<sup>103</sup> Os usos de tecidos mais leves e com permissíveis transparências nos permitem delinear certo grau de abolição dos excessos de tecidos e uma popularização dos trajes de corte mais simples. Nesse sentido foi observado também por Maria Claudia Bonadio, na sua pesquisa sobre as modas femininas no início do século XX, que o evento da Primeira Guerra Mundial provocaria importantes transformações na moda também no Brasil. Queremos considerar aqui de acordo com Bonadio o impacto do conflito com a “crise na produção e no comércio, além

---

a cultura material não está mais em questão”. Esta observação de Pesez clarifica no sentido teórico que a manifestação da cultura material é proveniente das próprias estruturas socioeconômicas e das relações sociais. A discussão de cultura material deverá freqüentar as ambiências do privado e do público, tentado interpretar como os objetos retirados do *guarda-roupa* revelam a história e implicam na própria dinâmica das famílias e da sociedade. Reiterando, como lembra Pesez “fica entendido de antemão que é nas relações sociais que se deve buscar a significação dos fatos materiais”. Pesez observa que o vestuário como uma expressão da cultura material se apresenta como um campo riquíssimo de informações, mas que merece atenção por que também funciona como exemplo dos riscos que as interpretações acerca de cultura material podem trazer. Segundo Pesez “o vestuário é o ponto de junção de influências extremamente variadas [...]. O perigo, aqui, é ir depressa demais no trabalho e designar, sem mais espera, um fator responsável pela evolução e pela mudança”. Estas questões nos levam a outra. A de interpretar a vida material dos sujeitos históricos levando em consideração a psicologia de seus objetos. A esse respeito, ver: PESEZ, Jean-Marie. *História da Cultura Material*. In: LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2005; MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público*. Cf. Artigo completo no site <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/238.pdf>

<sup>102</sup> BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2000 *apud* SANT’ANNA, Mara Rúbia. *Cit.*, p. 63.

<sup>103</sup> *Ephemeris*. *O mês elegante: A moda*. Volume I, agosto de 1916, página não identificada.



da já mencionada influência das mulheres européias, que tiveram que assumir diversas tarefas masculinas enquanto maridos, pais e filhos estavam no combate” o que incentivava a “abolição dos excessos de luxo e tecidos”.<sup>104</sup>

Nunca é demais reiterar nossa já discutida idéia que a aceitação dessas “novas regras” do vestir entre as mulheres de camadas mais ricas em Belém também se deve ao fato de serem caminhos possíveis no desenrolar dos processos de sociabilidade delas em Belém entre 1910 e os anos de 1920. Já dissemos que no campo da moda e do consumo, as mudanças nas primeiras décadas do século XX foram consideráveis e que as elites passaram a dispor vários formatos de lazer, incluindo o de ir as compras que passava a ser mais um momento de entretenimento. Lembremo-nos das lojas de tecidos, de modas, de novidades domésticas que se aglutinavam em importantes vias urbanas de Belém e que acenavam fortemente as consumidoras potenciais.

Ainda observando o texto da revista *Ephemeris*, destacamos no documento que “além dos tecidos já indicados, gozam ainda de grande voga o *nattine*, tecido sólido e muito bonito, o *tiko* um pouco felpudo e bastante flexível, a alpaca brilhante”. Como última descrição de tecidos a revista tratava da “*popeline*” e da “*faille*” e que “todos eles são empregados, sobretudo nos costumes *tailleur*”.<sup>105</sup> Ao detalharmos nossas fontes percebemos as possibilidades de melhor verificar os elementos constitutivos de um guarda-roupa ao longo do período proposto. As variações de peças, de tecidos, de objetos indumentários até mesmo das cores não nos passaram despercebidos. Sendo assim falemos um pouco sobre essas colorações nas modas femininas.

Muitos documentos, como jornais e revistas, no início do século XX se apresentavam em tons monocromáticos, reflexos da própria evolução e da historicidade dos meios impressos no Brasil.<sup>106</sup> No que toca ao nosso estudo esses limites cromáticos, presentes em grande parte da documentação levantada do período, desfralda outra questão para pensarmos a materialidade da moda: Que cores compõe a moda feminina nas primeiras décadas do século XX em Belém? “As cores da moda são: cinzento aço, rosa pálido, verde

---

<sup>104</sup> BONADIO, Maria Claudia. *Cit.*, p. 81.

<sup>105</sup> *Ephemeris. O mês elegante: A moda*. Volume I, agosto de 1916, página não identificada.

<sup>106</sup> Acerca da História da Imprensa, ver mais detidamente os trabalhos de Guimarães, Barbosa e Cruz. GUIMARÃES, Valéria. *Os dramas na cidade nos jornais de São Paulo na passagem para o século XX*. *Cit.*; BARBOSA, Marialva. *Imprensa e Poder*. *Cit.*; CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana 1890 / 1950*. *Cit.*

*myrtho*, pérola branco, azul real, café com leite e cereja, mas esta cor fugindo para o tom da cereja por amadurecer”<sup>107</sup> informava o mesmo editorial da *Ephemeris* de agosto de 1916. É obvio o caráter precipitado se buscássemos precisar essas cores sugeridas pela revista como as cores da moda em 1916 ou que eram cores da estação em Paris. No entanto, chamou-nos atenção a diversidade de cores proposta da *Ephemeris*, visto que a própria historicidade das cores revela que os tons nos trajos femininos apresentavam restrições cromáticas em tempos mais remotos ao século XX. Sobre isso, por exemplo, John Harvey assevera que roupa masculina perderia cores no século XIX, “deixando cor e brilho para as roupas de mulheres”.<sup>108</sup>

Também não escapa a atenção de Harvey o modo como o século XIX “usou as cores para diferenciar os sexos”, ficando “preto para os homens, branco para as mulheres”. Mesmo entendendo como uma das “severidades da época” o autor deixa entrever que estas transformações identitárias ligadas as cores desenvolveram-se no “período de expansão comercial e industrial”.<sup>109</sup> Sendo assim, parece-nos razoável supor que a adoção de diversas cores no vestuário feminino que se consolida no XX, estava interligado ao mesmo processo de emancipação feminina, assim como de pretensa sociabilidade. De uma maneira ou de outra, o fato de adoção das cores no vestuário feminino pode ser apreendido comumente em nossos testemunhos. As cores eram geralmente sugeridas para a *toilette* feminina, atestando a apreciação a vários tons, como por exemplo: “vestido cor de palha”, “vestido violeta”, “chapéu chantilly preto”, “tafetá malva-rosa”, “*tulle* negro”, “gaze branca”, “renda um pouco amarelada”<sup>110</sup> entre outros. Percebendo esta gama de cores e inovações nos vestuários femininos, parece-nos possível conjecturar que as mais abastadas consumidoras em Belém nos primeiros suspiros do século XX, tinham gostos por tecidos finos, por bordados temáticos ou com motivos até mesmo excêntricos, visto o pluralismo de tecidos em cores vivas e incomuns.

Outro aspecto nos vestidos femininos era em relação ao corte e algumas inovações nos modelos. Poderiam ser muitos os cuidados com a concepção do vestido que ilustraria a moda parisiense em Belém. Exemplo disso era a sugestão de uma “túnica de *buxelas* em

---

<sup>107</sup> *Ibid.*

<sup>108</sup> HARVEY, John. *Homens de preto e mulheres de branco*. *Cit.*, p. 251.

<sup>109</sup> *Id.*, p. 254.

<sup>110</sup> *Ephemeris*. *O mês elegante: A moda*. Volume I, agosto de 1916, página não identificada.

forma de casula reta que se veste pela cabeça e fica aberta em porta adiante com duas ou três pregazinhas nos ombros”. Tudo isso “sobre um vestido de *zephyro*, cor de palha, vaporoso como uma espuma”. Seria de “belo efeito”<sup>111</sup> conclamava o articulista da nota de moda. Sem dúvida as seguidoras destas modas as usavam no intuito de serem vistas e ganharem notoriedade. E não parava por aí. Dizia que “não é menos belo um cabeção de chantilly preto sobre um vestido de *crepón rayé* violeta, com saia de dois *volants*.” O editor do texto não deixava escapar nem mesmo uma preocupação com as inovações nos cortes e desenhos já usados ao dizer que: “Menos original, mas talvez mais bonito ainda, será uma *toilette* de tafetás malva-rosa com um volante em forma bastante alto e a pelerine de guipure preta” quanto ao resto da saia sugeriria um “corpo de *tulle* negro pregueado, aberto sobre um jaleco de gaze branca, guarnecido de renda um pouco amarelada.”<sup>112</sup>

Ainda foi sublinhado pela *Ephemeris* que “da roupa branca de *jersey* de seda estão banidos os enfeites a não serem os *volants* de *tulle*, pregueados, que vão logrando alguma aceitação, por gozarem da faculdade de serem laváveis”. Continuava dizendo que “muito em voga está o *crépe* da China, para a confecção de *dessous*, como também a cambraia” por ser “muito suave” e “muito leve”. Agora “para as camisas e para as calças, dispensam as modistas mais atenções guarnecendo-as com enfeites *mignons* como grupos de preguinhas, *volants* com aplicação *á jour* e pequenos *carrés* de *linon*, bordados a mão”. Falava-se também dos “*dessous*” e que “a parte interessante é a combinação a qual assenta perfeitamente sob os vestidos leves”. Estes mesmo vestidos deveriam apresentar “um aspecto todo vaporoso, desde que se os confeccionarem, como determinam os árbitros da elegância, com *tulle* ou *mousseline* de seda ou ainda com o *linon* transparente”<sup>113</sup>.

Também tinha uma resposta para os inconvenientes das *limpidez* nos vestidos, dizendo que para “corrigir a indiscrição das transparências sem prejudicar a vaporosidade que, nesse gênero de *toilette*, deve ser o característico, há o recurso do uso de varias peças muito finas”. Sendo assim avisava que “um vestido de *linon* ficará bem sobre um fundo de *mousseline* de seda e este sobre uma combinação de *surah* ou de gaze com *volants* de *tulle*”. Para o conselheiro de moda da *Ephemeris* “é digno de nota a mescla de *tulle* branco com o *linon* de cor que nos *volants* apresenta um lindo efeito”. Concluía suas muitas intervenções

---

<sup>111</sup> *Ibid.*

<sup>112</sup> *Ibid.*

<sup>113</sup> *Ibid.*

com a seguinte ressalva: “Por hoje é só leitor. Aguarde os nossos figurinos para neles respingarem tudo o que o espírito e o bom gosto das parisienses criarem”.<sup>114</sup>

Ora, não era de se estranhar as referências as criações francesas, como sugere o *relatório* de moda, porém não percamos de vista também as críticas, presentes também nos periódicos, que recaíam geralmente as que seguissem tais modas. Exemplo disso foi acurado, mesmo antes de 1916. Estava n’A *Tarde* de 04 de dezembro de 1915. Em extenso texto intitulado “*Estrela do mar*” dizia a folha vespertina que “o brasileiro sempre foi um povo dado aos hábitos franceses. Desde o chapéu das senhoras, importado de Paris, até o livro oriundo da casa Aillaud, que o comércio nacional, a moda, a literatura se ressentiam da civilização gaulesa”. Além disso, “os nossos processos evolutivos, a graça patricia, a elegância, tudo enfim que marcasse um estado” de ascensão “do progresso, assentavam, descalçavam-se em cópias francesas, emolduradas apenas por outro clima e por outro céu”. Argumentava também que “se tentássemos estereotipar essa usança com uma velha frase popular, escolheríamos aquela expressiva e *acatholicada* que diz: *A mesma procissão por outra rua*. Mas não percamos o fio”. Instruía aos leitores do vespertino: “Nada de divagações inúteis, quando se trata de práticas francesas; sem ilusão!” Também concordava que a “há bem pouco tempo a tendência patricia era seguir, imitar, copiar o que Paris fazia, o que Paris vestia, o que Paris pensava. A começar pelos figurinos”. “Agora, no entanto o caso é outro [...] é uma novidade [...] uma coisa adaptável nesta terra, onde até o bife que comemos é que nos come”,<sup>115</sup> terminava em tom de crítica o autor da crônica d’A *Tarde*.

Avançando mais no tempo, a *Belém Nova* de 15 de novembro de 1925 tratava de descrever que tecidos foram usados num suposto “trânsito maravilhoso dos vestidos”. Eram “crepes, fluer de soiré, *Iwill*, *skantune* chinês, cetim, *mopê* cristalina, *koulard drapê*, infinidades de sedas exóticas e modernas” confundiram-se entre perfumes e “echarpes em *voile* de orlas picotadas.”<sup>116</sup> O mesmo magazine, agora de 15 de setembro de 1927 trazia em tom de *aconselhamento* um interessante testemunho para entendermos que uma parcela das mulheres em Belém estava usando as modas modernas assim como as diretrizes (pensemos que contraditoriamente) das cidades ditames. O articulista dizia achar a “mulher paraense” bem vestida, “apenas lhe falta experiência para a escolha de *toilette*”, dizia ele. Argumentava

---

<sup>114</sup> *Ibid.*

<sup>115</sup> *A Tarde*. “*Estrela do mar*”, 04 de dezembro de 1915, p. 1.

<sup>116</sup> *Belém Nova*. 15 de novembro de 1925, página não identificada.

que “em Belém de manhã, à tarde ou a noite, vestem os mesmos vestidos de sedas luxuosas, isso é impróprio, sem *chic*, a paraense devia com preferência usar *voiles* leves e sutis”. Ao lado disso, falava-se do “linho que é grandemente elegante, a cambraia de linho e as rendas do norte, tecidos próprios para o nosso clima, sobretudo nossas manhãs de Belém, cheia de sol e calor”, concluía o articulista da *Belém Nova*.<sup>117</sup>

A pequena crônica também sublinhava que para “tarde e a noite, para o chá das cinco, na central, para as reuniões de elegância dos cinemas, então” caberia “os vestidos de seda”. Alertava o fato de que “em Belém se abusa demais das miçangas e dos canutilhos”. Por fim, não considerava adequados os passeios “nas manhãs do bosque ou do comércio usando bordados” extravagantes. Em sua opinião era “impróprio para rua” e “próprios para as situações como os bailes e “seduções”. Por fim e meio que se retratando junto às leitoras da *Belém Nova*, dizia que “entretanto, há nomes em Belém de perfeita elegância”.<sup>118</sup> Tais exemplos que, aliás, se acumulam nos magazines como *A Semana* e *Belém Nova*, nos esclarecem a cerca dos usos, critérios e ocasiões para exibição das *toilette* moderna, além dos muitos julgamentos dos responsáveis em construir opinião. Isso tudo ainda nos últimos suspiros da década de 1920.

Examinemos agora dois registros d’*A Semana* de abril de 1927. Propositadamente os deixamos por último nesta parte, procurando melhor documentar que mesmo após tantas mudanças de cortes, comprimentos, tecidos e cores (ainda assim) não faltavam vozes também reconsiderando “velhos” aspectos do vestuário feminino nos correr dos anos 20 em Belém. Assinando “*Cecy*”, a (o) suposta (o) cronista dizia que “a moda depois de ter proscrito, com severidade, as mangas e desnudado, até os ombros, os braços das mulheres, aparece agora, severa, exigindo das elegantes e melindrosas, verdadeiro sacrifício nesta época de calor” e “que escondam os braços sedutores”. Prosseguia dizendo que para se “andar na moda, a mulher *chic*, de hoje, deve usar mangas bem longas, cobrindo os braços até os pulsos”. Argumentava que “nos modelos [...] preconizados pelos modistas de Paris, essas mangas compridas dão um tom de graça singela e casta [...] ao vestuário feminino”. Sugeriu a “manga Médici” que devia ser “estreita no punho e larguíssima sobre o cotovelo”. Depois o (a) autor (a) evocava vários tipos de mangas, num exercício de, sem dúvida, persuasão para seus usos: “Manga de pala. Manga *evêque*, franzida no punho. Manga fofa em baixo, bordada. Manga

---

<sup>117</sup> *Belém Nova*. 15 de setembro de 1927, página não identificada.

<sup>118</sup> *Ibid.*

formada em diversos pedaços de cores e tecidos variados, mangas ajustadas ao braço, mangas com renda, etc. Os punhos são abotoados com botões, fivelas e fitas.”<sup>119</sup>

Ainda para atestar a discussão sobre, como diríamos hoje, um fenômeno *retrô* da moda, sendo que em 1927, observamos na mesma edição d’*A Semana* uma nota originalmente de março de 1927 (do Rio de Janeiro) onde eram indicados “veludos, chamalotes, *georgette*, *lamé*, para os vestidos de noite”. Já “para os vestidos de tarde, crepe, cetim, crepe *plat*, crepe Roma, [...] chamalotes, lãs”. No que se referia aos “vestidos simples e de esporte” recomendava “as lãs em xadrez, em riscas, em fantasias, flanela, Jersey, *voiles* em todos os gêneros, linhos brancos e em cores”. Alertava-se o que se deveria usar: “boleros reais ou simulados, *drapes* pregos e plissados, muitos plissados em todos os gêneros”. Voltava-se, a falar, conforme já apontamos anteriormente, acerca de preocupações com o comprimento das saias e vestidos das damas. Sobre os comprimentos das saias alertava-se, no texto, que podiam ser “um pouco mais longos, quando se trata de vestido de noite. Mais curtos para as mocinhas e as senhoras esguias”. Ao lado, disso refletia-se sobre o corpo feminino na medida que Cecy registrou que elegância muitas vezes não rimava com quem estava acima do peso dizendo que “senhoras gordas não devem usar saias curtas, que perdem muito na sua elegância”. Liberava “muitas linhas de propósitos de seda e *machina*”. Ao lado disso, lembrava-se o uso de “tiras horizontais de duas ou três cores, enfeitando os vestidos” e “bordados metálicos para a noite e de lã ou de seda para os vestidos de rua”. Por último autorizava “franjas e pendentos em quantidade. Cintos de seda, camurça, de couro e peiça.”

120

A materialidade da moda que estamos observando até agora apenas no setor do vestuário feminino, não se restringe exclusivamente aos vestidos, saias ou miçangas. É necessário acrescentar outros elementos que compõe o conjunto indumentário. Tomemos como ponto inicial, a própria indagação da revista *Ephemeris* de 1916, sobre a moda dos calçados femininos: “Que dizer dos sapatos?”. “Que eles continuam a ser de uma extrema elegância quando da mesma cor do vestido”, precisava o articulista da revista. Não esquecia das “fivelas de *strass* desapareceram dos sapatos”. Sugeriu-se também que em “vez de pedras brilhantes, os sapatos rasos levam pequenas fivelas recobertas do mesmo couro de que eles

<sup>119</sup> CECY. *A Semana. Garrotices “Do Rio – A moda e seus encantos”*, 23 de abril de 1927, página não identificada.

<sup>120</sup> CECY. *A Semana. Garrotices “Do Rio – A moda e seus encantos”*, 23 de abril de 1927, página não identificada.

são feitos” e “que os americanos” deveriam conter “grandes laços, feitos a mão e fita muito larga”.<sup>121</sup>

Outro adorno muito aludido em nossa documentação foi o chapéu, do qual já falamos algo anteriormente. Modelar, nesse sentido, é o exemplo registrado na *Belém Nova* de 15 de novembro de 1922. Dizia que ao se finalizar a “Festa de Nossa Senhora de Nazaré” eram muitos os trânsitos de chapéus. Eram de “forma, chapéus a toque, chapéu de *abandeau*, *comparadis*, *croses*, bordados, *tenerefi* a

Veneza, pontos de *montarcila*, valenciana *roçantes* tudo que a moda importa e fabrica”.<sup>122</sup> O suposto tom de normalidade empregado na *Belém Nova* de 1925, no entanto, merece alguns questionamentos. Melhor observando a própria historicidade do chapéu feminino, reconhecemos que ao nascer desse “novo tipo de mulher” que, segundo James Laver, procurava “ter a aparência de rapazes tanto quanto possível” os cabelos cacheados do início do século XX, dariam lugar a um corte mais curto que “evidenciada as linhas da cabeça”. Laver acrescenta que até mesmo as “mulheres mais velhas, se sentiram compelidas a aderir” ao corte “*la garçonne*”. Tudo isso por que para se usar tal chapéu “*cloche*”, que se “tornara universal”<sup>123</sup> deveriam elas abolir as longas madeixas de outrora.

O uso de chapéus como um importante adorno da moda feminina era assiduamente ressoado nos jornais em Belém nas primeiras décadas do século XX. A *Palavra* de 29 de setembro de 1918, por exemplo, estampava um grandioso anúncio da “*Casa Guerra*” cujo motivo principal da propaganda eram os chapéus. Figuras femininas usando diversos tipos de chapéus adornavam o layout do anúncio. Assim, a famosa “*Casa Guerra*” anunciava novidades em “formas para chapéus” e com “mais de 100 modelos novos”. Também ressoava aspectos direcionados as consumidoras, do tipo: “*Chic! Modernas! Elegantes*”<sup>124</sup> (Figura 14 ). Esse ser *chic* que o anúncio alude foi pensado por Gilberto Freyre como uma expressão de influência francesa “no setor de vestidos e adornos femininos” passando, segundo o autor, no



Figura 14 (Anúncio *Casa Guerra*, A *Palavra*, 29 de setembro de 1918, Belém, Fonte: Jornais Centur).

<sup>121</sup> *Ephemeris. O mês elegante: A moda*. Volume I, agosto de 1916, página não identificada.

<sup>122</sup> *Belém Nova*. 15 de novembro de 1925, página não identificada.

<sup>123</sup> LAVER, James. *Cit.*, 232-233.

<sup>124</sup> A *Palavra*. Anúncio “*Casa Guerra*”, 29 de setembro de 1918, p. 3.

“brasileiro e brasileira, o gosto por uma sobriedade que deixava, senão *rarissimamente*, que as senhoras trajassem de amarelo ou de cores vivas”.<sup>125</sup> A partir da reflexão de Freyre sobre “modas de mulher”, parece-nos razoável desconfiar assim do triunfo de uma moda refinada e *distintora*, o que não excluía grau de extravagância e mesmo originalidade, variedades de tecidos, adornos e incomuns cores.

---

<sup>125</sup> FREYRE, Gilberto. *Orientalismo em modas brasileiras*. Cit.; 214.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### VISTO, LOGO EXISTO: A IDÉIA DO VESTIR E SOCIABILIDADE

“As tinturas, os cosméticos, as loções matam depressa a beleza: é preciso bani-las, portanto; é preciso condenar o espartilho, ameaçando os seus fabricantes de prisão e multa, como fazia a polícia portuguesa do século XVIII, com as modistas que trabalhavam as modas impudentes para as senhoras daquela época [...] Uma mulher que se pinta não será nunca um ser verdadeiro e sincero: se muda de estado, leva para a sua nova casa o amor aos arrebiques e começa a enganar o marido desde o primeiro dia [...] Parodiando a Bíblia, podemos escrever que a mulher pintada arruína a casa, deitando abaixo, com as mãos, a felicidade de seu lar. E não é isso que nós homens de bom senso, desejamos para edificar o nosso ninho, a nossa prole, para termos filhos vigorosos, que ela saiba educar, porque se o homem faz a lei [...] a mãe de família faz os costumes. Nós queremos a mulher paraense em condições [...] E é claro que a pátria nada deve esperar de uma mãe de família preocupada com um arsenal de requififes, dices e instrumentos de deformação da beleza natural do seu corpo, a título de realce. Bem se sabe – ai de nós! – que a mulher já é de si mesmo sem pintura, como reconhecia Virgílio, na Eneida, ou como no verso do desolador de *Pirarea*. E imagine-se então, como ela refinará, se a tudo pospuser o toucador. Reeducá-la é, pois, o dever de todos mostrando-lhes os inconvenientes da *garidice* e do artifício, para a família, a sociedade, para a pátria.”<sup>1</sup>

O trecho retirado da *Folha do Norte* em abril de 1916 acaba ilustrando a proposição final dessa dissertação. Na medida em que mantêm uma severa vigilância as “mulheres paraenses” e os seus costumes de se “embelezar” indiscriminadamente; o articulista, em tom ligeiramente moralista deixa emergir detalhes significativos e que balizaram nossas análises: os usos de produtos, promovidos por uma nova idéia de corpo,

---

<sup>1</sup> *Folha do Norte*. “Usos e abusos femininos”, 28 de abril de 1916, p. 1.

beleza e saúde, e de modas nos vestuários e nos costumes adotados pelas mulheres de camadas mais abastadas em Belém nas primeiras décadas do século XX. Não distante disso Gilda de Mello e Souza em seu livro *O espírito das roupas: a moda do século XIX* situa moda como veículo de expressão de idéias, comportamentos e sentimentos.<sup>2</sup>

Procuramos nesse estudo tratar a história social dessas mulheres da elite evitando uma ótica acelerada, assentada exclusivamente em dicotomias sociais. Seguindo trilhas abertas por vários pesquisadores das ciências sociais e da história, recuperamos registros, muitos destes soltos num universo fragmentado e que acordamos chamar de “*cousas miúda*”.<sup>3</sup> Foram estes tantos acanhados artigos ou as tantas sugestivas historietas que aludiram nossos problemas investigativos. A partir disso nos deparamos com a constante idéia da presença feminina nas ruas de Belém, fossem em “ocasiões de compras e passeios no comércio”, nos “passeios em vias públicas da cidade sem a companhia antes exigida do pai ou dos irmãos”, nas “missas e depois das cerimônias”, em “passeios triviais” pelas ruas de Belém ou “nas manhãs do bosque ou do comércio usando bordados” extravagantes.<sup>4</sup> Tais exemplos que, aliás, se acumulam diariamente nos periódicos inquiridos. Tudo isso nos abriram caminhos para uma reflexão acerca dos usos, critérios e ocasiões para exibição das *toilette* modernas, além dos muitos julgamentos dos responsáveis em construir a opinião geral na época.

Os documentos dispersos ao longo dessas páginas (cunhados pelos observadores) abrangem dados que nos introduzem ao campo que transcende ao simples ato de comprar ou consumir elementos indumentários. Os documentos dão ampla evidência da presença das mulheres da elite em setores públicos. Permitem-nos assim refletir a cerca dos valores sociais, identitários<sup>5</sup> e simbólicos vividos por estas mulheres, que se lançaram (conjuguem-se as questões econômicas, sentimentos de emancipação e normas que guiavam os jogos sociais) ao desejo de sociabilidade. Reconhecemos o papel das mulheres (das elites) nas transformações dos comportamentos como crucial. Fosse conhecedoras dos tecidos em voga ou das razões

---

<sup>2</sup> SOUZA, Gilda de Mello. *Cit.*, p. 29 seq.

<sup>3</sup> Nossas metodologias foram assentadas a partir de: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Orgs.). *Cit.*, 9-20 passim.

<sup>4</sup> *Belém Nova*. 15 de setembro de 1927, página não identificada.

<sup>5</sup> Sobre a idéia de *identidade das roupas*. A esse respeito, ver: CRANE, Diana. *Cit.*, p. 24-30 passim.

dos árbitros da moda, alinhavam também sua parcela de contribuição na reconstrução do papel da mulher na sociedade moderna.<sup>6</sup>

Entendemos os critérios do consumo indumentário para muito além de uma simples manifestação de artigos utilitários, funcionais. A partir disso tornou-se razoável propormos que as “extravagâncias” de consumo experimentadas no auge da economia gomífera se estenderam até sua fase de declínio. Sendo assim, nossas propostas foram não tanto seguir, passo a passo a construção dos discursos sobre os usos da moda, mas tentar entender as questões complexas imbuídas nesses mesmos discursos, com vistas a uma história social das aparências, através de vozes que insurgiam nas crônicas.

Assim definido e especificado os núcleos da análise, certas particularidades em sua estrutura levaram-nos a ramificações da pesquisa que julgamos indispensável para um maior e melhor alcance da dita nova realidade da época ou comportamento de natureza cultural. Assim, apresentamos as “modas de mulher” do início do século XX em Belém com o emblema de “desempenhadora de um papel social” e não poderia ser diferente. Seu caráter simbólico revela seu desempenho no processo de manutenção de *status* social até sua performance como código não-verbal. Reconstruir a história de Belém a partir das mudanças na natureza da moda e nos critérios que orientam as escolhas de vestuários é mais um modo de perceber as permanências históricas e os rompimentos, que chamamos de valores sociais emergentes. Para Gilles Lipovetsky, a moda é uma lógica social independente dos conteúdos; todas as condutas, todas as instituições são suscetíveis de ser levadas pelo espírito da moda, pelo fascínio do novo e a atração dos modernos.<sup>7</sup>

A moda *borraria* as fronteiras de gênero, esfumando os contornos,<sup>8</sup> autentica Maria Claudia Bonadio. O corpo da mulher *moderna* aflorava nas bordas das roupas de seda, acentuando como nunca a estreiteza das cinturas. Elas tomavam a cena, usavam uma nova *embalagem*, mas também reproduziam a nova concepção de seu papel social através de complexo processo histórico agasalhado pela moda de saias curtas, dos vestidos em cores vibrantes, dos cabelos curtos e dos braços de fora. Ao mesmo tempo mantinham-se, não raro, atreladas a seus pais e maridos, aos valores burgueses da casa e da família, sem, entretanto, deixarem de expor seus desejos, muitas vezes até de mudanças maiores a partir das roupas.

---

<sup>6</sup> Entendemos que os observadores da época compreendiam estes *novos* costumes como sinônimo de modernidade, a partir de seus próprios enunciados.

<sup>7</sup> LIPOVETSKY, Gilles. *Cit.*, p. 200.

<sup>8</sup> BONADIO, Maria Claudia. *Cit.*, p. 121-129 *passim*.

## FONTES

### REVISTAS

- A Semana*, Belém. Obras Raras, CENTUR (1922-1927).  
*A Penna*, Belém. Obras Raras, CENTUR (1914).  
*Belém Nova*, Belém. Obras Raras, CENTUR (1923-1927).  
*Ephemeris*, Belém. Obras Raras, CENTUR (1916).  
*O Record*, Belém. Obras Raras, CENTUR. (1918).

### JORNAIS

- A Palavra*, Belém. Jornais, CENTUR (1917-1928).  
*A Tarde*, Belém. Jornais, CENTUR (1915-1916).  
*Diário de Notícias*, Belém. Jornais, CENTUR (1892 e 1898).  
*Folha do Norte*, Belém. Microfilmagem, CENTUR (1901-1924).  
*O Democrata*, Belém. Microfilmagem, CENTUR (1895).

### Organização das fontes na seqüência de citação a cada seção:

### INTRODUÇÃO

- A Semana*, 20 de janeiro de 1923.  
SOUSA, Alves de. “Crônica”. *Ephemeris*, Volume I, agosto de 1916.  
JUNIOR, Rembrandt. *A vida elegante*. *Folha do Norte*, 23 de dezembro de 1915.  
*A Palavra*. *Os caprichos da moda*, 20 de janeiro de 1921.

### PRIMEIRO CAPÍTULO

1. BISBILHOTEIRO. *A Semana*. A Vida Fútil, 30 de junho de 1923.
2. *Folha do Norte*. Belém, 25 de junho de 1910.
3. *Folha do Norte*. Belém, 14 de agosto de 1915.
4. *Folha do Norte*. Belém, 21 de julho de 1915.

5. *Folha do Norte*. Belém, 11 de setembro de 1915.
6. *Belém Nova*, 19 de setembro de 1925.
7. CASTRO, Pereira. *A Semana. A Semana Elegante. Ao figurino*, 21 de janeiro de 1922.
8. *A Semana*, 20 de janeiro de 1923.
9. VEIGA, Fabrício da. *A Semana. Flores de Papel “Casa das Modas”*, 06 de novembro de 1926.
10. *Diário de Notícias. Falando as moças*, 09 de outubro de 1892.
11. *A Semana*. Belém, 28 de março de 1925.
12. *A Penna*, 14 de julho de 1914.
13. *A Palavra*, 23 de setembro de 1917.
14. *A Palavra*, 04 de setembro de 1919.
15. *Folha do Norte*, 11 de julho de 1922.
16. Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo em 07 de setembro de 1822, pelo Dr. Antonio Emiliano de Sousa Castro (Governador do Estado do Pará).
17. ARLEQUIM. *Diário de Notícias, Entre Compadres?* 03 de julho de 1892.
18. *Folha do Norte*, 11 de julho de 1922.
19. E. S. F. *A Semana. Miss Futilidade*, 18 de fevereiro de 1922.
20. FLEUR, Mlle. *A Semana. A Semana Elegante “A Moda”*, 09 de junho de 1923.
21. *A Palavra*, “*As últimas modas parisienses*”, 11 de setembro de 1919.
22. *O Record. Reportagens Confidenciais*, dezembro de 1918 (número avulso).
23. CORRÊA, Mario H. *A Semana. A Semana Elegante - “Na Praia”*, 07 de janeiro de 1922.
24. *A Semana. Mundanismo*, 30 de setembro de 1923.
25. *A Semana*, 29 de abril de 1922.
26. *A Semana*, 01 de novembro de 1922.
27. *A Semana*, 22 de novembro de 1924.
28. *A Semana*, 10 de janeiro de 1925.

29. *A Semana*, 28 de agosto de 1926.
30. *Folha do Norte*, 07 de outubro de 1924.
31. *A Semana. A Vida Fútil*, 22 de novembro de 1924.
32. KODAK, Mister. *A Semana. A Vida Fútil*, 22 de novembro de 1924.
33. CÉU, Maria do. *Belém Nova. "Páginas de Mulher – Feminismo"*, 14 de março de 1925.
34. WALQUIRIA. *A Tarde, a Vida Social*, 11 de novembro de 1915.
35. CORRÊA, Mario H. *A Semana. A Semana Elegante - "Mademoiselle Sensitiva"*, 08 de fevereiro de 1922.
36. MARQUES, Berilo. *Belém Nova. "Bataclan"*, 30 de setembro de 1923.
37. *Folha do Norte. "A vida elegante"*, 23 de dezembro de 1915.
38. *A Tarde. Tricentenário da fundação de Belém*, 02 de outubro de 1915.
39. *A Tarde. Tricentenário da fundação de Belém*, 30 de novembro de 1915.
40. *A Tarde. Tricentenário de Belém*, 21 de dezembro de 1915.
41. *Folha do Norte*, 23 de março de 1910.
42. *Folha do Norte*, 25 de maio de 1910.
43. *Folha do Norte*, 13 de junho de 1910.
44. *Folha do Norte*, 25 de junho de 1910.
45. *Folha do Norte*, 28 de outubro de 1910.
46. *Folha do Norte*, 06 de Janeiro de 1915.
47. KRISCH, Johon. *A Semana. Vida Fútil*, 04 de abril de 1922.
48. *Belém Nova*, 15 de novembro de 1925.
49. *A Palavra. Para o Povo*, 08 de junho de 1917.
50. *A Palavra. Uma Mãe*, 03 de junho de 1917.
51. CAMPEÃO, J. T. Silva. Rio de Janeiro, 25/12/1916, Revista Feminina. *A Palavra*, 11 de março de 1917.
52. *A Palavra. As Modas*, 03 de janeiro de 1918.

53. *A Palavra. A Moda*, 20 de janeiro de 1918.
54. *A Palavra. Graves palavras de S. S. Benedito XV. Sobre as modas inconvenientes. Seus conselhos sobre o apostolado da mulher católica*, 21 de dezembro de 1919.
55. *A Palavra*, 25 de janeiro de 1917.
56. *Belém Nova*, 15 de agosto de 1925.
57. *A Tarde. Teatros e Cinemas*, 05 de novembro de 1915.
58. *A Semana. A Arte do Silêncio*, 07 de janeiro de 1922.
59. *A Palavra*, “*Efeitos do cinema*”, 27 de setembro de 1917.
60. *A Semana. A Semana Elegante “Na tela branca”*, 09 de agosto de 1924.
61. *A Palavra*. “*Instruamos e educamos por meio do cinema*”, 31 de julho de 1921.
62. KODAK, Mister. *A Semana. A Vida Fútil. Palavras... Sorrisos... Olhares...* 28 de março de 1925.
63. E. S. F. *A Semana. Miss Futilidade*, 18 de fevereiro de 1922.
64. KODAK, Mister. *A Semana. A Vida Fútil. Palavras... Sorrisos... Olhares...* 01 de março de 1924.
65. *A Semana. A Arte do Silêncio*, 07 de janeiro de 1922.
66. KODAK, Mister. *A Semana. A Vida Fútil “Princesa da Elegância”*, 09 de agosto de 1924.

## SEGUNDO CAPÍTULO

1. CECY. *A Semana. Garrotices “Do Rio – A moda e seus encantos”*, 23 de abril de 1927.
2. *O Democrata*, 18 de janeiro de 1895.
3. *A Tarde*, 02 de agosto de 1916.
4. *A Semana. A Semana Elegante “A moda feminina”*, 09 de agosto de 1924.
5. *A Palavra*. “*Que grande indecência!*”, 23 de setembro de 1917.

6. CORRÊA, Mario H. *A Semana. A Semana Elegante - "Na Praia"*, 07 de janeiro de 1922.
7. *Folha do Norte*. Belém, 03 de março de 1898.
8. F. *A Semana. A Semana Elegante "Registro: Cabelos Curtos"*, 01 de novembro de 1924.
9. KODAK. Mister. *A Semana. A Vida Fútil. Palavras... Sorrisos... Olhares...*, 09 de agosto de 1924.
10. *Folha do Norte*, 11 de julho de 1922.
11. *Folha do Norte*, 01 de janeiro de 1910.
12. *Folha do Norte*. "O problema do vestuário em climas quentes", 27 de abril de 1916.
13. *Folha do Norte*. "Usos e abusos femininos", 28 de abril de 1916.
14. *A Palavra*. "Queixas e mais queixas", 09 de fevereiro de 1919.
15. *A Palavra*. "Os desgostos de uma vaidosa", 20 de março de 1919.
16. LAERCIO. *A Semana. No Reinado da Elegância "A Festa do Dr. Osvaldo"*, 01 de novembro de 1924.
17. KODAK, Mister. *A Semana. A Vida Fútil. Palavras... Sorrisos... Olhares...*, 01 de março de 1924.
18. DANTAS, Júlio. *A Semana. Os contos d'A Semana "Saias Curtas"*, 29 de março de 1924.
19. *A Tarde*. "Vida Social", 01 de dezembro de 1915.
20. *Folha do Norte*. Anúncio "Crônica Elegante", 04 de janeiro de 1901.
21. *Folha do Norte*. Anúncios "Casa Jacques Levy" e "Petit Paris", 31 de janeiro de 1904.
22. *Folha do Norte*. Anúncio "Petit Paris", 31 de janeiro de 1904.
23. *A Tarde*. Anúncio interno, 06 de outubro de 1915.
24. *A Palavra*. Anúncio interno, 27 de setembro de 1917.
25. *A Palavra*. Anúncio interno, 23 de setembro de 1917.
26. *A Palavra*. Anúncio interno, 04 de setembro de 1919.
27. *A Penna*, 14 de julho de 1914.



28. *A Semana*. Anúncio interno, 21 de janeiro de 1922.
29. *A Semana*. Anúncio interno, 15 de abril de 1922.
30. *A Semana*. Anúncio interno, 22 de novembro 1924.
31. *A Semana*. Anúncio interno, 06 de novembro de 1926.
32. *A Semana*. Anúncio interno, 25 de maio de 1927.
33. *Ephemeris*. *O mês elegante: A moda*. Volume I, agosto de 1916.
34. *A Tarde*. “*Estrela do mar*”, 04 de dezembro de 1915.
35. *Belém Nova*. 15 de novembro de 1925.
36. *Belém Nova*. 15 de setembro de 1927.
37. CECY. *A Semana*. *Garrotices “Do Rio – A moda e seus encantos”*, 23 de abril de 1927.
38. *Belém Nova*, 15 de novembro de 1925.
39. *A Palavra*. Anúncio “*Casa Guerra*”, 29 de setembro de 1918.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

1. *Folha do Norte*. “*Usos e abusos femininos*”, 28 de abril de 1916.
2. *Belém Nova*, 15 de setembro de 1927.

**REFERÊNCIAS****I. MONOGRAFIAS, DISSERTAÇÕES E TESES**

ÁLVARES, Maria Luzia. *Saias, Laços & Ligas: construindo imagens e lutas (um estudo sobre as formas de participação política e partidária das mulheres paraenses – 1910/1937)*. Belém: NAEA/PLADES/UFPA, 1990.

AMARAL, Alexandre Souza. *Vamos à vacina? Doenças, saúde e práticas médico-sanitárias em Belém (1904 a 1911)*. Belém: PPHIST/UFPA (Dissertação de Mestrado), 2006.

CAMPOS, Ipojucan Dias. *Casamento, divórcio e meretrício em Belém no final do século XIX*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, PUC (Dissertação de Mestrado), 2004.

CANCELA, Cristina Donza. *Casamentos e relações familiares na economia da borracha (Belém – 1870 – 1920)*. São Paulo: Universidade de São Paulo (Tese de Doutorado), 2006.

CARNEIRO, Eva Dayna Félix. *Cinema e Cidade: Um estudo o lazer na Belém dos anos de 1920*. Belém: NAEA, UFPA (Monografia de especialização), 2008.

COELHO, Alan Watrin. *A Ciência do governar: positivismo, evolucionismo e natureza em Lauro Sodré*. Belém: PPHIST/UFPA (Dissertação de Mestrado), 2006.

FARIAS, William Gaia. *A construção da República no Pará (1886-1897)*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense (Tese de Doutorado), 2005

\_\_\_\_\_. *Os Intelectuais e a República no Pará (1886-1891)*. Belém: Núcleo de Altos Estudos Amazônicos/UFPA, (Dissertação de Mestrado), 2000.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *A cidade dos encantados: pajelanças, feitiçaria e religiões afro-brasileiras na Amazônia, 1870-1950*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas (Dissertação de mestrado), 1996.

\_\_\_\_\_. *Eternos Modernos: História social da arte e da literatura da Amazônia, 1908-1929*. Tese de Doutorado em História Social. Campinas: IEFCH - Unicamp, 2001.

LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889 - 1916)*. São Paulo: Universidade de São Paulo (Tese de doutoramento), 2006.

SILVA, Allan Pinheiro da. *Cotidiano e guerra nos cinemas de Belém (1939-1945)*. São Paulo: PUC, (Dissertação de Mestrado), 2007.

SILVA, Jairo de Jesus Nascimento da. *Em Busca da Cura: Os debates entre medicina científica e medicina popular acerca da profilaxia adequada à varíola, em Belém, de 1884 a 1904*. Belém: PPHIST/UFGA (Dissertação de Mestrado), 2009.

## II. CAPÍTULOS E ARTIGOS DE PUBLICAÇÕES IMPRESSAS

ÁLVARES, Maria Luzia Miranda. *Memórias e Imagens do feminismo e das ligas partidárias no Pará: 1910 a 1937*. In: ÁLVARES, Maria Luzia Miranda (Org.), D'INCAO, Maria Ângela (Org.) *A Mulher Existe? Uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia*. Belém: GEPEM, 1995.

AMORIN, Augusto. *O cinema brasileiro e o espectador: cinco décadas de fases e ciclos*. In: Humanitas (Caderno do Centro de Filosofia e Ciências Humanas). *Linguagem e Simbolismo*. Universidade Federal do Pará: v. 21, n. ½, 2005, p. 33-46.

BRESCIANNI, Maria Stella. *História e Historiografia das Cidades, Um Percurso*. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. 2 Ed. São Paulo: Contexto, 1998.

CHARTIER, Roger. "Introdução". In: *A história cultural – entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Veneza, África, Brasil: leituras republicanas, tradições coloniais e imagens do carnaval carioca*. In: *Festa: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*. Vol. I. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp: Imprensa Oficial, 2001.

DE LUCA, Tania Regina. *Fontes Impressas - História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

GUIMARÃES, Valéria. *Os dramas na cidade nos jornais de São Paulo na passagem para o século XX*. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, V. 27, n. 53, p. 323-349, 2007.

LACERDA, Franciane Gama. *Requerendo passagem para si e sua família: mulheres migrantes no Para da virada do século XIX*. In: *Projeto História*, São Paulo, (27), dezembro, 2003.

MARTINS JUNIOR, Carlos. *Normas sexuais e exclusão social: o direito penal e os padrões de honra e honestidade feminina no Brasil da Belle – Époque*. In: PERARO, Maria Adenir, BORGES, Fernando Tadeu de Miranda. *Mulheres e Famílias no Brasil*. Cuiabá, MT: Carlini e Caniano, 2005.

MOTT, Maria Lúcia & MALUF, Marina. *Recônditos do mundo feminino*. In: SEVECENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil - 3*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998.

SAMARA, Eni Mesquita. “*Sexo forte*”. In: Revista Nossa História, ano 2, Nº. 17. Edição de março de 2005.

SARGES, Maria de Nazaré & COELHO, Maria Carolina. *Divulgando a Amazônia em Paris. Santa-Anna Nery e sua “Missão”*. In: Revista de Estudos Amazônicos – Revista do Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia. Belém: UFPA, volume II, Jul/Dez 2007.

SARGES, Maria de Nazaré. *Os populares no ‘fim de festa’: a participação de mulheres nos conflitos de rua em Belém (1910/1912)*. In: *Cadernos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas*. Belém, v.12, n.1/2, jan/dez, 1993.

SEVECENKO, Nicolau. “*A capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio*”. In: História da vida privada no Brasil - 3. SEVECENKO, Nicolau (Org.). São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

### III. BIBLIOGRAFIA

ARENDT, Hanna. *A condição humana*. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

ARGAN, Giulio. *História da Arte como história da cidade*. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BATES, Henry Walter. *Um naturalista no rio Amazonas*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

BENSTOCK, Shari & FERRISS, Suzanne (Orgs.). *Por dentro da moda*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. 7 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BLOCH, Marc. *Introdução a História*. Lisboa: Europa-América, 1987.

BONADIO, Maria Cláudia. *Moda e sociabilidade: mulheres e consumo na São Paulo dos anos 1920*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2007.

BOTELHO, André. *O Brasil e os dias: estado - nação, modernismo e rotina intelectual*. Bauru, SP: Edusc, 2005.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: O imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTARÈDE, Jean. *O luxo: os segredos dos produtos mais desejados do mundo*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2005.

CHALHOUB, Sidney [et. al.]. *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2005.

CHALHOUB, Sidney. *A cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores pobres no Rio de Janeiro na belle-époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

COELHO, Marinilce Oliveira. *O grupo dos novos (1946-1952): memórias literárias de Belém do Pará*. Belém: EDUFPA / UNAMAZ, 2005.

CRANE, Diana. *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. São Paulo: Editora SENAC SP, 2006.

CRUZ, Ernesto. *Procissão dos séculos: vultos e episódios da História do Pará*. Belém: s.n., 1952.

DEL PINO, Carlos Castilla. *A “função” de mulher*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.

\_\_\_\_\_. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.

DIAS, Ednéa Mascarenhas. *A ilusão do Fausto – Manaus 1890 – 1920*. Manaus: Valer, 1999.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DUBY, Georges & PERROT, Michelle. *As mulheres e a História*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

ELIAS, Nobert. *O Processo Civilizador: formação do Estado e civilização*. Volume 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

ERNER, Guillaume. *Vítimas da moda? Como a criamos, por que a seguimos*. São Paulo: Editora SENAC SP, 2005.

FARIAS, William Gaia. *Amazônia Republicana*. Belém: William Gaia Farias, 2007.

FENELON, Déa Ribeiro (Org.). *Cidades*. São Paulo: PUC/Olho d'Água, 1999.

FLÚGOLI JR, Heitor. *Sociabilidade Urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

FREYRE, Gilberto. *Modos de Homens & Modas de Mulher*. 2 ed. ver. São Paulo: Global, 2009.

GIACOMINI, Sonia Maria. *A Alma da festa: família, etnicidade e projetos num clube social da zona norte do Rio de Janeiro – o Renascença Clube*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.

GIDDENS, Antony. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

HAHNER, June E. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil (1850-1940)*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

HARVEY, John. *Homens de Preto*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

ISTVÁN, Jancsó & KANTOR, Iris. *Festa: Cultura e Sociabilidade na America Portuguesa*. Vol. II. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp: Imprensa Oficial, 2001.

KOHLER, Carl. *História do vestuário*. Edição e atualização de Emma von Sichart. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LAVIER, James. *A roupa e a moda: uma história concisa*. Capítulo final [por] Christina Probert; tradução Glória Maria de Mello Carvalho. São Paulo: Companhia da Letras, 1989.

LE GOFF, Jacques (Org.). *A história nova*. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LIMA, Yone de. *A ilustração na produção literária de São Paulo na década de vinte*. São Paulo: IEB-USP, 1985.

LIPOVESTSKY, Gilles e ROUX, Elyette. *O luxo eterno: da idade do sagrado ao tempo das marcas*. Dão Paulo: Companhia das letras, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. *O Império do Efêmero: a Moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MACHADO, Alcântara. *Vida e morte do bandeirante*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1980.

MALERONKA, Wanda. *Fazer roupa virou moda: um figurino de ocupação da mulher (São Paulo 1920-1950)*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2007.

MARCÍLIO, Maria Luiza (Org.). *Família, mulher, sexualidade e igreja na história do Brasil*. São Paulo: Ed. Loyola, 1993.

MATOS, Maria Izilda Santos de & SOIHET, Raquel (Orgs.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

\_\_\_\_\_. *Por uma história da mulher*. Bauru, SP: EDSC, 2000.

MEIRA, Octavio. *Memória de quase ontem*. Rio de Janeiro: Lidador, 1976.

MENEZES, Bruno de. *Obras completas de Bruno de Menezes*. Belém: Secretaria Estadual de Cultura, 1993.

NASCIMENTO, João Affonso do. *Três séculos de modas*. 2ª ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1976.

NERY, Frederico José de Santa-Anna. *O País das Amazonas*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

NETO, José Maia Bezerra; GUZMÁN, Décio de Alencar (Orgs.). *Terra Matura: historiografia e história social na Amazônia*. Belém: Paka-Tatu, 2002.

ORTIZ, Renato. *Cultura e Modernidade (A França no século XIX)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

PECHMAN, Robert Moses (Org.). *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

PERARO, Maria Adenir & BORGES, Fernando Tadeu de Miranda (Orgs.). *Mulheres e famílias no Brasil*. Cuiabá, MT; Carlini & Caniato, 2005.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

\_\_\_\_\_. *Os excluídos da história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

RAGO, Luzia Maragareth. *Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar-1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RECH, Sandra Regina. *Moda: por um fio de qualidade*. Florianópolis: UDESC, 2002.

ROCHE, Daniel. *A cultura das aparências: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII)*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. *História das coisas banais – Nascimento do consumo (séc. XVII – XIX)*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 257.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. *Teoria de moda: sociedade, imagem e consumo*. 2 ed. São Paulo: Edição das Letras e Cores, 2009.

SANTOS, Gilmar. *Como tudo começou?* In: *Princípios da publicidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)*. Belém: Paka-Tatu, 2002.

\_\_\_\_\_. *Memórias do Velho Intendente*. Belém: Paka-Tatu, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SOUZA, Carlos Alberto de. *Nossa aventura na tela. A trajetória fascinante do cinema brasileiro da primeira filmagem a Central do Brasil*. SP: Cultura Editores Associados, 1998.

SOUZA, Gilda de Mello. *O espírito das roupas: a moda no século XIX*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

VEILLON, Dominique. *Moda & Guerra: um retrato da França ocupada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

VIGARELLO, Georges. *História da beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

VOLPI, Alexandre. *A história do consumo no Brasil: do mercantilismo a era do foco no cliente*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelos rios Amazonas e Negro*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

WEINSTEIN, Barbara. *A Borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993.

WOLFF, Cristina Scheibe. *Mulheres da Floresta: uma história: Alto Juruá, Acre (1890-1945)*. São Paulo: Hucitec, 1999.